



UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA
"JÚLIO DE MESQUITA FILHO"
Campus de Presidente Prudente

FACULDADE DE CIÊNCIAS E TECNOLOGIA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM GEOGRAFIA

Jerson Joaquim da Silva

***COOPERATIVISMO E REDES SOCIAIS:
A Organização do Trabalho na Cooperlix de Presidente Prudente.***

**Presidente Prudente (SP)
2007**

Jerson Joaquim da Silva

***COOPERATIVISMO E REDES SOCIAIS:
A Organização do Trabalho na Cooperlix de Presidente Prudente***

**Tese apresentada ao Programa de Pós-Graduação
em Geografia da Faculdade de Ciência e
Tecnologia UNESP – Presidente Prudente, para
obtenção do título de Doutor.**

**Orientador: Prof. Dr. Antonio Cezar Leal
Co-orientador: Prof. Dr. Antonio Thomaz Jr.**

**Presidente Prudente (SP)
2007**

Ficha catalográfica

S586c	<p>Silva, Jerson Joaquim. Cooperativismo e redes sociais: a organização do trabalho na Cooperlix de Presidente Prudente / Jerson Joaquim da Silva. – Presidente Prudente : [s.n.], 2007. 190.</p> <p>Tese (Doutorado em Geografia) – Universidade Estadual Paulista - UNESP – Faculdade de Ciência e Tecnologia: Presidente Prudente – SP, 2007. Bibliografia</p> <p>1. Palavras chave. I. Título.</p>
-------	--

DEDICATÓRIA

Dedico este trabalho a todos os cooperados da Cooperlix, que contribuíram para esta tese, por terem enriquecido minha vida pessoal e profissional.

Devo um agradecimento especial a minha família, sem a qual não haveria nenhuma jornada, aos meus pais que me ensinaram sobre liderança, pelo modo como viveram suas vidas, que me ajudaram a encontrar coragem para fazer quase tudo.

AGRADECIMENTOS

Mesmo antes de sentar para escrever esta tese eu sabia que ela seria fruto da colaboração de muitas pessoas.

Não foi possível citar, aqui, todos que me apoiaram em minha própria jornada para a concretização desta tese, mas gostaria de agradecer publicamente às pessoas que foram importantes para mim neste trabalho.

Ao meu orientador, Prof. Dr. Antonio Cezar Leal, que ofereceu-me sua competência, paciência, solidariedade e estímulo, orientando-me habilidosamente ao longo do processo desta pesquisa.

Ao meu co-orientador Prof. Dr. Antonio Thomaz Junior, que inspirou-me a pensar de uma nova maneira sobre o sentido do trabalho.

Aos meus amigos e colegas de trabalho, Alba Arana, Luis Darben, Nancy Okada, Edilene Mayume, Maristela Moraes, Irene Caíres, Fábio Nogueira, que me apoiaram com palavras de encorajamento e sugestões.

Ao amigo e professor Valdecir de Melo que colaborou nas traduções que ajudaram a compor o escopo desta tese.

A Dra. Gessy Feltrin na revisão dos textos deste trabalho.

A bibliotecária Mara Magalhães na formatação e revisão técnica.

Ao Prof. Edson Buoro pelas contribuições na revisão de texto

A Maria Cristina Santamaría pelo auxílio na organização da tese.

Ao Gustavo Sitta pela cooperação dispensada na finalização da tese.

A Profa. Sônia Emília Rocha Bertoli da Silva pela revisão ortográfica.

Somente quando o homem, em sociedade, busca um sentido para sua própria vida e falha na obtenção deste objetivo, é que isso dá origem à sua antítese, a perda de sentido.

LUKÁCS, Ontologia do ser social-1990

LISTA DE ABREVIATURAS

- ABIQ** – Associação Brasileira de Indústria Química.
- ABNT** – Associação Brasileira de Normas Técnicas.
- ACAMAR** – Associação de Catadores de Material Reaproveitável de Capão Bonito.
- ACI** – Aliança das Cooperativas Internacionais.
- ANTEAG**- Associação de Trabalhadores em Empresas Autogestionárias e Participação Acionária.
- ANVISA** – Agência Nacional de Vigilância Sanitária.
- APA** – Agência de Proteção Ambiental.
- ASMARE** – Associação dos Catadores de Papel, Papelão, e Material Reaproveitável-Belo Horizonte-MG
- CCQ** - Círculos de Controle de Qualidade.
- CEADEC** – Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania de Sorocaba.
- CEMPRE** – Compromisso Empresarial para Reciclagem.
- CETESB** – Companhia de Tecnologia de Saneamento Ambiental.
- CIPA** – Comissão Interna de Prevenção de Acidentes.
- CLT** – Consolidação das Leis do Trabalho.
- CNC** – Conselho Nacional do Cooperativismo.
- CNEN** – Comissão Nacional de Energia Nuclear.
- CONAMA** – Conselho Nacional do Meio-Ambiente.
- COOCICLA** – Cooperativa de Reciclagem de Santo André.
- COOPAMARE** – Cooperativa de Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Recicláveis –SP.
- COOPERA-EMBU** – Cooperativa de Produção e Reaproveitamento de Embu.
- COOPERLIX** – Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente.
- CORESO** – Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba.
- EPI** – Equipamento de Proteção Individual.
- FACIC** – Faculdade de Administração e Ciências Contábeis.
- FAPESP** – Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.
- FATES** – Fundo de Assistência Técnico Educacional e Social.

FCT – Faculdade de Ciências e Tecnologia.

FENASCON – Federação Nacional dos Trabalhadores em Serviços, Asseio e Conservação, Limpeza Urbana, Ambiental e Áreas Verdes.

FGTS – Fundo de Garantia de Tempo de Serviço.

IBGE - Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística.

IDEC – Instituto de Desenvolvimento Econômico.

INCOOP - Incubadora Regional de Cooperativas Populares.

INCRA – Instituto Nacional de Colonização e Reforma Agrária.

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social.

IQR – Índice de Qualidade de Aterros.

ITCP- Incubadora Tecnológica de Cooperativas Populares.

NBR – Normas Brasileiras de Resíduos.

OCB – Organização das Cooperativas Brasileiras.

OCEs – Organização das Cooperativas Estaduais.

OMS – Organização Mundial de Saúde.

ONGs – Organizações Não Governamentais.

PIS – Programa de Integração Social.

PRODESAN – Progresso e Desenvolvimento de Santos.

PRUDENCO - Companhia Prudentina de Desenvolvimento.

SEMAN – Secretaria do Meio Ambiente.

SENAC – Serviço Nacional de Aprendizagem Comercial.

SENAES – Secretaria Nacional de Economia Solidária.

SESCOOP – Serviço Nacional de Aprendizagem do Cooperativismo.

SIEMACO – Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços, de Asseio e Conservação e Limpeza Urbana de Presidente Prudente.

UFSCar – Universidade Federal de São Carlos.

UNESP – Universidade Estadual Paulista Julio de Mesquita Filho.

UNOESTE – Universidade do Oeste Paulista.

LISTA DE FOTOS

Foto 1 – Primeira reunião fora do lixão com os trabalhadores catadores para a apresentação do projeto, 2002.....	45
Foto 2 – Cooperados na divulgação no Bairro Ana Jacinta em Presidente Prudente	49
Foto 3 – Aplicação do questionário no lixão de Presidente Prudente.....	50
Foto 4 – Fachada da Cooperlix em Presidente Prudente.....	61
Foto 5 – Caminhão da Prudenco cedido à Coleta Seletiva	62
Foto 6 – Veículo doado pela Diocese de Presidente Prudente para a Coleta Seletiva....	63
Foto 7 – Veículo doado pelos Rotarys de Presidente Prudente à Cooperlix.....	64
Foto 8 – Lixão de Presidente Prudente	65
Foto 9 – Baias de resíduos reciclados e separados da Cooperlix	77

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Produção mensal de resíduos sólidos pela Cooperlix.....	54
Gráfico 2 – Identificação dos Cooperados da Cooperlix quanto ao gênero	68
Gráfico 3 – Estado Civil dos integrantes da Cooperlix.	69
Gráfico 4 – Faixa Etária dos integrantes da Cooperlix.....	70
Gráfico 5 – Grau de Escolaridade dos integrantes da Cooperlix.....	71
Gráfico 6 – Tempo de associado na Cooperlix.....	72
Gráfico 7 – Principais problemas detectados na Cooperlix.....	73
Gráfico 8 – Retirada mensal dos cooperados no ano de 2007	75
Gráfico 9 – Entendimento sobre cooperativismo pelos cooperados.....	91
Gráfico 10 – Se prefere trabalhar com carteira assinada ou como cooperado.....	92
Gráfico 11 – Condições de Moradia dos Cooperados	102
Gráfico 12 – Número de filhos por família dos cooperados.....	104
Gráfico 13 – Atividade Profissional anterior à Cooperlix	129
Gráfico 14 – Tempo de Trabalho no Lixão	132
Gráfico 15 – Comprometimento quanto às Atribuições de seus Cargos.....	133
Gráfico 16 – Motivo que o levou a ser Cooperado.....	150
Gráfico 17 – Expectativas em relação à Cooperlix	152
Gráfico 18 – Motivos de Permanência dos Cooperados na Cooperlix.....	157
Gráfico 19 – Se o Cooperado se arrependeu de ter se associado à Cooperlix.....	158
Gráfico 20 – Se a Cooperlix Sobrevive sem os Apoiadores e Parceiros	163

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Tipologia da Pesquisa-ação	23
Quadro 2 – Bairros e Condomínios com Coleta Seletiva	51
Quadro 3 – Produção mensal de material reciclado pela Cooperlix	54
Quadro 4 – Relação nominal dos integrantes da Cooperlix	58
Quadro 5 – Diferenças entre Associação e Cooperativa	90
Quadro 6 – Procedência dos cooperados	99
Quadro 7 – Comparativo entre os Programas de Reciclagem de Resíduos Sólidos e as ações da Cooperlix.....	117
Quadro 8 – Comparação entre Sociedades Cooperativista X Mercantil X Cooperativas de Resíduos Sólidos.....	118
Quadro 9 – Divergências entre as Cooperativas Pesquisadas por Magera e COOPERLIX.....	119
Quadro 10 – Comparação na Forma de Gestão entre a Cooperlix e Outras Cooperativas	120
Quadro 11 – Atual Estrutura Organizacional da Cooperlix – 2007	164

LISTAS DE FIGURAS

Figura 1 – Localização de Presidente Prudente no Estado de São Paulo.....	48
Figura 2 – Mapa da Coleta Seletiva em Presidente Prudente.....	53
Figura 3 – A localização da Cooperlix em Prudente.....	60
Figura 4 – Organograma funcional da Cooperlix.....	67
Figura 5 – Esquema Ilustrativo das Etapas do Processo de Incubação	149

SILVA, J.Jerson. Cooperativismo e Redes Sociais: A Organização do Trabalho na Cooperlix de Presidente Prudente. Presidente Prudente: FCT, UNESP, 2007. 193 f. Tese (doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2007.

Resumo:

A nossa participação como parceiro foi fundamental para a compreensão dos problemas, contradições e possibilidades que vivem os integrantes da Cooperlix no dia-a-dia de seu trabalho. Essa vivência da condição dos cooperados ajudou-nos, portanto, na delimitação de nossas indagações acerca das condições do processo organizativo do trabalho cooperativo e da nossa condição de pesquisador e parceiro. Isso levou-nos a focar a forma de trabalho cooperativo desempenhado pelos cooperados e a entender a atuação dos parceiros e apoiadores na rede solidária de apoio à Cooperlix visando à inclusão social e a geração de renda através do trabalho cooperativo organizado. Sob a ótica da pesquisa quanti-qualitativa, usamos como prática a pesquisa-ação, buscando elementos que propiciassem a compreensão dos objetivos propostos dentre os quais: averiguar a motivação que levou os parceiros e apoiadores a se envolverem com a Cooperlix; compreender o que a Cooperlix representa no imaginário dos cooperados em nível de satisfação e expectativas e analisar a trajetória profissional de cada cooperado até sua inserção como cooperado. A presente pesquisa questiona como os cooperados que conviveram com o modelo de relacionamento de poder-submissão, de patrão-empregado, de mando-obediência, podem no dia-a-dia sobrepor esses conceitos com o trabalho cooperativo? Assim, partimos da hipótese de que a Cooperlix possui uma característica própria, que por vezes pode distingui-la da empresa privada individual, pela especificidade gerada por seu próprio modelo organizacional, por suas características de gestão e pela organização do trabalho. Baseado nessas proposições é que acreditamos que, a Cooperlix se insere na condição de cooperativa de trabalho, mesmo contando com o apoio da uma rede solidária de parceiros, a mesma se insere como geradora de renda para os cooperados, de meio de inclusão de catadores no trabalho cooperativo e no movimento nacional de catadores.

Palavras-chaves: Cooperativismo, Redes Sociais, Trabalho, Resíduos Sólidos, Solidariedade.

SILVA J.Jerson. Co-operative and Social Branches: The Organization of the Work in the Cooperlix of President Prudente: FCT, UNESP, 2007. 192 f. These (doctorate) - College of Sciences and Technology, Universidade Estadual Paulista, 2007.

Abstract

Our participation was fundamental for the understanding of the problems, contradictions and possibilities that the co-operative members live their day by day work routine in order to make their objective concrete and see their firm as self productive. This experience of the co-operative conditions helped us in the delimitation of our indignation about the psycho-social conditions of the self made organized process, and the partnership conditions. This research has had its main focus in the work of the co-operative and in the social networks, as its main central points, all of which come together allowing the understanding of these. This means that the social inclusion and its relations with organized work within the co-operative system. Therefore, the proposal of this work was to analyze it over the analytical quantitative and qualitative research sphere, taking into consideration the research practice, looking for elements that would enlighten the comprehension of the proposed objectives among whose: verify the motivation that led the workers and supporters to get involved in the Cooperlix. Understand what the Cooperlix represents in the workers imaginary based on satisfaction and expectancies and analyze the professional trajectory of each worker up to their insertion as a participant. The current research questions as the workers lived with the model of relationship power-submission of boss-employees; demanding-obedience can day by day overcome these concepts with cooperative work. Thus, we take it for granted that Cooperlix has its own characteristics that can be distinguished from the individual private sector because of its generated specificity own organizational model of work. Based on these propositions, we believe that even submitted to a network, sometimes informal commercialization, but with assisted acts by the supporters and partners, Cooperlix is entitled to a condition of cooperative and in the national movement of solid residual of paper collectors.

Key words: Cooperatives, Social Networks, Work, Solid Wastes, Solidarity.

SUMÁRIO

1 – INTRODUÇÃO	18
1.1 – Objetivos.....	21
1.2 – Fundamentação Metodológica.....	22
1.3 – Metodologia Aplicada na pesquisa.....	23
1.4 – Objeto da pesquisa.....	25
2 – OS RESÍDUOS SÓLIDOS COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E DE GERAÇÃO DE RENDA	29
2.1 – Classificação dos resíduos sólidos.....	34
2.2 – Disposição final dos resíduos sólidos.....	38
2.3 – A Produção de resíduos e o agente ecológico	40
3- A ORGANIZAÇÃO DA COOPERLIX E SUA TRAJETÓRIA DE SONHOS DE LUTAS E DE CONQUISTAS	44
3.1 – A Cooperlix e sua trajetória histórica	56
3.2 – Identificação dos cooperados.....	58
3.3 – Dificuldades apresentadas pelos cooperados.....	73
3.4 – A dinâmica do trabalho na Cooperlix.....	76
4- COOPERATIVISMO: UMA ALTERNATIVA DE GESTÃO DE TRABALHO.....	80
4.1 – Aspectos legais das Cooperativas.....	84
5- MOBILIDADE SÓCIO-ESPACIAL DOS INTEGRANTES DA COOPERLIX	96
6- EXPERIÊNCIAS EM PROJETOS DE COLETA SELETIVA DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM OUTRAS LOCALIDADES	108
6.1 – A coleta seletiva em Diadema-SP	109
6.2 – Experiência com coleta seletiva em Embu-SP	110
6.3 – Programas de coleta seletiva de resíduos sólidos em Santos-SP.....	111

6.4 – O papel da COOP CIDADE LIMPA E COOPCICLA em Santo André-SP.....	113
6.5 – A CORESO e a coleta seletiva em Sorocaba-SP.....	114
6.6 – O Papel da Associação Reciclando Vida de Álvares Machado-SP.....	115

**7 – A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NA COOPERLIX ATRAVES DO
COOPERATIVISMO125**

7.1 – Os impactos do desemprego no Brasil	130
---	-----

**8 – O PAPEL DOS PARCEIROS E APOIADORES NA COOPERLIX
ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS138**

8.1 – As redes sociais dos parceiros	141
8.2 – A ação do Poder Público Municipal à Cooperlix	143
8.3 – Papel dos Apoiadores em Relação à Cooperlix.....	145
8.4 – Depoimentos de Parceiros e Apoiadores	154
8.5 – O papel dos Parceiros e dos Apoiadores sob a ótica dos cooperados.....	159

9 – CONCLUSÕES.....167

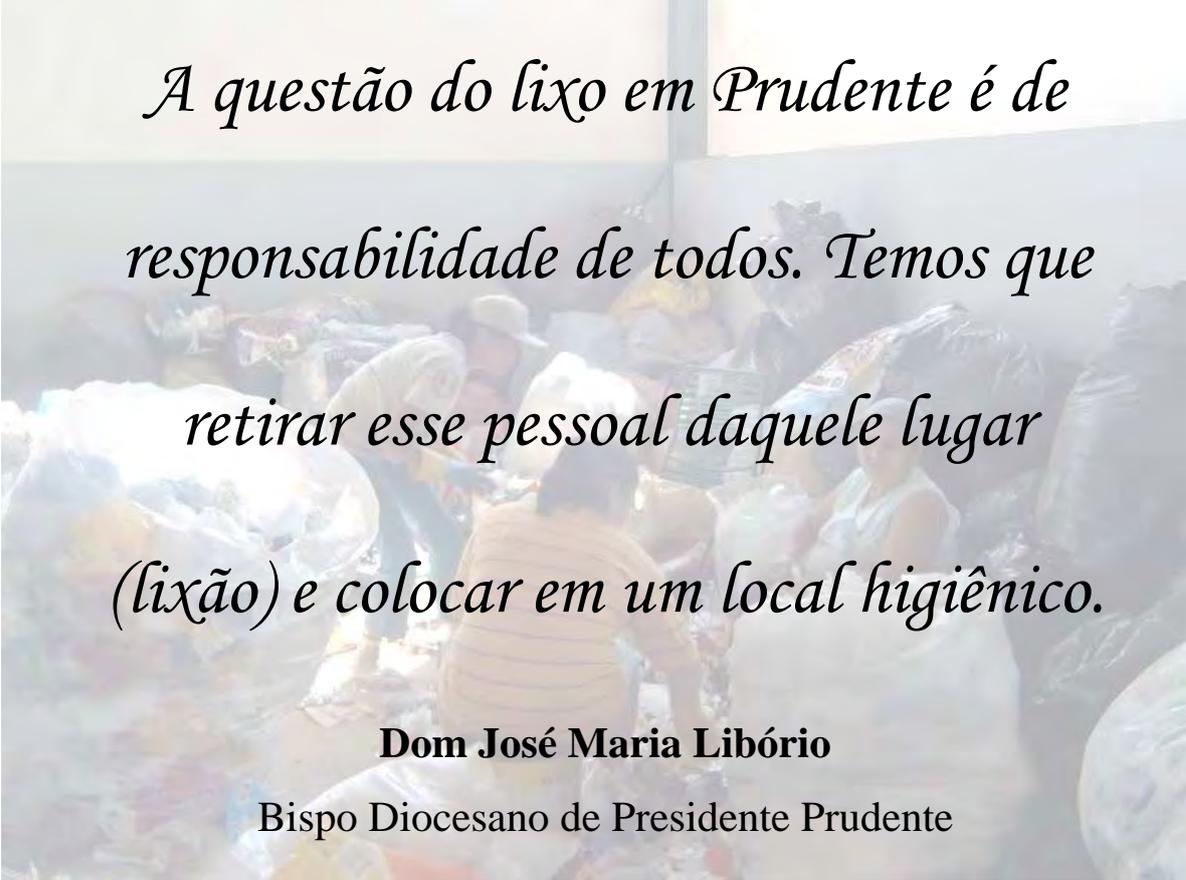
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS..... 175

APÊNDICE A

Questionário	184
--------------------	-----

APÊNDICE B

Questionário aplicado em março de 2004 e novembro de 2006.....	186
--	-----



*A questão do lixo em Prudente é de
responsabilidade de todos. Temos que
retirar esse pessoal daquele lugar
(lixão) e colocar em um local higiênico.*

Dom José Maria Libório

Bispo Diocesano de Presidente Prudente

1. INTRODUÇÃO

Na presente pesquisa apresentamos como foco o trabalho, o cooperativismo e as redes sociais como aspectos centrais, os quais se entrelaçam nos possibilitando reflexões sobre as condições de vida e de trabalho dos trabalhadores envolvidos na Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente (COOPERLIX), em meio às condições da sociedade de consumo.

Nosso trabalho de doutorado está comprometido em desvelar essa experiência do cooperativismo, não somente na sua expressão organizacional, tampouco à sua simples função econômica, mas possibilitando o avanço para além das relações capitalistas, tornando-se inevitável à organização do trabalho numa psicofera de solidariedade, através das redes sociais e do relacionamento cotidiano dos cooperados.

Tal relacionamento pode ser compreendido através da vivência sistemática, efetuada pelo pesquisador, o qual se inquietou não apenas com as temáticas principais, ou seja, o trabalho, o cooperativismo e as redes sociais, mas também com temas interligados na multiplicidade de fatores que envolvem a busca por respostas para questões, como a inclusão social e suas relações com o trabalho organizado no sistema cooperativista.

Portanto, este trabalho resulta de indagações, logo adiante referenciadas, advindas de nossa inserção no Projeto de Políticas Públicas iniciado em 2001. Essa inserção começou, pelo fato de fazermos parte como parceiro desse projeto, a partir de 2003, com iniciativa da UNESP, da UNOESTE, da Prefeitura Municipal de Presidente Prudente e de apoiadores como sindicatos e autarquias. Durante a sua implantação, criou-se a COOPERLIX. Naquela oportunidade, convivemos com professores, pesquisadores, alunos de pós-graduação e, principalmente, com os integrantes da COOPERLIX.

Visando capacitar os cooperados, participamos como colaboradores em treinamentos, abrangendo temas como: cooperativismo, trabalho em equipe e conflitos interpessoais, fatores de difícil assimilação por parte dos cooperados, pelo fato de, previamente, terem tido experiências como catadores no lixão e de, também, vivenciado o modelo empregado-empregador.

Embasados na literatura que contempla esses questionamentos, procuramos desvendar essas inquietações sob a forma de pesquisa-ação, partindo-se do princípio de que a organização do trabalho assistido é um meio eficaz de gerar renda e de despertar a auto-estima nos cooperados, ainda que sob a tutela do capital vigente.

A nossa participação, como parceiro e pesquisador foi fundamental para a compreensão dos problemas, contradições e possibilidades que os integrantes da COOPERLIX vivem em seu cotidiano de trabalho para concretizarem o objetivo de verem sua Cooperativa como sustentável e autogestionária. Essa vivência com os cooperados ajudou-nos, portanto, a delimitar nossas indagações acerca das condições psicossociais do processo organizativo autogestionário.

Com a apropriação dos fatos observados, buscamos na doutrina cooperativista subsídios que nos orientassem a obter possíveis respostas a tais indagações, fazendo o mesmo com outras áreas como a das redes sociais e a organização do trabalho que, reunidas, auxiliaram a conformar o campo teórico dos processos organizativos, voltados à compreensão da autogestão cooperativista de resíduos sólidos.

Entendemos que as novas relações sociais, provocadas pelo cooperativismo, também fomentam um novo espaço para homens e mulheres excluídos social e economicamente, já que o espaço limitado pelas próprias dificuldades é substituído por espaços em que os mesmos se identificam como sujeitos, logo, cidadãos. Portanto, os catadores de materiais recicláveis organizados em uma cooperativa são sujeitos de sua própria história, ou seja, possuem a capacidade de reorganizar a relação dos mesmos com espaço e assim formarem uma nova realidade sócio-espacial. Isto é importante, pois:

O mérito do conceito de formação sócio-espacial, ou simplesmente formação espacial, reside no fato de se explicar teoricamente que uma sociedade só se torna concreta através de seu espaço, do espaço que ela produz e, por outro lado, o espaço só é inteligível através da sociedade. Não há, assim, por que falar em sociedade e espaço como se fossem coisas separadas que nós reuniríamos a posteriori, mas sim de formação sócio-espacial. (CORREA, 1997, p. 26-27).

Portanto, o espaço ocupado pela COOPERLIX toma outras feições e assim sendo, as pessoas envolvidas buscam conquistar melhoras nas relações sociais e espaciais através do engajamento pela sua inclusão. Por isso, na pesquisa compreende-se o espaço, não como palco, mas como possibilidade constante de modificações, ou seja:

O espaço não pode ser reduzido apenas a uma localização ou às relações sociais de posse de propriedade – ele representa uma multiplicidade de preocupações sociomateriais. O espaço é uma localização física, uma peça de bem imóvel, e ao mesmo tempo uma liberdade existencial e uma expressão mental. O espaço é ao mesmo tempo o local geográfico da ação e a possibilidade social de engajar-se na ação. Isto é, num plano individual, por exemplo, ele não só representa o local onde ocorrem os eventos (a função de receptáculo), mas também significa a permissão social de engajar-se nesses eventos (a função da ordem social). (CORREA, 1997, p. 32).

Nesse sentido, Santos (1996, p.77) evidencia a importância em buscar compreender constantemente a diferenciação espacial e sua perpétua movimentação dialética, quando aponta que: “podem as formas, durante muito tempo, permanecer as mesmas, mas como a sociedade está sempre em movimento, a mesma paisagem, a mesma configuração territorial, nos oferecem, no transcurso histórico, espaços diferentes”

Portanto, a proposta deste trabalho foi pesquisar a COOPERLIX sob a ótica da pesquisa quanti-qualitativa. Para tanto, usamos como prática a pesquisa-ação, através de entrevistas, questionários e observação participante, buscando elementos que propiciem a compreensão dos objetivos propostos, para verificar com que representação a COOPERLIX insere-se no imaginário de cada cooperado e de seus principais apoiadores.

A pesquisa teve uma lógica dedutiva por entendermos que o caso estudado pode ser aplicado em outros lugares em contextos semelhantes. Também visamos entender como as modificações na relação direta dos cooperados com a sociedade e, conseqüentemente, com o espaço, ou seja, através da cooperativa uma nova inserção sócio-espacial fez-se presente no cotidiano dos cooperados e também no cotidiano das pessoas envolvidas na viabilidade da mesma¹.

O contato freqüente com a organização do trabalho cooperativo da COOPERLIX, permitiu-nos a proximidade necessária em relação à organização do trabalho na cooperativa, bem como os estudos temáticos das outras questões, as quais nos auxiliaram a formular as seguintes indagações em relação à forma de gestão, a organização do trabalho e, sobretudo, a contribuição dos apoiadores à COOPERLIX, para a estruturação dos objetivos desta pesquisa:

¹ A viabilidade da cooperativa provém do apoio de instituições municipais e estaduais, empresas, inclusive de famílias em suas residências, separando o material reciclável visando a doação do mesmo aos cooperados, através da coleta seletiva.

a- A rede social pode ser um caminho para o cooperativismo assistido?

b- Como a organização do trabalho na COOPERLIX contribui para a transformação social dos cooperados?

c- O cooperativismo é uma alternativa viável para os excluídos em nossa sociedade.

Portanto, investigamos a hipótese que a COOPERLIX é uma cooperativa de trabalho, conservando seus princípios e objetivos pautados no cooperativismo rochedaleano, com a particularidade de seus cooperados, antes excluídos pelo capital, se sentirem inclusos, tanto social, como economicamente, fruto, também, do trabalho despendido pela redes de apoiadores.

1.1 Objetivos

Na pesquisa estabeleceu-se o seguinte objetivo geral:

- Analisar a organização do sistema cooperativista na COOPERLIX e seus componentes que vão desde a organização do trabalho, seus projetos idealizados como cidadãos inclusos socialmente, à forma como os apoiadores a assistem e às motivações de cada apoiador com referência ao trabalho despendido à COOPERLIX. E como objetivos específicos, foram estabelecidos:

a- Averiguar a motivação que levou os parceiros e apoiadores a se envolverem com a COOPERLIX, através das redes sociais.

b- Diagnosticar a situação sócio-econômica dos integrantes da COOPERLIX.

c- Compreender o que o trabalho cooperativo na COOPERLIX, representa no imaginário dos cooperados em nível de satisfação e expectativas.

d- Estudar como é internalizado pelos cooperados o trabalho despendido pelos apoiadores em relação à COOPERLIX.

e- Compreender a trajetória profissional de cada cooperado até sua inserção na COOPERLIX.

1.2 Fundamentação metodológica

Presumimos que toda pesquisa implica o levantamento de dados de variadas fontes, (LAKATOS, 2001). Nessa pesquisa foi utilizada a pesquisa-ação, através de observação direta intensiva (observação e entrevista) e também observação direta extensiva (questionário).

Foi nesse sentido que buscamos colher subsídios que oferecessem melhores condições de compreensão, decifração, interpretação, análise e síntese qualitativa gerada a partir de uma postura investigativa. Nesse processo investigativo, a argumentação se manifestou de modo particularmente significativo no decorrer das deliberações relativas à interpretação dos fatos, das informações ou das ações dos diferentes atores sociais.

Assim, buscamos fundamentos teóricos e metodológicos em Thiollent (2004), Dubost (1987) e Morin (2004), autores que tratam a pesquisa-ação como a resolução de um problema coletivo, no qual o ator pesquisador e os atores sociais, envolvidos, estão integrados de modo cooperativo ou participativo.

No âmbito da COOPERLIX a pesquisa-ação também visou compreender e contribuir para a resolução de problemas, ou seja, um novo método de trabalho, isto é, a forma de trabalho em equipe, seus conflitos, métodos, planejamento, enfim, sobre a organização do trabalho executado pelos cooperados, tanto interna como externamente.

Obtivemos informações disponíveis sobre os cooperados, através de pesquisas de campo realizadas anteriormente (no mês de março de 2004, julho de 2006, novembro de 2006 e abril de 2007), incluindo dados sobre a situação sócio-econômica, tipo de atividade, faixa etária, renda, condições de moradia, nível educacional, etc.

Vista como pesquisa inserida na ação, a pesquisa-ação comporta três aspectos simultâneos, conforma aponta Thiollent (2004, p. 37):

Pesquisa **SOBRE** os atores sociais, suas ações, transações, interações, cujo objetivo é a explicação. Pesquisa **PARA** dotar de uma prática racional as práticas espontâneas, cujo objetivo é a aplicação. Pesquisa **POR**, ou melhor, **PELA** ação, isto é, assumida por seus próprios atores (autodiagnóstico) tanto em suas concepções como em sua execução e seus acompanhamentos, cujo objetivo é a implicação (Thiollent 2004, p.98).

Isso leva-nos a crer que a simultaneidade desses três aspectos (*sobre, para e por*) impede que a pesquisa-ação seja confundida como “simples observação participante”, que se limita a uma pesquisa **SOBRE**. A dinâmica da articulação da pesquisa com a ação e com diferentes formas de participação é apresentada no quadro 1.

Quadro 1: Tipologia da Pesquisa-ação

	Pesquisa de explicação	Pesquisa de aplicação	Pesquisa de implicação
Tipo de participação	SOBRE a ação dos atores sociais	PARA a ação e seus atores sociais	POR ou PELA ação e seus atores sociais
Integral	+	+	+
Aplicada	+	+	-
Distanciada	+	-	+
Informativa	+	-	-
Espontânea	-	-	+
Usuária	-	+	-
Militante	-	+	+
Ocasional	-	-	-

Fonte: Thiollent (2004, p. 105)

Percebemos nesse quadro proposto por Thiollent (2004), que a pesquisa-ação, possibilitou-nos perceber as várias formas de atuação, sendo que a que foi usada na pesquisa na COOPERLIX foi a pesquisa-ação aplicada por entender que *é sobre e para* ação dos atores sociais envolvidos que ela se desenrolou.

1.3 Metodologia aplicada na pesquisa

Elaboramos um plano de ação que foi desenvolvido desde o início de 2004, quando ingressamos no programa de Pós-Graduação em Geografia da FCT/UNESP, visando definir quem são os atores ou as unidades de intervenção, como se relacionam os atores e as instituições: convergência, atritos, conflito aberto, etc., como são tomadas as decisões, quais são os objetivos ou metas tangíveis da ação e os critérios de sua avaliação, como dar continuidade à ação, apesar das dificuldades e como assegurar a participação dos cooperados e a maneira como incorporar suas sugestões. Finalmente, como controlar o conjunto do processo e avaliar os resultados.

O trabalho de campo foi dividido em várias etapas, ou seja: pesquisa realizada junto aos cooperados, a fim de averiguar a situação sócio-econômica de cada integrante da COOPERLIX. Esta pesquisa foi feita como parte do levantamento de dados que contemplou o Projeto de Políticas Públicas, realizada no mês de março de 2004, com aplicação de questionário com 31 cooperados, feito pelos alunos do Curso de Administração da UNOESTE, pelos alunos do curso de Pós-graduação em Geografia da FCT/UNESP e com a nossa participação.

Em julho de 2006, realizamos pesquisa com 31 cooperados, com o intuito de averiguar a percepção que eles têm sobre o cooperativismo, sobre a organização do trabalho na COOPERLIX e sobre a opinião a respeito do trabalho que os apoiadores desenvolveram no decorrer da trajetória da existência da COOPERLIX. Foi aplicado questionário semi-aberto juntamente com entrevista e observação.

Em novembro de 2006, reaplicamos a mesma pesquisa com os cooperados, desta vez com 25 dos 26 cooperados, com o intuito de fazer uma comparação sobre os dados levantados. Foi usado o mesmo questionário aplicado em março de 2004, conforme modelo em apêndice.

Em abril de 2007, realizamos pesquisa com os apoiadores para investigar os motivos que os levaram a se engajarem na assistência à Cooperativa e uma outra pesquisa, de cunho qualitativo, para levantar a trajetória de vida de cada cooperado.

Foi importante analisar o papel dos apoiadores para entender toda trajetória na qual estiveram envolvidos, cada qual com sua participação, no sentido de colaborar com a organização, a gestão de conflitos e otimização do trabalho cooperativo.

Fizemos uso do método quanti-qualitativo, método este que associa análise estatística à investigação dos significados das relações humanas, privilegiando a melhor compreensão do tema a ser estudado (FIGUEIREDO, 2004). Segundo Polit e Hungler (1995, p.51) a abordagem quanti-qualitativa é aquela que “permite a complementação entre palavras e números, as duas linguagens fundamentais da comunicação humana”.

1.4 Objeto da pesquisa

Os sujeitos das pesquisas foram os integrantes da COOPERLIX, devidamente cadastrados. Também são sujeitos dessa tese os parceiros e os apoiadores que estiveram envolvidos na assistência à COOPERLIX.

A coleta de dados da pesquisa de campo obedeceu a algumas etapas. Primeiramente, contatamos os cooperados da COOPERLIX, visando cadastrá-los para entrevista futura a qual foi semi-estruturada. Num segundo momento, efetuaram-se as entrevistas.

Após ter-se levantado um perfil sócio-econômico dos cooperados, através de questionários, fez-se uso de entrevistas e observação participante, em que procuramos obter informes contidos nas falas dos atores sociais. Realizamos as entrevistas de forma individual, visando obter dados objetivos e subjetivos. Estas foram semi-estruturadas, porque entendemos que essa técnica possibilita uma investigação mais ampla e profunda dos dados, além de fornecer a oportunidade ao entrevistado de discorrer sobre assuntos correlatos, sobre sua vida, expectativas, seus desejos pessoais e profissionais.

Também, fundamentamos em Eiger (1989, p.73), psicanalista francês que aponta que “a entrevista possibilita que explicações ocorram livremente, assim como, questionamentos para esclarecer pontos obscuros”. Neste sentido, pontos importantes que ocorreram dentro da relação da entrevista, como: verbalizações, comportamentos explícitos e implícitos foram anotados para compor relações com o verbalizado pelos entrevistados.

Analisar e interpretar a entrevista, como prática discursiva, “é perceber a ação situada e contextualizada, por meio da qual se produzem sentidos e se constroem versões da realidade (SPINK, 2000, p.186).

Enfim, realizadas as entrevistas, efetuamos uma leitura global das mesmas, “visando apreender seus aspectos dinâmicos e interativos e identificar temas que emergem e que estão em consonância com os objetivos da pesquisa” (SPINK, 2000, p.95). Concomitantemente, durante a participação como pesquisador, e também como apoiador, lançamos mão da observação que se fez presente em todos os contatos que tivemos com o ambiente da Cooperativa e com a organização do trabalho realizado pelos cooperados.

Portanto, nossa tese está organizada em nove capítulos.

Na introdução, apresentamos o problema que nos levou à pesquisa, as hipóteses, os objetivos e uma breve descrição sobre o processo metodológico utilizado, além da caracterização dos sujeitos.

A perspectiva histórica do lixo e da coleta seletiva como alternativa de geração de renda foi tratada no Capítulo 2, no qual abordamos a temática sobre resíduos sólidos e a sua coleta. Nesse capítulo são discutidos os referenciais teóricos sobre a produção de resíduos sólidos e o papel dos catadores de lixo, além do fator econômico envolvido, verificando o papel da COOPERLIX nessa cadeia produtiva do lixo e como está se mantendo com a coleta para sua sobrevivência.

O capítulo 3 tratou da organização da COOPERLIX e sua trajetória de sonhos, de lutas e de conquistas, a forma como ela surgiu, como seu trabalho foi organizado e a caracterização de seus cooperados. Nesse Capítulo, também foram analisados o quadro funcional, a parte organizacional, a importância da COOPERLIX para Presidente Prudente em relação à coleta seletiva e, com isso, comparar se a COOPERLIX está num ritmo adequado de desenvolvimento enquanto empresa cooperativa.

O Capítulo 4 abordou sobre o cooperativismo como uma alternativa de gestão de trabalho através da solidariedade, enfatizando seus princípios, bem como sua história, além dos aspectos legais das cooperativas. Nesse Capítulo, também, evidenciamos as bases conceituais para compreendermos o significado da forma cooperativista de trabalho, a sua organização e a solidariedade entre seus membros.

Para entender o perfil migratório dos integrantes da COOPERLIX, analisamos a mobilidade ocupacional até tornarem-se cooperados, produzimos o Capítulo 5 que retrata sobre origem migratória dos integrantes da COOPERLIX.

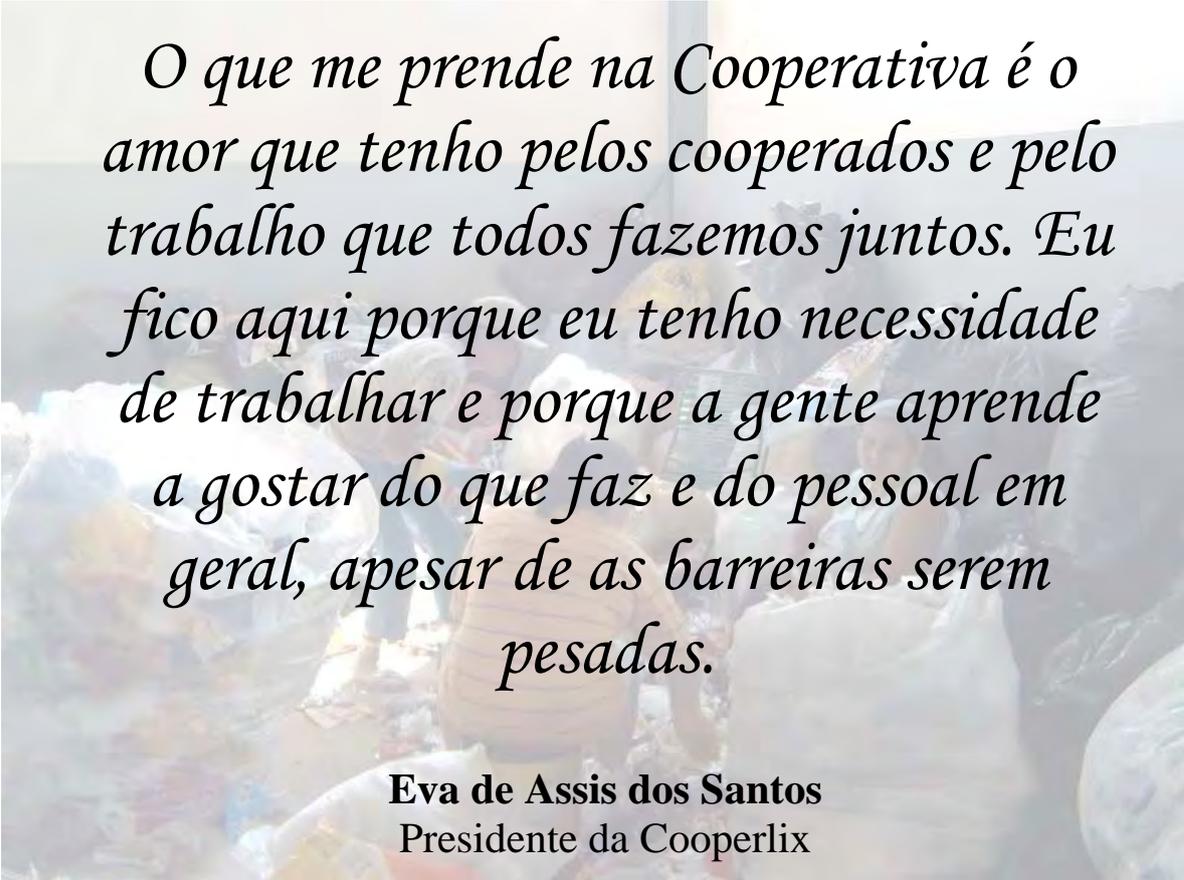
Visando dar sentido à nossa pesquisa, produzimos o Capítulo 6 que tratou sobre experiências em projetos de coleta seletiva de resíduos sólidos em outras localidades, comparativamente, com a atuação da COOPERLIX.

No Capítulo 7, focamos a organização de trabalho da COOPERLIX, em que traçamos um paralelo com a forma de organização de trabalho de um sistema cooperativista e o modelo capitalista de produção.

A autogestão da COOPERLIX através do cooperativismo e das redes sociais, enfatizando o papel dos apoiadores e parceiros à Cooperativa, foi abordada no Capítulo 8. Nesse capítulo, foi abordada a relação entre a sustentabilidade sócio-econômica, a forma

de trabalho da COOPERLIX, bem como, entender a relação entre a gestão organizacional, o significado e a forma como os cooperados se relacionam com a reciclagem e a auto-imagem dos catadores.

Concluindo, no capítulo 9, apontamos dados conclusivos da tese, assim como, o papel da COOPERLIX na cidade de Presidente Prudente, no que tange à coleta seletiva.



O que me prende na Cooperativa é o amor que tenho pelos cooperados e pelo trabalho que todos fazemos juntos. Eu fico aqui porque eu tenho necessidade de trabalhar e porque a gente aprende a gostar do que faz e do pessoal em geral, apesar de as barreiras serem pesadas.

Eva de Assis dos Santos
Presidente da Cooperlix

2. OS RESÍDUOS SÓLIDOS COMO ALTERNATIVA DE TRABALHO E DE GERACÃO DE RENDA

A rigidez das leis trabalhistas, adotadas em nosso país², somada ao desemprego, provocado pelo sistema capitalista neoliberal vigente, além da notável centralização de renda, tem levado a nação a expandir a força de trabalho por meio de sociedades de emprego. Tais sociedades (cooperativas) já representam 7% da força de trabalho e chegam a mais de 5 milhões de pessoas ou um terço dos autônomos do Brasil, (IBGE, 2004).

Devido à inclusão na Consolidação das Leis do Trabalho, (CLT), no ano de 1995, de um artigo que veio permitir que o cooperado/cooperativa preste serviço a uma empresa, sem vínculo empregatício, propiciou condições favoráveis para que as cooperativas de trabalho se fimassem em todo território nacional.

Estas cooperativas, conforme aponta Boschi (2000, p.73),

Formadas pelo “manto” da geração de um desenvolvimento sustentável, preservação ambiental, proporcionando com sua formação a criação de trabalho aos catadores e desempregados, considerados por esta própria sociedade como cidadãos de segunda classe, trazem em seu bojo, princípios de exploração nas relações de trabalho e, o pior, trabalho precarizado.

A criação de cooperativas de catadores de materiais recicláveis só pôde ocorrer no meio urbano visto que é no urbano, que as maiores contradições sócio-espaciais são identificadas e, portanto, reais. Todavia, não podemos esquecer que as contradições impostas pelo sistema capitalista ocorrem, sobretudo, do espaço geográfico.

Destas contradições do espaço, as questões e conceitos recentemente surgidos, a saber, no meio ambiente, os desperdícios, o esgotamento dos recursos, a destruição da natureza, dão apenas versões atenuadas, mostram exclusivamente manifestações fragmentares, mascarando o problema global: o de todo o espaço, da produção e da gestão. (LEFEBVRE, 1973, p. 19).

² Entendemos que a rigidez está relacionada principalmente às pequenas e médias empresas que detêm pouco capital e são enquadradas identicamente as grandes empresas quanto as encargos trabalhistas.

Percebemos, portanto, que a construção do espaço vincula-se às necessidades lucrativas dos capitalistas, visto que os espaços são construídos por interesses provindos da própria lógica capitalista; assim, a imbricação de tal lógica no cotidiano de todos fornece-nos, ideologicamente, sua óptica como natural, ou seja, muitos crêem definitivamente que o espaço é assim construído e não há alternativas espaciais. Diante disso, constatamos que a própria lógica cooperativista, empregada na COOPERLIX, não visa uma tentativa de estruturação espacial e sim a própria lógica espacial capitalista de domínio de fornecedores e clientes.

Santos (1996) escreve que o homem, enquanto viver, criará espaços e os mesmos sempre estarão subordinados à lógica dominante do momento, no nosso caso o capitalismo. Assim, as cidades são moldadas conforme a orientação do capital, por meio de investimentos e especulações imobiliárias.

Na maioria das cidades consideradas modernas, mas ao mesmo tempo caóticas, a ocupação do solo ocorre de forma descontrolada. Os impactos ambientais, levados a efeito no processo de urbanização, são os mais variados e afetam diretamente a qualidade de vida dos cidadãos (GUERRA, 2001).

A relação do homem com o meio ambiente sempre foi determinante na vida dos seres vivos e do planeta como um todo. É recente, entretanto, a consciência da necessidade de sua preservação e, mais ainda, de que os aspectos naturais e sócio-culturais estão intimamente relacionados (LEAL et al, 2004). A sociedade está, cada vez mais, sendo submetida a uma série de campanhas de comunicação que visam a mudança de hábitos e de atitudes em relação ao meio ambiente.

Diante disso, constatamos que, por meio da lógica capitalista, o modo de vida do cidadão urbano é um fator determinante da degradação ambiental e do comprometimento crescente da qualidade de vida, principalmente nos países de economia periférica, chamados de emergentes.

Segundo Santos (2002), a dinâmica da construção espacial está na aceleração da inovação de objetos com significados quase nulos, a não ser como fetiches, por intermédio do capitalismo. Concluimos que o *modus vivendi* contemporâneo mundial é necessariamente urbano, atrelado sempre às vontades do capital e, assim, às conseqüências para a sociedade e a natureza são as mais negativas. Deste modo, Santos (2002, p. 63) explica as relações e a produção do próprio espaço:

O espaço é hoje um sistema de objetos cada vez mais artificiais, povoado por sistemas de ações igualmente imbuídos de artificialidade, e cada vez mais tendentes a fins estranhos ao lugar e a seus habitantes [...]

Sistemas de objetos e sistemas de ações interagem. De um lado, os sistemas de objetos condicionam a forma como se dão as ações e, de outro lado, o sistema de ações leva à criação de objetos novos ou se realiza sobre objetos preexistentes. É assim que o espaço encontra a sua dinâmica e se transforma.

Uma parcela significativa de novos objetos e produtos lançados no mercado não são, efetivamente, indispensáveis para assegurar uma boa qualidade de vida – eletrodomésticos, automóveis, computadores, etc. - constantemente acrescidos de novos acessórios ou sofisticações tecnológicas de maneira a tornarem os modelos anteriores obsoletos.

Isso tem provocado o excesso de embalagens descartáveis que é um dos fatores geradores de resíduos. Evidentemente, o processo de degradação ambiental inicia-se na produção; da extração da matéria-prima ao descarte, notando-se procedimentos de alto impacto não só na natureza, mas também na saúde humana.

A atividade de catador de material reciclável no Brasil remonta há mais de 50 anos e somente no final do século passado é que ganhou destaque. Embora tenha sempre sido realizada, informalmente, há pouco tempo os catadores começaram a se organizar, seja na formação de cooperativas e associações, seja na luta para o reconhecimento dessa atividade como profissão (BAPTISTA, 2004).

Segundo dados fornecidos pelo IBGE (2004), apenas seis milhões de pessoas são atendidas no Brasil com a coleta seletiva de resíduos sólidos, que corresponde a menos de 0,5% da população brasileira. Nesse sentido, apesar de Presidente Prudente não contar ainda com um destino viável ao lixo produzido, ou seja, aterro sanitário, destaca-se em relação aos demais municípios da região, pois atende em torno de 65% de sua população urbana com a coleta seletiva, diária, de resíduos.

Embora o lixo fosse uma questão preocupante desde a Idade Média, caracterizado por ser ainda praticamente orgânico, conforme Rossi (2005,) a primeira vez que se ouviu falar de sua retirada dos centros urbanos data de 1779. É por volta do século XIX que o trabalho como “lixeiro” surge na França, mas foi só em 1846 que o lixo passou a ser considerado algo que demandasse orçamento e cuidados próprios. Os cuidados próprios para com os resíduos sólidos partiram e ainda são, majoritariamente

responsabilidade do poder público local, no caso a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente.

Os problemas relacionados com a produção e a disposição final dos resíduos sólidos afetam direta e principalmente o poder público municipal, já que é a prefeitura municipal a responsável pelo destino último dos resíduos sólidos. Destarte, o poder público municipal responsabiliza-se pela produção e consumo de produtos variados por particulares, carregando-o com um grande fardo que pode ser fitado pela degradação ambiental, social e econômica do município. Assim, o consumidor gera os resíduos e esses geram preocupações para o poder público municipal, tendo a maioria da população não conhecedora das conseqüências, apenas consomem e lançam o “lixo” fora. (FERNANDES, 2001, p. 164).

A lógica do capital providencia o consumismo, ao mesmo tempo em que exclui inúmeras pessoas do seu modo de produção e lançam as mesmas para áreas periféricas do sistema capitalista. Simultaneamente, as formas de consumo exageradas (consumismo) geram lixo e os mesmos são lançados para os locais de deposição final – muitos destes locais são inadequados e são, assim, chamados de lixões. Nos lixões, muitas pessoas excluídas sócio-economicamente garimpam, no meio dos resíduos sólidos, sua sobrevivência. Objetivando pôr fim ao quadro humano, tão desumano em inúmeros municípios brasileiros, a organização de cooperativas foi fundamental para retirar parte das pessoas que sobrevivem do lixo (ABREU, 2004).

Notamos, porém, que a organização desse movimento não parte sempre dos catadores, fato desse movimento ou dos, diretamente, interessados na atividade econômica da catação, mas da ação direta de entidades não governamentais, (ONGs), Sindicatos e Universidades, que procuram auxiliar, na tentativa de organização desses catadores, dando suporte em relação à saúde, capacitação, gestão empresarial e com programas de valorização da auto-estima.

O trabalho cooperativo produziu e produz, ainda que não muito satisfatório, confiança mútua entre os cooperados, tendo efeitos positivos, não apenas na convivência entre os pares mas também, no relacionamento interpessoal com a sociedade e parceiros. Isso, muitas vezes, resulta na eficiência das operações do processo de reciclagem, que usualmente, no lixão são lentas, desconexas e conflituosas, no que tange ao círculo informal da reciclagem de resíduos sólidos.

Por outro lado, destaca-se nesse processo de consolidação das cooperativas, a dificuldade dessas se tornarem viáveis economicamente, auto-sustentáveis e auto-geridas, Existe tendência permanente de receberem apoio de universidades, de entidades não governamentais, de sindicatos e de entidades religiosas na sua gestão, em virtude de concorrerem com empresas mercantis, já consolidadas no mercado e com tradição e conhecimento técnico no setor de sucatas.

Apesar de haver regulamentações a respeito do lixo muito antes do século XIX, segundo Fernandes (2001), somente com o aumento populacional é que ele começa a ser levado a sério; ou seja, os depósitos de lixo foram sendo afastados dos grandes centros urbanos.

Com o advento da Revolução Industrial é que o lixo deixa de ser produzido em pequena quantidade pelas famílias e seu acúmulo começa a gerar uma grande quantidade de resíduos nas áreas urbanas.

A partir da década de 1960 instaura-se a “era dos descartáveis”, em que a produção de resíduos vai se dar com tamanha rapidez, levando a uma escassez de locais para o seu armazenamento (FOLADORI, 2001 e 2001b).

Apesar da reciclagem, ou aproveitamento, ter surgido como alternativa econômica ao problema do lixo acumulado (principalmente embalagens), tal prática não é tão recente. Ela já havia sido implantada por empresários no século XIII em Roma, que lucravam não só ao garantirem a limpeza das ruas, como também ao comercializarem os dejetos humanos e animais como adubo (FERNANDES, 2001).

Notamos que a atividade de catador tem permitido que uma considerável parcela da população brasileira se veja inserida no mercado, mesmo que ainda informal. No Brasil, segundo Freire (GUERRA, 2001), um terço dos moradores de rua da cidade de São Paulo sobrevivem da coleta de resíduos sólidos. O CEMPRE (2004) calcula que cerca de 150 mil pessoas, no Brasil, sobrevivem da catação de latas de alumínio e um tanto ainda maior, da de papel e papelão.

Poucos são, entretanto, os municípios brasileiros que possuem um programa de coleta seletiva. São Paulo é o estado com maior número de programas de coleta seletiva (FOLADORI, 2001, p.87). Sendo o Brasil um país com mais de 5.650 municípios, somente 3,5% desse universo possuem algum programa de coleta seletiva (idem).

Segundo o IBGE (2005), o número de municípios brasileiros que até o ano de 2004 são atendidos pela coleta seletiva, correspondendo em torno de 6,5% dos municípios.

Da totalidade de municípios brasileiros, apenas 431 têm coleta seletiva. Outro fato, não menos relevante sobre o lixo no Brasil, é o destino do lixo urbano produzido diariamente, pois somente 15% têm seu destino em aterros sanitários; em aterros controlados são depositados 13% desse total, os outros 67% vão para lugares a céu aberto e menos de 5,0% acabam sendo reciclados, (IBGE, 2004). Esse volume é consequência da migração urbana, verificada nos últimos anos.

2.1 Classificação dos resíduos sólidos

A palavra resíduo deve ser compreendida como aquilo que é inservível, ou melhor, qualquer objeto descartado sem utilidade para seu proprietário é, por si, um resíduo. Nesse sentido, a OMS (Organização Mundial de Saúde) define resíduo como lixo, equivocadamente, as palavras resíduo e lixo são interpretadas como sinônimos, entretanto, lixos são objetos descartados e inservíveis sem qualquer possibilidade de retorno, contrário a isso os resíduos, quando descartados, são objetos inservíveis, num primeiro momento, para seus primeiros proprietários e, posteriormente, poderão – de alguma forma – ter alguma utilidade.

Segundo Pinto e Almeida, (2002, p. 79) pela Resolução CONAMA 05/1993 considera-se resíduos sólidos a definição fornecida pela NBR 10004 elaborada em 1987 e reorganizada por meio de maior rigor técnico a partir de 2004 são considerados resíduos sólidos:

Resíduos nos estados sólidos e semi-sólidos, que resultam de atividades da comunidade de origem: industrial, doméstica, hospitalar, comercial, agrícola, de serviços e de varrição. Ficam incluídos nesta definição os lodos provenientes de sistemas de tratamento de água, aqueles gerados em equipamentos e instalações de controle de poluição, bem como determinados líquidos cujas particularidades tornem inviável o seu lançamento na rede pública de esgotos ou corpo de água, ou exijam para isso soluções técnicas e economicamente inviáveis em face à melhor tecnologia disponível. (NBR 10004: 2004, p. 01).

Para Logarezzi (2004) deve-se denominar o lixo de resíduo inservível, uma vez que essa denominação possibilita um maior esclarecimento quanto à diferença existente entre lixo e resíduo, pois grande parte das pessoas considera o resíduo lixo como lixo e não conseguem distinguir as características próprias e fundamentais de cada objeto.

Os resíduos sólidos também são líquidos, conforme a ABNT (NBR 10004), pois o legislador em consórcio com os aparatos técnicos entendeu que os resíduos são, necessariamente, aquilo que toma volume no espaço, por outro lado os gases não são considerados resíduos sólidos visto que os mesmos não ocupam local físico imediato ou seja, estão em suspensão atmosférica e não interferem, volumosamente, quanto ao espaço físico.

Outra norma da ABNT – NBR 12807:1993 – entende que os resíduos sólidos são, definitivamente, objetos e materiais desprovidos de utilidades para o estabelecimento gerador, o que a norma não define e, conseqüentemente, o que permite é uma interpretação com base na própria norma NBR 10004:2004 de que os resíduos sólidos podem ser reaproveitáveis e servíveis por outros estabelecimentos, dentre os possíveis, os que estão envolvidos na cadeia da reciclagem dos resíduos sólidos.

Todavia, não podemos considerar todos os resíduos sólidos como pertencentes ao mesmo grupo, assim; a norma ABNT 10004 em conformidade com as Resoluções CONAMA 05/1993, 307/2002, 257/1999 e com as normas da ANVISA garantem a diferenciação dos resíduos sólidos e seus respectivos tratamentos e adequação, conforme o grau de perigo para a saúde e para o meio ambiente.

Os resíduos sólidos mais perigosos são, de acordo com Logarezzi (2004), classificados como especiais, dentre os quais as baterias, pilhas, lâmpadas, tintas, solventes, remédios vencidos, tecido humano, agulhas de injeções, seringas, resíduos radioativos, resíduos industriais, resíduos laboratoriais e demais que possam prejudicar a normalidade da saúde humana e do meio ambiente.

Para isso, as Resoluções CONAMA, citadas anteriormente, garantem a classificação dos resíduos sólidos em domiciliar, industrial, da construção civil, hospitalar, varrição e galhadas (ou da limpeza urbana) comerciais e resíduos provenientes dos serviços públicos municipais – que podem ser classificados, também, como os demais.

Diante da referida classificação é necessário compreendermos cada um dos diferentes tipos de resíduos sólidos, pois os mesmos terão impactos diferenciados no meio ambiente e na saúde humana e animal, conforme a Resolução CONAMA 001/1986.

Os resíduos sólidos são classificados conforme Resolução CONAMA 05/1993, conforme o risco a saúde pública e o impacto que poderá causar no meio ambiente; desse modo a Resolução CONAMA 001/1986 - que trata das definições de impactos ambientais

– complementa a legislação posterior. Por isso, a classificação dos resíduos é fundamental para a sua adequabilidade e a subtração de qualquer perigo para o ser humano.

Conforme a ABNT 10004:2004 são considerados elementos passíveis de periculosidade:

- a- Risco à saúde pública, provocando ou acentuando, de forma significativa, um aumento de mortalidade ou incidência de doenças, e/ou
- b- Riscos ao meio ambiente, quando o resíduo é manuseado ou destinado de forma inadequada.

Na mesma norma na página 2 tem-se a classificação dos resíduos:

- a- Resíduos classe I - perigosos
- b- Resíduos classe II – não-inertes
- c- Resíduos classe III – inertes 6

Os resíduos classe I, conforme norma e Resolução CONAMA 05/1993, são assim classificados por apresentarem maior grau de periculosidade. Segundo Fiorillo (2003) para classificar um resíduo como perigoso deve o mesmo ter características químicas, físicas e biológicas que prejudiquem temporariamente ou definitivamente o ser humano e o meio ambiente.

De acordo com a NBR 10004:2004 classificam-se os resíduos, como perigosos, a partir do grau de possíveis prejuízos sócio-ambientais, ou seja, se o resíduo apresenta características inflamáveis, corrosivas, reativas, tóxicas e patogênicas (NBR 10007) ³ poderão, conforme suas características físico-químicas, prejudicar o ser humano.

Dessa maneira, a mesma resolução encaminha a deposição final adequada para cada um dos grupos. Os resíduos sólidos são, definitivamente, agentes poluidores e degradantes do meio ambiente, por isso, o legislador e as câmaras técnicas possuem a máxima cautela quanto aos mesmos, daí as Resoluções CONAMA 07/1994 e 08/1991⁴ são importantes para a preservação e conservação do território nacional, restringindo o problema ao âmbito nacional.

Conforme aponta a Resolução CONAMA 05/1993 a classificação quanto aos resíduos sólidos, dá-se da seguinte forma:

³ ABNT – NBR 1007 – que trata da amostragem de resíduos e procedimentos.

⁴ Ambas as resoluções tratam da proibição da entrada de qualquer espécie de resíduos no território nacional.

GRUPO A: resíduos que apresentam risco potencial à saúde pública e ao meio ambiente devido à presença de agentes biológicos.

Enquadram-se neste grupo, dentre outros: sangue e hemoderivados; animais usados em experimentação, bem como os materiais que tenham entrado em contato com os mesmos; excreções, secreções e líquidos orgânicos; meios de cultura; tecidos, órgãos, fetos e peças anatômicas; filtros de gases aspirados de área contaminada; resíduos advindos de área de isolamento; restos alimentares de unidade de isolamento; resíduos de laboratórios de análises clínicas; resíduos de unidades de atendimento ambulatorial; resíduos de sanitários de unidade de internação e de enfermaria e animais mortos a bordo dos meios de transporte, objeto desta Resolução. Neste grupo incluem-se, dentre outros, os objetos perfurantes ou cortantes, capazes de causar punctura ou corte, tais como lâminas de barbear, bisturi, agulhas, escalpes, vidros quebrados, etc, provenientes de estabelecimentos prestadores de serviços de saúde.

GRUPO B: resíduos que apresentam risco potencial à saúde pública e ao meio ambiente devido às suas características químicas.

Enquadram-se neste grupo, dentre outros:

- a) drogas quimioterápicas e produtos por elas contaminados;
- b) resíduos farmacêuticos (medicamentos vencidos, contaminados, interditados ou não-utilizados); e,
- c) demais produtos considerados perigosos, conforme classificação da NBR 10004 da ABNT (tóxicos, corrosivos, inflamáveis e reativos).

GRUPO C - rejeitos radioativos: enquadram-se neste grupo os materiais radioativos ou contaminados com radionuclídeos, provenientes de laboratórios de análises clínicas, serviços de medicina nuclear e radioterapia, segundo Resolução CNEN 6.05.

GRUPO D: resíduos comuns são todos os demais que não se enquadram nos grupos descritos anteriormente.

Uma vez delimitado o problema, fica a cargo dos legisladores e dos responsáveis pelo meio ambiente nacional, resolver as negatividades resultantes dos resíduos sólidos.

Cada um dos grupos de resíduos sólidos precisa de tratamento diferenciado, de acordo com sua adequabilidade física e química, assim; nos Grupos A, B e C os cuidados deverão ser maiores desde o descarte dos materiais, o armazenamento dos mesmos e a deposição final. Quanto ao Grupo D parece, num primeiro momento, inofensivo quanto aos demais, todavia esse grupo é o de maior volume e um dos maiores problemas, visto que os mesmos são, geralmente, dispostos de forma inadequada, conseqüentemente, poluem o meio ambiente e provocam doenças para os seres humanos.

O quadro que temos da adequação legal e sanitária é preocupante, visto que grande parte dos resíduos sólidos tem destinação incorreta e inadequada. Prevalece, portanto, no Brasil aquilo que é considerado pior para os especialistas quanto à disposição

final de resíduos: os lixões – que são amontoados de resíduos sólidos, sem qualquer cobertura, sem qualquer cuidado sanitário e ambiental e responsável direto pela contaminação de lençóis freáticos e superfícies aquáticas.

Nesse sentido, nossa próxima análise será a verificação das formas adequadas de disposição final dos resíduos sólidos.

2.2 Disposição final dos resíduos sólidos

Os resíduos sólidos terão sua disposição final em aterros, incineração, lixão e compostagem. Entende-se por aterro área com maior adequação sanitária e ambiental, tendo procedimentos de armazenamento cautelosos como a impermeabilidade do solo e uma distância considerável das áreas urbanas, conforme indica a NBR 8419.

Quanto aos tipos de aterros temos: aterro controlado e aterro sanitário. A diferença de ambos está no rigor técnico e nos procedimentos operacionais, assim, conforme a NBR 8419 os aterros sanitários são áreas destinadas para a disposição final de resíduos sólidos domiciliares, com periculosidade mínima, conforme o Grupo D da Resolução CONAMA 05/1993, porém possuem grande rigor para o armazenamento e possível tratamento físico-químico dos resíduos e dos chorumes.

Para Logarezzi (2004) o aterro controlado é mais simplificado que o aterro sanitário, pois não é um sistema fechado e nem possui um grande rigor técnico para o tratamento dos resíduos e seus efluentes. Já que a maior exigência está na cobertura diária com terra sobre os “novos” resíduos que são armazenados cotidianamente, bem como a distância de 200 metros de qualquer superfície de água; a impermeabilidade estrutural da base é praticamente nula; com isso, é possível à contaminação e poluição de águas que estão localizadas em lençóis freáticos.

Ainda de acordo com Logarezzi, (2004) o aterro sanitário possui, obrigatoriamente, tratamento dos efluentes (chorume) e controle dos gases que são emitidos pelo processo de decomposição dos resíduos sólidos.

Para que, realmente, seja eficiente – no sentido sanitário e ambiental - a disposição final dos resíduos sólidos a Associação Brasileira de Normas Técnicas elaborou a ABNT/NBR 8.418/83 - que trata da apresentação de projetos de aterros de resíduos

industriais perigosos – e a ABNT/NBR 8.419/92 – que trata a apresentação de projetos de aterros sanitários de resíduos sólidos.

Os aterros são, periodicamente, vistoriados e conseqüentemente, classificados de acordo com sua qualidade de armazenamento e potencialidade de subtração das negatividades sanitárias e ambientais, para isso, a CETESB elaborou uma metodologia capaz de averiguar com maior exatidão a situação dos aterros sanitários e controlados, conhecido como Índice de Qualidade de Aterros de Resíduos (IQR).

De acordo com a CETESB (2002) o IQR proporciona uma maior compreensão e visibilidade dos problemas sanitários e ambientais ocorridos nos aterros e com essa ferramenta metodológica é possível cobrar, do poder público local, os problemas ocasionados a partir da inadequabilidade do IQR. (Índice de Qualidade de Aterros de Resíduos).

Nesse sentido, entendemos que a mobilização dos três poderes brasileiros em consórcio com as instituições financeiras possibilitaram os primeiros passos para a mudança paradigmática quanto à relação público-privado no sentido dos objetos inservíveis para os particulares, ou seja, referente à situação degradante em que se encontram inúmeros municípios brasileiros, quanto à problemática do lixo.

Conforme aponta Singer, (2002, p.9):

Há um interesse público no reaproveitamento do lixo, que se soma às vantagens privadas. O reconhecimento deste fato levou a que prefeituras, como responsáveis locais pelas condições ambientais, passassem a se interessar na coleta seletiva do lixo e no apoio à reciclagem.

Essa nova ordem limita a reciclagem de resíduos sólidos como uma alternativa às questões problematizadas da falta de recursos naturais e o excesso de lixo no planeta, acompanhado da crescente preocupação da sociedade contemporânea com as questões ambientais.

Assim, temos que a reciclagem de resíduos sólidos é de suma importância às futuras gerações do planeta, por se apresentar nas principais áreas de decisões com relevância ambiental, econômica e social, com muitos desdobramentos fragmentados, mas interdependentes entre si: organização espacial, preservação e uso racional dos recursos naturais, conservação e economia de energia, geração de empregos, desenvolvimento de

produtos, finanças públicas, saneamento básico, geração de renda e redução de desperdício (CALDERONI, 1996, p.9).

Bensen (2006, p.82) aponta que:

A reciclagem vem se apresentando como uma alternativa social e econômica à geração e concentração de milhões de toneladas de lixo produzido diariamente pelos grandes centros urbanos espalhados pelo mundo; entretanto sua maior importância se dá no campo do desenvolvimento sustentável, visto que proporciona uma economia de recursos naturais do planeta, com 74% a menos de poluição do ar; 35% a menos de poluição da água, um ganho de energia de 64%.

A reciclagem, como solução para a diminuição de resíduos, apresenta muitos aspectos a serem melhor elucidados, não só quanto aos seus reais benefícios, mas quanto ao escoamento dos resíduos recicláveis. Se todos os resíduos produzidos, mundialmente, fossem inteiramente recuperados, não se teria, hoje, um parque industrial reciclador para absorvê-los, (CALDERONI, 1996).

Pelo lado econômico, quanto pelo ambiental, é necessário que se realizem estudos mais aprofundados dos processos de reciclagem, antes de intensificar a separação de resíduos domésticos. As iniciativas políticas, ao introduzirem sistemas de coleta seletiva de lixo, ou mesmo as empresas que fazem o marketing da reciclagem para neutralizar o impacto da produção de resíduos, merecem atenção da sociedade.

2.3 A produção de resíduos sólidos e o agente ecológico

Sabemos que a reciclagem de resíduos sólidos é necessária por várias razões: ecológicas, sanitárias, econômicas, políticas, etc. e apresenta-se como uma das alternativas relevantes de geração de emprego ou renda, principalmente, por meio de cooperativas de reciclagem de lixo.

O ator principal envolvido nesse cenário é o catador de resíduos sólidos que recebe várias denominações como: andarilho, rampeiro, margarida, xepeiro, badameiro e bóia-fria do lixo (LEGASPE, 1996).

A afirmação de Abreu (2004, p.30) vem elucidar com melhor propriedade esse ator que, sem espírito ambientalista algum, na verdade “[...] está apenas lutando por sua

própria sobrevivência nessa floresta urbana, onde sua matéria-prima é abundante e gratuita e muitas pessoas pagam para se livrar dela”.

Os catadores representam apenas um elo, nessa cadeia, que possibilita resgatar parte dos recursos aproveitáveis disponíveis no lixo das cidades, mas possuem um papel importante, pois é com seu trabalho que tem início todo um processo de reciclagem de lixo em nosso país. Estima-se que os catadores sejam responsáveis por mais de 60% do papel e papelão reciclado, no Brasil, bem como 90% do material que alimenta as indústrias de reciclagem de alumínio, fazendo do país um dos maiores recicladores deste produto do mundo, (BRITO, 2001).

Tais catadores submetem-se a uma rotina diária de trabalho que, muitas vezes, ultrapassa doze horas ininterruptas e que geralmente são explorados pelos donos de depósitos de sucata (sucateiros). Esse monopólio comercial do sucateiro representa a espoliação desses “agentes ambientais” e sua perpetuação em condições de degradação humana.

Como já mencionamos, uma das alternativas apresentadas para fortalecer os catadores e deixá-los mais independentes é a formação das Cooperativas de Reciclagem de Material Reciclável, apoiadas por Organizações Não Governamentais, Igrejas, Universidades, Sindicatos, Instituições Sociais, Prefeituras e também pelo governo estadual em conjunto com o Instituto de Pesquisa Tecnológicas.

Segundo Singer (2002, p.78), “a cooperativa representa os catadores perante o poder público e dele reivindica espaço protegido para armazenar e separar o material recolhido e financiamento para processar parte do material separado, agregando-lhe valor”.

É interessante lembrar o que aponta Singer sobre o resgate da humanidade. Os catadores sofrem muito com a rejeição social, visto estar, freqüentemente, em contato com o lixo, sua matéria-prima principal, encontrada em lixões, lixeiras, nas ruas e guetos, onde negociam e são os locais em que muitos moram.

Entretanto, mesmo os catadores formando cooperativas, para fugirem da exploração econômica, estes continuam à mercê de tal exploração, porque as indústrias que compram os materiais reciclados são poucas, exigem grandes volumes para negociar e estes volumes só são alcançados, muitas vezes, por sucateiros que estão há mais tempo no mercado e financiados pela própria indústria.

É importante salientar que uma parte desse material não reciclado, considerado, aqui, teoricamente como se fosse para os aterros, é retirado por catadores informais, os

chamados “garimpeiros do lixo” que atuam nos lixões de várias cidades. Em Presidente Prudente existem cerca de 100 pessoas (homens, mulheres, crianças e idosos) encontram-se “garimpando” produtos recicláveis no depósito de lixo do município para seu sustento e o de sua família (LEAL et al, 2004).

Hoje em dia, em Presidente Prudente, a coleta de resíduos sólidos, para a separação dos materiais que têm mercado para reciclagem, é uma atividade desenvolvida por catadores de papéis, de latinhas, que labutam diariamente nas ruas da cidade e, também, pelos integrantes da COOPERLIX. São pessoas pobres, excluídas socialmente e que se dedicam a esse tipo de trabalho, às vezes em condições precárias, colaborando, indiretamente, com a limpeza pública que seria de responsabilidade do poder público municipal.

O que se fazer com o lixo urbano, tem levantado vários questionamentos por parte da sociedade e de autoridades e várias alternativas são sugeridas conforme o interesse e a percepção de cada um. Uma delas é o reaproveitamento do lixo por meio da coleta seletiva e reciclagem dos materiais que assim podem ser transformados, pois dependem também do interesse da relação de compra de empresas especializadas.

Concluimos, portanto, que o não reaproveitamento dos resíduos sólidos está ligado à falta de incentivo econômico, pois quando se trata de latinhas de alumínio é quase total, porque é lucrativo para as empresas fabricantes.

No próximo capítulo abordamos a maneira como a COOPERLIX foi constituída, o perfil sócio-econômico de seus integrantes e a forma de trabalho executada pelos cooperados.



*Cooperativismo é ter união pra
desenvolver o trabalho. Se não tiver o
trabalho não tem o dinheiro.*

Ademar L. de Oliveira

Cooperado

3 A ORGANIZAÇÃO DA COOPERLIX E SUA TRAJETÓRIA DE SONHOS, DE LUTAS E DE CONQUISTAS

O presente capítulo aborda a relação entre a sustentabilidade sócio-econômica, a forma de trabalho, a cultura e o seu significado em organizações com atividades ligadas à gestão de resíduos sólidos, no caso a Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente, COOPERLIX.

Desta forma, estabelecemos algumas relações sobre essas questões, a partir de um diagnóstico sócio-econômico realizado com os cooperados da COOPERLIX, visando entender a relação entre a gestão organizacional, o significado e a forma como os cooperados se relacionam com a reciclagem e a auto-imagem do catador.

Enfocamos neste capítulo que a implantação bem sucedida de uma cooperativa de catadores, associada a um programa de coleta seletiva, exige uma intensa participação da sociedade em todas as fases de seu desenvolvimento. O motivo mais óbvio é que caberá à população separar do lixo e fornecer, voluntariamente, os materiais que constituirão a matéria-prima do trabalho da cooperativa.

Com o propósito de resgatar famílias, que sobreviviam do lixão de Presidente Prudente, um grupo de professores da UNESP engendrou a idéia de se criar uma cooperativa para retirar as pessoas que labutavam no lixão e incluí-las no sistema cooperativista, dando suporte na organização de uma cooperativa de reciclagem de resíduos sólidos.

Com esse objetivo, depois de várias tentativas, os catadores que trabalhavam no lixão foram convidados a participarem de uma reunião, em 2002, no SENAC de Presidente Prudente. Na ocasião, estiveram presentes 78 trabalhadores e lhes foi apresentada a proposta de se criar uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos.



Foto 1: Primeira reunião fora do lixão com os catadores para a apresentação do projeto, 2002.

Fonte: Leal et al, 2004.

Essa e outras reuniões sempre foram marcadas pela tensão entre os proponentes do projeto e os catadores, demarcado aí um elemento importante nesse processo, que era o fato de que o projeto não teve origem dentro do grupo de trabalhadores, mas deveria incluí-los, o que levou à longas negociações até concretizar a participação do grupo interessado⁵.

Em relação às dificuldades de se criar uma cooperativa de catadores de resíduos, Gonçalves (2006, p. 76) aponta que:

Para a organização e realização do trabalho da coleta seletiva são necessários, no entanto, equipamentos, por exemplo, um caminhão, que permitam que toda a atividade seja realizada com o melhor rendimento possível. Do contrário, a quantidade coletada não resultará em um rendimento que justifique o empreendimento.

⁵ Nessa reunião foi dado um importante passo no sentido organizativo dos catadores: foi formada uma comissão de representantes dos catadores que iria discutir a situação com o prefeito municipal.

No caso de Presidente Prudente, a Prefeitura Municipal foi responsável por parte dessa infra-estrutura. Essa ação do poder público acaba por ser fundamental, pois os trabalhadores catadores não conseguiriam adquiri-la por conta própria. Se o fizessem, ficariam com o rendimento do trabalho totalmente comprometido pelo endividamento.

Anteriormente, outras reuniões foram realizadas, com os catadores de resíduos do lixão de Presidente Prudente, com professores e alunos da UNESP e representantes da Secretaria de Assistência Social do Município de Presidente Prudente-SP, em um barracão abandonado, nas proximidades onde, hoje, está localizada a sede da COOPERLIX, (Foto 1).As reuniões se transformaram em momentos de reconhecimento mútuo, de planejamento das ações a serem desenvolvidas, objetivando a organização dos catadores do lixão de Presidente Prudente (GONÇALVES, 2006).

Todavia, no desenrolar das discussões entre o grupo de trabalho e pesquisa e o grupo de catadores, resolveu-se, também, visitar cidades com experiências semelhantes, o que possibilitou conhecer soluções aplicadas aos problemas vivenciados. A primeira experiência conhecida foi a da cidade de Penápolis (SP)⁶.

Cantoia (2007, p.45), em relação à reticência por parte dos catadores de resíduos, aponta:

Quando se conversa com os trabalhadores do lixão, percebe-se que existe a vontade de mudança de vida: com certeza, não existe catador que queira ficar até o fim da vida sobrevivendo dos restos; porém, devido ao tempo em que permanecem nessa atividade, eles não percebem com clareza as mazelas do local. Acostumaram-se, mas não se conformaram com a situação em que se encontram, tanto que buscam e/ou emprego em outros locais que não sejam os lixões.

A falta de perspectiva em relação ao emprego formal, faz com que os catadores continuem labutando no lixão, pois na disputa com outros catadores, sempre angariam algum valor pelo que é separado, coletado e negociado.

Cantóia, aponta, ainda que:

⁶ A cidade de Penápolis está situada a noroeste do Estado de São Paulo. O município tem aproximadamente 55.000 habitantes.

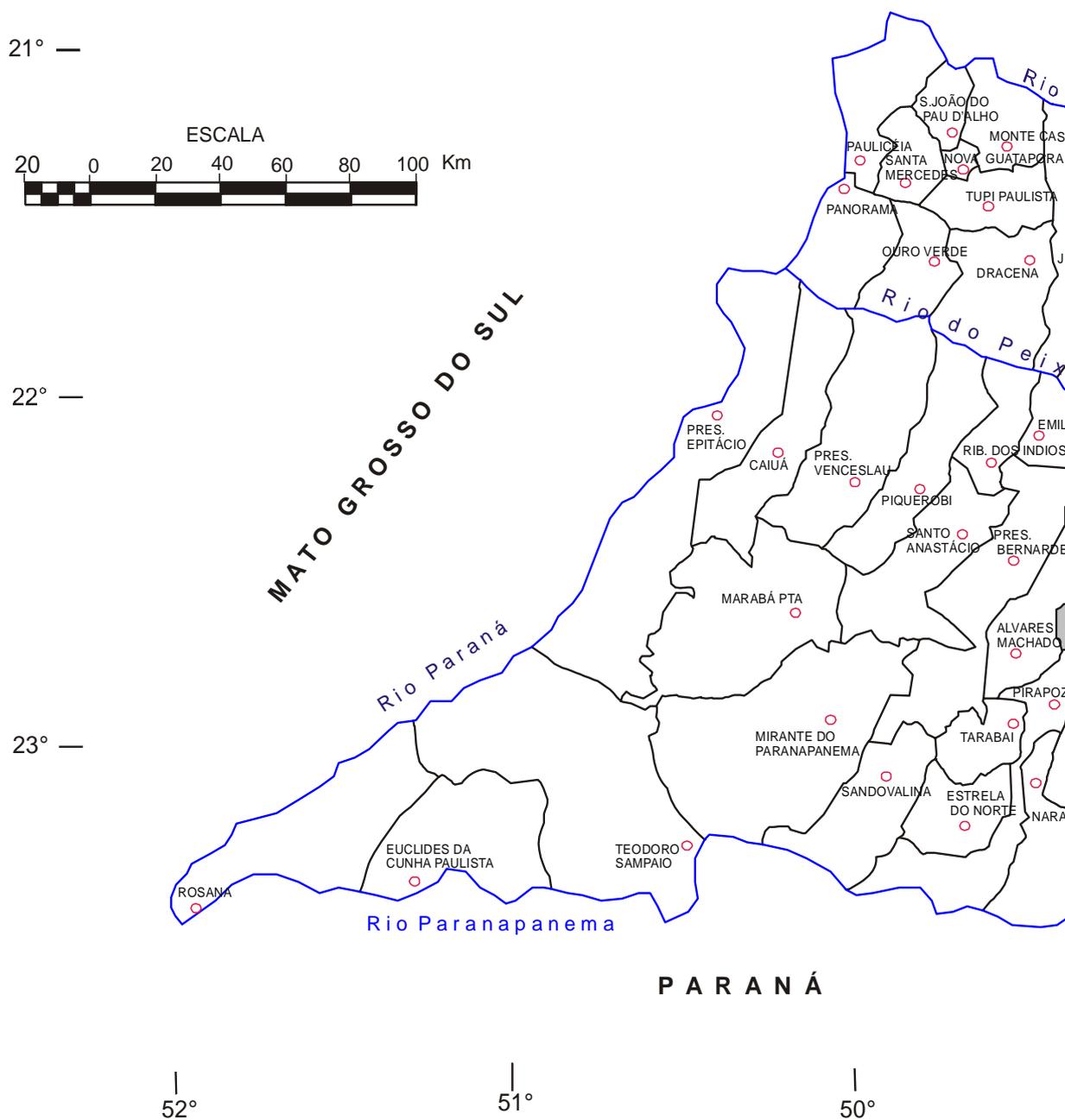
Os catadores são excluídos das relações cotidianas, pois não recebem assistência médica nem aposentadoria, garantidas por lei a todos os cidadãos brasileiros. Assim os excluídos desses direitos básicos, se incluem dentro de um outro modo de vida, criam laços de amizade, respeito e de compreensão, identificando-se com pessoas que passam e vivem as mesmas necessidades. Isso os identifica dentro do mesmo modo de viver e eles se encontram, sem vergonha de se assumirem, sem vergonha de dizerem que mesmo não sendo compreendidos pelo restante da sociedade, eles são indivíduos que vivem, lutam e sonham. (2007, p.44)

Sobre a colocação da autora, a psicologia social apregoa que a identidade entre os pares se dá em situações de crises, de similaridade de problemas e na conjunção de objetivos comuns. Isso se deu com os cooperados, pois vêem no outro um incentivo para que não desista, e o trabalho em equipe e em forma cooperativa favorece esse vínculo.

A cidade de Presidente Prudente⁷, localizada no Oeste do Estado de São Paulo, (Figura 1), enfrenta problemas de degradação ambiental, consequência de uma expansão

⁷ Presidente Prudente, está localizada no Oeste do Estado de São Paulo, possui 201 mil habitantes (IBGE, 2004), com índice pluviométrico altíssimo. As poucas áreas planas deste município, bastante recortado, estão ocupadas por núcleos humanos, (IBGE, 2004); tem aproximadamente 60 mil residências em sua zona urbana e está buscando alternativas para o gerenciamento dos resíduos sólidos produzidos pela cidade. (Figuras 1).

Figura: 01 Localização de Presidente Prudente no Oeste do Estado de São Paulo



FONTE: INSTITUTO GEOGRÁFICO E CARTOGRÁFICO- IGC/2001

Figura 1: Localização de Presidente no Estado de São Paulo
 Fonte: Acervo da Unesp, 2007.

urbana que desconsiderou a perspectiva de planejamento e, principalmente, os aspectos ambientais nas ações de promoção do desenvolvimento.

A coleta seletiva em Presidente Prudente começou no Bairro Ana Jacinta, através de uma campanha de porta-em-porta pelos integrantes da COOPERLIX, (Foto 2).



Foto 2: Cooperados no lançamento da coleta seletiva no Bairro Ana Jacinta em Presidente Prudente, 2003.

Fonte: Marcelino Andrade Gonçalves, 2006.

No ano de 2004, professores e alunos da UNESP (Curso de Geografia) e da UNOESTE (alunos dos Cursos de Administração e Gestão de Negócios), percorreram mais de 50 bairros onde a coleta seletiva estava sendo implantada, realizando pesquisa a fim de saber a percepção que a população tinha sobre o destino do lixo que ela produzia e sobre o conhecimento do papel da COOPERLIX em relação à coleta seletiva de resíduos sólidos, para através dos resultados obtidos, verificar as dificuldades da implantação para que isso pudesse ser extrapolado para outros bairros, posteriormente (Foto 3).

Nesse sentido, os cooperados se inseriram em um novo cenário de trabalho, que não mais no lixão, e sim de porta em porta na coleta seletiva, com horários e trajetos determinados pela organização do trabalho cooperativo entre eles.

Sobre isso, Cantóia (2007, p. 51), aponta que:

Além da nova função na organização dos trabalhadores, havia aqueles que iriam coletar os resíduos descartados seletivamente pelos moradores, acompanhando o caminhão coletor, os que teriam que separa os resíduos coletados. Esses como já eram acostumados no lixão, ficavam apenas como um elemento novo na organização em um espaço menor e diferente das regras do lixão.

Entretanto, o montante conseguido é dividido igualmente entre todos, independente da atividade por eles realizada. Foi nesse sentido, que as redes de parcerias foram tomando forma operacional, para dar apoio, sustento e validade às ações dos cooperados.



Foto 3: Aplicação do questionário no lixão de Presidente Prudente em 2003.

Fonte: Marcelino Andrade Gonçalves, 2006.

Feito isso, uma segunda etapa foi lançada e contou com verbas da FAPESP para que a COOPERLIX tivesse equipamento para poder processar a triagem e o enfardamento do material coletado através de caminhão cedido pela PRUDENCO.

Nesse sentido, o grupo de apoiadores procurou criar mecanismos de informação que permitiram a discussão do projeto, criando capilaridade junto à comunidade e tornando-o conhecido por parte da população e dos órgãos públicos. Com o intuito de dar credibilidade foram realizados seminários, mesas redondas e outros tipos de fóruns para discussão com o intuito de tornar conhecida a COOPERLIX e a ação por ela realizada junto à coleta de resíduos sólidos, no município de Presidente Prudente.

Simultaneamente à divulgação, foram criados materiais ilustrativos e informativos, os quais foram distribuídos nas Redes Municipal e Estadual de Ensino, na cidade de Presidente Prudente-SP. Várias reuniões e palestras foram realizadas com o intuito de divulgarem e incentivarem professores a aderirem a essa campanha.

Quadro 2: Bairros e condomínios que contam com trabalho de coleta seletiva em Presidente Prudente.

Segunda-feira	Terça-feira	Quarta-feira	Quinta-feira	Sexta-feira
Vila Formosa	Ana Jacinta	Jd Sabará	Sta Eliza	Pq. Imperial
Jd. Higienópolis	Mario Amato	Pq Cedral	Bela Vista	R. Maré Mansa
Chácara Macuco	Res. M. Carlo	Monte Alto	Cecap	Jd. V.Verde
Alto B.Vista	Anita Tiezzi	Jequitibás I, II	Cohab	Pq. Shiraiwa
Dhama II	João Paulo II	P. Furquim	Jd. Santa Paula	Jd. Servantes I
Nova Prudente	Pq Cerejeiras	V.Furquim	Jd. São Geraldo	Jd. Vale do Sol
Central Park	Jd. Colina	V.Marcondes	São Geraldo	Jd. Tropical
Vila Cel.Goulart	Jd.Cinquentário	Jardim Paulista	Res.Central Park	Jd. Universitário
Vila Lessa	Jd das Rosas	Jardim Balneário	Jd. Morumbi	Jd. Vila Real
Vila São Pedro	Jd. Icaray	Jd. Itapura II	Vila Iti	Jd. Sta Fé
Vila Boa Vista	Jd Cambuí	Pq. Alvorada	Vila Luso	J.N.Bongiovani
Vila Prudente	Jd. Petrópolis	Jd. Itatiaia	Vila Brasil	Jd. Carandá
Vila Machadinho	Campo Belo	Jd. São Domingos	Jd. São Paulo	Jd.Mediterrâneo
Bairro Bosque	Jd Satélite	Vila Geni	Jd. Itapura I	
Vila Maristela	Marupiara	Cidade Jardim	Vila Verinha	
Jardim Rio 400	Inocoop	Jd. Antuerpia	Vila Centenário	
Jardim Aviação	Jd. B.Horizonte	Jd. Duque de Caxias	Vila Mendes	
Jd. Bongiovani	Jd. Santa Olga		Jd.América	
	Jd. Santa Clara		Jd. Barcelona	
	Sítio São Pedro		Parque São Lucas	
	Jd. Iguazu		Jd. São Mateus	
	Jd. Regina			

Fonte: Leal et all (2004), atualizado em março de 2007.

Na fase de divulgação sobre a coleta seletiva, vários integrantes da diretoria da COOPERLIX, estiveram presentes em escolas, Universidades, falando sobre o papel da Cooperativa e da importância da separação dos resíduos sólidos de outros tipos de material descartável.

As escolas – dos respectivos bairros, citados no Quadro 2 - mereceram destaque no programa de sensibilização da comunidade, pois têm grande poder de multiplicação da informação junto à população composta não somente por alunos, funcionários e professores, mas pelas famílias e comunidade situadas ao seu redor.

Henares (2006, p.111) relata que:

A criação da COOPERLIX ampliou a possibilidade de mobilização social, participação e desenvolvimento das ações de educação ambiental nas escolas e em demais entidades, visto que, representa a oportunidade de, efetivamente, implantar a coleta seletiva no município, com o repasse do resíduo reciclável aos cooperados.

Portanto, a COOPERLIX está desempenhando um papel importante no sentido de envolver a sociedade a internalizar a noção de ter motivação para separar o descarte seletivo. Essa sensibilização torna-se imprescindível para a manutenção e fortalecimento da COOPERLIX, que depende desse produto (resíduos sólidos) para geração de renda de seus cooperados.

Como já foi citado, a coleta seletiva de resíduos sólidos, atinge 73% dos bairros da cidade de Presidente Prudente (pesquisa de campo, março de 2007) e é realizada por integrantes da COOPERLIX e vários concorrentes que se apropriam desse material separado antes e concomitantemente com os cooperados (Figura 2).

Com a doação do caminhão pelos Rotarys de Presidente Prudente, quinze novos bairros passaram a ser atendidos com a coleta seletiva. O aumento da coleta seletiva em bairros urbanos de Presidente Prudente só foi possível com a doação dos caminhões pela Diocese de Presidente Prudente e pelos Rotarys, aumentando em mais de 50% o número de bairros atendidos com a coleta seletiva.



PREFEITURA MUNICIPAL DE PRESIDENTE PRUDENTE

SECRETARIA MUNICIPAL DE MEIO AMBIENTE E TURISMO

PLANTA GERAL DA CIDADE 2007 ESCALA 1/15000

MAPA DE COLETA SELETIVA DO MUNICÍPIO DE PRESIDENTE PRUDENTE

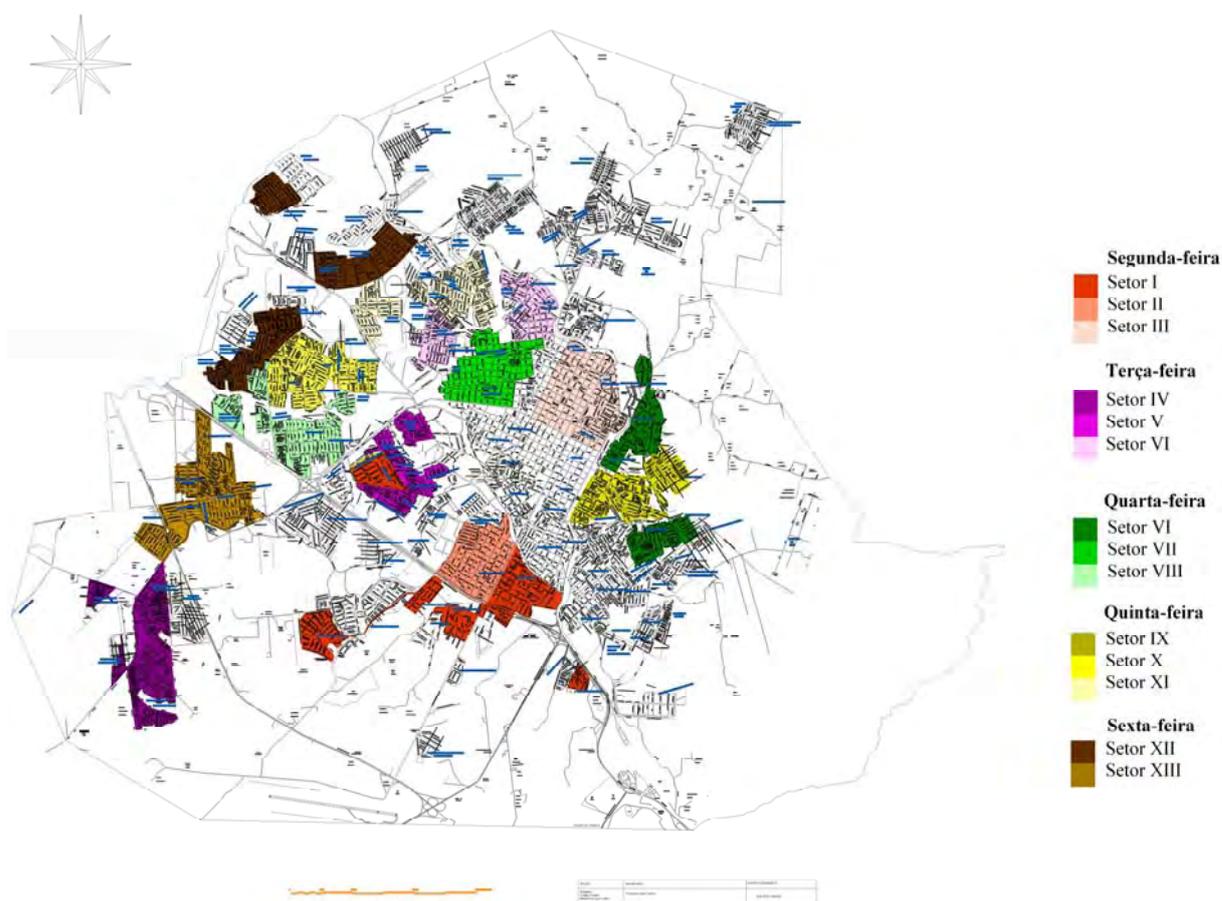


Figura 2: Mapa da coleta seletiva no perímetro urbano de Presidente Prudente

Fonte: Secretaria Municipal do Meio Ambiente de Presidente Prudente-SP, 2007.

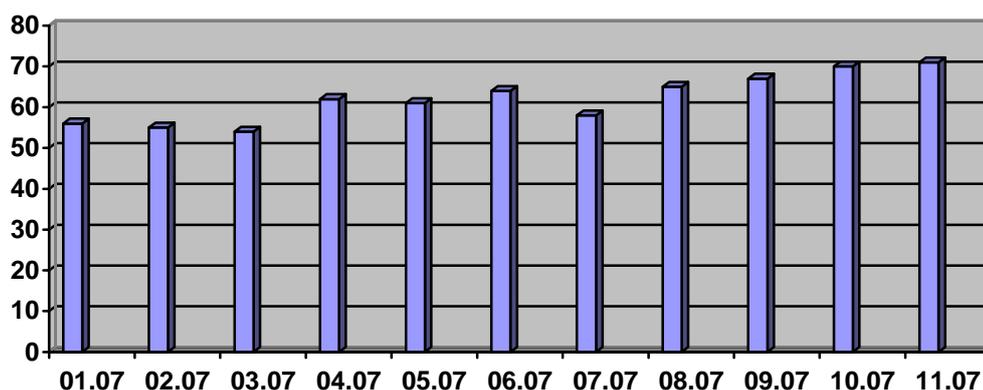
Notamos, através da Figura 2, que a coleta é feita em 94 bairros e condomínios de Presidente Prudente, de segunda a sexta-feira das 07h30m às 17h30m, (Quadro 3), coletando aproximadamente 65 toneladas de resíduos sólidos por mês. No ano de 2007, a média mensal de produtos reciclados pela COOPERLIX foi de 58,5 toneladas, (Quadro 3 e o Gráfico 1).

Quadro 3: Produção mensal de material reciclado pela Cooperlix.

01.07	02.07	03.07	04.07	05.07	06.07	07.07	08.07	09.07	10.07	11.07
56 t	55 t	54 t	62 t	61 t	64 t	58 t	65 t	67 t	70 t	71 t

Fonte: Pesquisa de campo, abril de 2007.

Gráfico 1: Produção Mensal de Material Reciclado pela Cooperlix, (toneladas).



Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2007.

Nesse sentido, vários bairros foram agregados na coleta seletiva, e naqueles em que já havia, foi intensificado um trabalho mais qualitativo, isto é procurar coletar mais resíduos na mesma viagem. Vários esforços, como conscientização nas ruas, nas emissoras de rádio, nas igrejas, foram intensificados a fim de internalizar na população a importância da coleta seletiva e o seu destino mais plausível.

Sobre isso, Gonçalves (2006, p.73) aponta que:

A implantação do programa de coleta seletiva sempre foi entendida como peça fundamental de estruturação da cooperativa dos catadores em Presidente Prudente, que pretendiam deixar a catação no lixão. A partir do momento em que se concretizou a organização do grupo de trabalhadores catadores, a implantação da coleta seletiva tornou-se fundamental, pois, sem a sua efetivação, não haveria outra forma de os trabalhadores cooperados obterem os resíduos recicláveis e garantia de renda.

Portanto, para a efetivação da coleta seletiva foram necessários equipamentos que, conforme apontamos, foram adquiridos com verbas da FAPESP e veículos para a coleta nas ruas, os quais foram doados pela Igreja Católica, Rotarys e um veículo cedido pela PRUDENCO; sem esses equipamentos, dificilmente a coleta seletiva através da COOPERLIX seria concretizada, mesmo que parcialmente.

3.1 A COOPERLIX e sua trajetória histórica.

A Cooperativa de Trabalhadores de Produtos Recicláveis de Presidente Prudente foi criada em fevereiro de 2003, posteriormente, denominada de “COOPERLIX”. Ela se iniciou com 38 cooperados, todavia, nos primeiros dias de funcionamento, ainda sem a sede atual, 19 pessoas desistiram de ser cooperados.

Como apontamos, a Cooperativa surgiu através de iniciativa de um grupo de professores da Unesp que se mobilizou e conseguiu com que a Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, representada pelas Secretarias Municipais da Assistência Social, Meio Ambiente, Educação; Companhia Prudentina de Desenvolvimento (PRUDENCO); Universidade do Oeste Paulista (UNOESTE) se integrassem em uma ação conjunta e elaboraram um Projeto de Políticas Públicas/FAPESP (Fundo de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo) intitulado “Educação Ambiental e Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos em Presidente Prudente – São Paulo”.

O Programa de Pesquisa em Políticas Públicas foi lançado pela FAPESP em agosto de 1998, tendo como finalidade financiar atividades de pesquisa que pudessem beneficiar a formulação e implementação de políticas públicas de significativa importância social e projetos de pesquisa desenvolvidos em parceria com organizações responsáveis pela implementação de políticas públicas, cujos resultados tenham impacto no Estado de São Paulo.

O Programa reunia institutos de pesquisa, universidades e organismos do setor público estadual (secretarias estaduais e municipais, empresas estatais e prefeituras), do setor público federal e organismos do terceiro setor (fundações e organizações não governamentais).

O pressuposto básico do programa evidenciava a formação de parceria que garantia a utilização dos resultados da pesquisa na implementação de políticas públicas, socialmente relevantes. A FAPESP financiou as atividades da pesquisa e, em contrapartida, as instituições parceiras participaram da elaboração, da execução e da implementação efetiva dos resultados.

Os principais objetivos do Programa de Pesquisa em Políticas Públicas, segundo a FAPESP (2007), são:

- a- Apoiar pesquisas interdisciplinares;
- b- Identificar obstáculos e dificuldades enfrentados na área da ação social do poder público, estadual, municipal ou federal, de modo a permitir a formulação de políticas públicas que respondam às necessidades de desenvolvimento econômico, cultural e social;
- c- Produzir análises sobre formas de gestão e políticas públicas inovadoras, que subsidiem a formulação de políticas públicas criativas e viáveis;
- d- Elaborar metodologias padronizadas e acessíveis de avaliação de políticas públicas, inclusive mediante a transferência de tecnologias apropriadas;
- e- Sistematizar, disseminar, avaliar e fazer o balanço dos trabalhos acadêmicos que acumulam conhecimento nas áreas de atuação pertinentes às políticas públicas;
- f- Divulgar experiências passadas bem sucedidas e formar e capacitar agentes de programas de Organizações Não Governamentais.

Em relação à COOPERLIX, o Projeto de Políticas Públicas da FAPESP colaborou no sentido de retirar catadores do lixão e organizá-los em forma de Cooperativa de trabalho, onde através dos recursos obtidos os cooperados puderam ter condições de exercerem seus trabalhos de forma cooperativista. Para tanto a FAPESP, através do Projeto de Políticas Públicas forneceu equipamentos, como prensa, esteira, geladeira, fogão e equipamentos de informática para pesquisa.

Atualmente, a Cooperativa está instalada em um barracão, cedido pela Prefeitura Municipal de Presidente Prudente, na Zona Leste de Presidente Prudente, na Rua Sebastião Salustiano, 466, no Parque Industrial I, longe do centro da cidade e próximo ao lixão da cidade. (Fig. 3). O barracão possui refeitório e vestiário, para melhor acomodação dos cooperados (foto 4).

Projeto de Pesquisa em Políticas Públicas de Educação-Ambiental e Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos de Presidente Prudente, atendeu aos objetivos elencados pelo Programa de Políticas Públicas da FAPESP e com isso viabilizou o funcionamento da COOPERLIX no fornecimento de equipamentos e treinamento de seus cooperados.

3.2 Identificação dos cooperados

Quando foi fundada, a COOPERLIX era constituída por 38 cooperados e em abril de 2007 esse número chegou a 32 cooperados. Seus integrantes são ex-catadores do lixão, ou que viviam da catação de resíduos nas ruas da cidade. Após vários encontros, viram a necessidade de se organizarem a fim de obterem mais força ou poder de barganha, para negociarem seus produtos com sucateiros e indústrias do segmento de reciclagem de lixo, (Quadro 4).

O quadro 4 revela que 43% do quadro de cooperados é do sexo feminino, sendo que os integrantes da diretoria, em sua maioria, são constituídos por mulheres. 43% dos cooperados encontram-se há mais de 3 anos como integrantes da COOPERLIX e 40% estão desde a fundação da Cooperativa.

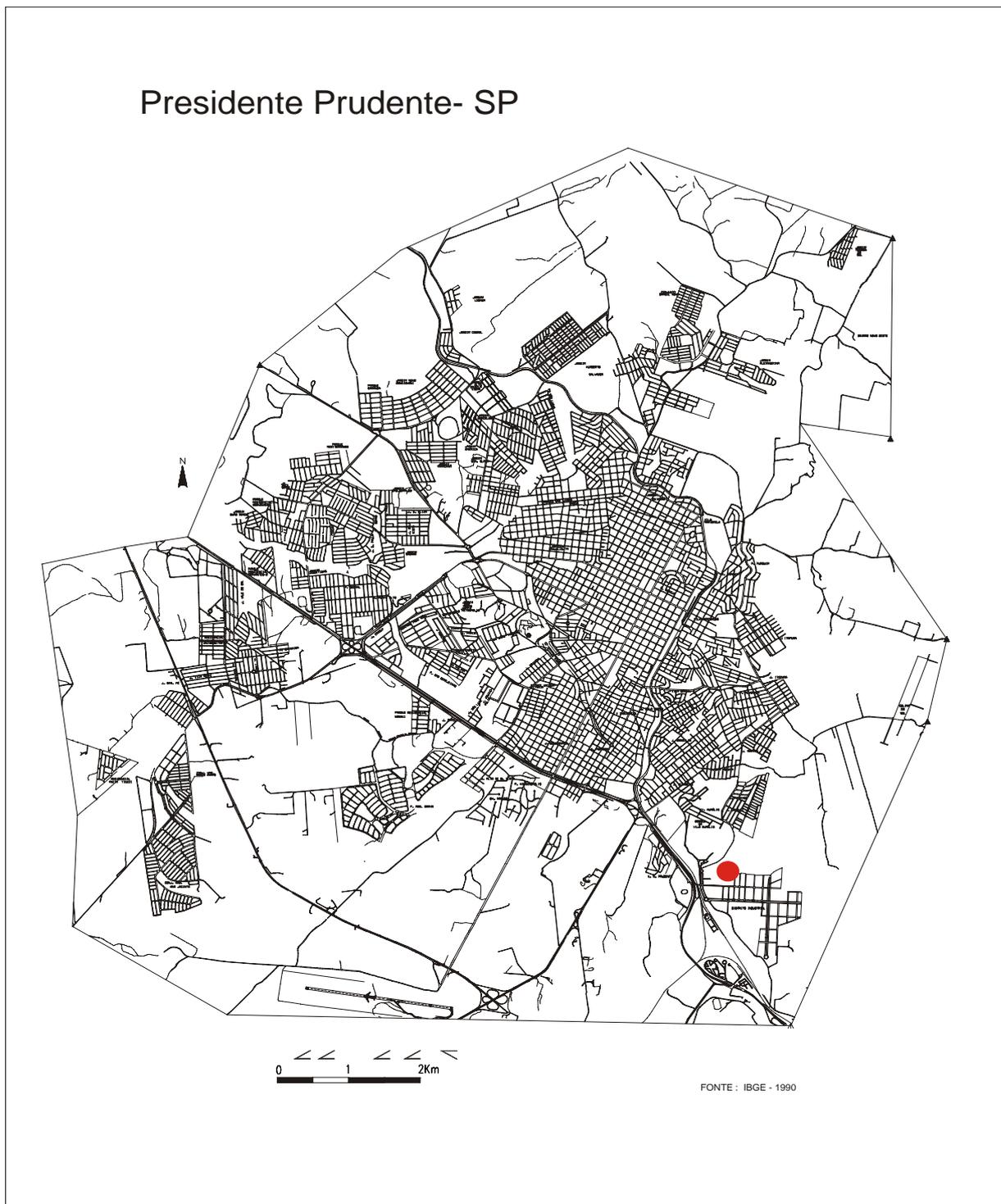
Desse número, um cooperado encontra-se afastado por motivo de doença. Este, por ser cooperado e pagar o seguro da Previdência Social, recebe auxílio-doença. Os demais possuem uma renda média de R\$ 463,00 por mês (Pesquisa de Campo, abril de 2007).

Quadro 4: Relação nominal dos cooperados da COOPERLIX

Cooperado	E.Civil	No. Filhos menores de 14 anos	Reside em casa própria	Já trabalhou com c.assinada	Tempo na Cooperativa
Ademar L. de Oliveira	Casado	-	Sim	Sim	5 anos
Adilson Avelino da Silva	Solteiro	-	Não	Sim	5 anos
Ailton Paiz de Oliveira	Solteiro	-	Sim	Não	3 anos
Anselmo C. Lima	Casado	Dois	Sim	Sim	3 anos
Carmem Lucia Santos	Casada	Três	Sim	Não	5 anos
Dina Ferreira	Casada	Um	Sim	Sim	5 anos
Djalma Ferreira	Casado	Dois	Sim	Sim	4 anos
Edgar Bernardes	Separado	Um	Não	Sim	3 anos
Elviro de Souza	Casado	-	Sim	Sim	3 anos
Eva de Assis dos Santos	Casada	-	Sim	Sim	5 anos
Florindo Langrbemann	Solteiro	-	Sim	Não	5 anos
Gerson C. do Nascimento	Solteiro	-	Sim	Sim	5 anos
Gislaine Carvalho de Souza	solteira	Dois	Sim	Não	5 anos
Henrique T. de Carvalho	Casado	-	Sim	Sim	5 anos
Jacira Francisco dos Santos	Casada	-	Sim	Sim	5 anos
João Hermano Correia	Casado	-	Sim	Sim	06 mês
José Alexandre Santos	Casado	02	Sim	Sim	06 mês
Luis Santos Oliveira	Casado	02	Sim	Sim	06 mês
Manoel Cardos dos Santos	Casado	-	Sim	Sim	4 anos
Maria Fátima Xavier	Separada	Dois	Não	Não	5 anos
Maria Ap. Assis da Silva	Separada	Dois	Sim	Sim	4 anos
Maria Ap. de Souza	Separada	Dois	Sim	Sim	4 anos
Maria Avelina do Santos	Casada	-	Sim	Sim	10 meses
Maria Natalina Gonçalves	Separada	Dois	Sim	Sim	2 ano
Mary Agenor Santana	Solteira	-	Sim	Sim	1 mês
Michael Jackson Figueiredo	Solteiro	01	Sim	Sim	06 mês
Roque Dantas Santos	Casado	-	Sim	Sim	5 anos
Rosa Amélia de Souza	Solteira	Um	Sim	Não	3 anos
Valdecir da Silva	Casado	Dois	Não	Sim	3 anos
Vanessa T. Oliveira	Separada	Um	Não	Sim	6 mês
Vânia Aparecida Vilella	Casada	-	Sim	Sim	5 anos
Wilson Aparecido Santos	Casado	-	Sim	Sim	4 anos

Fonte: Pesquisa de Campo, Abril de 2007.

Figura 3: Localização da Cooperlix em Presidente Prudente
Fonte: Trabalho de campo, agosto de 2007



A Cooperativa contou, também, com apoio da Federação dos Trabalhadores em Serviços, Asseio e Conservação, Limpeza Urbana, Ambiental e Áreas Verdes (FENASCON) e Sindicato dos Trabalhadores em Empresas de Prestação de Serviços, de Asseio e Conservação e Limpeza Urbana (SIEMACO).



Foto 4 – Fachada da sede da COOPERLIX.

Fonte: Trabalho de Campo, Fevereiro de 2007.

A PRUDENCO disponibilizou um caminhão e um motorista para fazer a coleta seletiva todos os dias úteis da semana. Cedeu, também, um outro veículo à COOPERLIX, todas as quartas-feiras, para realizar a coleta em bairros mais populosos. (Foto 5).



Foto 5: Caminhão da Prudenco cedido à coleta seletiva

Fonte: Trabalho de Campo, novembro de 2007.

Com o intuito de retirar mais pessoas do lixão e as incluírem na COOPERLIX, em 2004, a Cúria Diocesana de Presidente Prudente, em parceria com o SIEMACO/FENASCON, doou um caminhão para abranger mais áreas de coleta, (Foto 6). Cabe ressaltar que a iniciativa da doação do caminhão partiu do Sr. Bispo Diocesano de Presidente Prudente, que contribuiu com 80% do montante para a aquisição do veículo e o SIEMACO/FENASCON contribuiu com o restante.

A doação do caminhão pela Cúria Diocesana à COOPERLIX, se materializou através de doações que fiéis da Igreja Católica ofertaram na Campanha da Fraternidade no ano de 2004. Parte da Campanha foi doada à COOPERLIX.



Foto 6: Veículo doado pela Diocese de Pres. Prudente para a Cooperlix

Fonte: Trabalho de Campo, novembro de 2006.

Em março de 2007, os Rotarys Club de Presidente doaram um outro veículo para otimizar o trabalho de coleta seletiva (Foto 7) objetivando com essa doação, que a COOPERLIX absorvesse um mínimo de doze trabalhadores do lixão, no período de um ano, a contar da data da entrega do veículo, cujo objetivo era ampliar de 73% para 100% os bairros urbanos de Presidente Prudente, podendo dessa forma, aumentar em quantidade e qualidade, os materiais coletados e como consequência obter mais ganho para os cooperados.

Com a entrada em serviço do veículo doado pelos Rotarys Clubs de Presidente Prudente, aproximadamente, duas dezenas de novos bairros passaram a ser atendidos com a coleta seletiva pela COOPERLIX.



Foto 7: Veículo doado pelos Rotarysts de Presidente Prudente à Cooperlix

Fonte: Trabalho de Campo, abril de 2007.

Com mais de quatro anos de atividade, a COOPERLIX surgiu, em Presidente Prudente, como uma alternativa para aqueles que trabalhavam como catadores de lixo, na garimpagem junto ao lixão, e que sobreviviam com a precariedade do trabalho alternativo, portanto, excluídos do mercado de trabalho formal. Foi fundada com o objetivo de amenizar o impacto social provocado pelo desemprego e pela possibilidade de inserção de pessoas que viviam labutando no local de deposição final dos resíduos sólidos, no caso, o lixão de Presidente Prudente (Foto 8).

Portanto, os catadores de materiais recicláveis são, cotidianamente, dependentes do consumo e do pós-consumo, isto é, os catadores dependem do aumento do consumo de produtos com embalagens recicláveis, ao mesmo tempo que, parte da mídia, principalmente, rádios e jornais, desenvolve campanhas para diminuir o consumo de produtos com embalagens descartáveis; assim, dramaticamente, enfrentam a necessidade de que os outros consumam e descartem ao lixo aquilo que, aparentemente, é inservível para a classe social que consome (SANTOS, 2002; FOLADORI, 2001).



Foto 8: Lixão de Presidente Prudente.

Fonte: Pesquisa de Campo, março de 2004.

A organização do grupo de catadores de resíduos sólidos recicláveis, em forma de cooperativa, que atuava no lixão de Presidente Prudente, concomitantemente à implantação de um programa de coleta seletiva só pôde se efetivar com a aquisição de máquinas e equipamentos que permitiram instrumentalizar os processos de trabalho realizados pelos cooperados na coleta, triagem e comercialização dos resíduos sólidos recicláveis.

Os dados comentados a seguir foram obtidos a partir de observação participante e observação direta extensiva, através de entrevistas realizadas com os integrantes da COOPERLIX, no mês de março de 2004. Participaram dessa pesquisa pesquisadores da Unesp (mestrado e doutorado), contemplando o Projeto de Políticas Públicas da FAPESP, em ambiente condizente com uma entrevista técnica, não havendo envolvimento de terceiros e em condições físicas e psicológicas apropriadas. A pesquisa foi reaplicada em novembro de 2006, usando-se o mesmo modelo de 2004, com o intuito de efetuarmos uma comparação entre os dados.

Cabe salientar que de um total de 34 cooperados, entrevistamos 31, pois dois se recusaram a responder os formulários e um não foi encontrado, pelo fato de estar afastado

por motivo de doença. Nessa pesquisa, realizada em março de 2004, estiveram envolvidos alunos dos cursos de graduação em Geografia da UNESP, alunos e professores do Programa de Pós-Graduação em Geografia da UNESP, alunos de graduação de Administração e Ciências Contábeis da UNOESTE.

Em novembro de 2006, a pesquisa foi reaplicada, usando-se o mesmo questionário utilizado em março de 2004. Na oportunidade, foram entrevistados 29 cooperados, não sendo localizados dois de seus cooperados em virtude de afastamento do trabalho, por recomendação médica. Nesse sentido, fizemos uma análise comparativa entre os resultados das duas pesquisas (2004 e 2006).

As pesquisas revelaram que a distribuição de tarefas obedeceu a um certo critério, ficando as atividades de separação e limpeza, sob responsabilidade das mulheres e quanto aos serviços de prensagem e descarregamento do material delegados aos homens.

Apesar do trabalho de coleta seletiva realizada com os caminhões nas ruas de Presidente Prudente ser árduo, a mesma é executada, também, por algumas cooperadas.

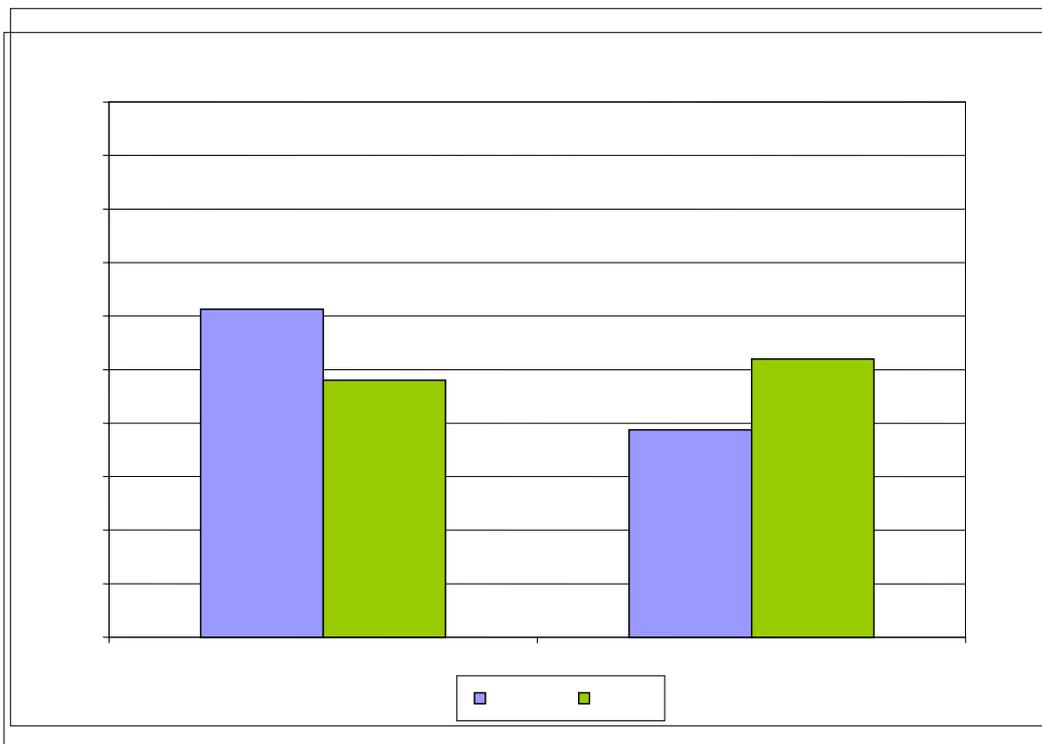
Quanto à divisão de tarefas, o quadro funcional da COOPERLIX está assim constituído: uma cozinheira, dois motoristas, dois vigias, quatro trabalham nas prensas, dois na descarga de resíduos, sete coletadores nas ruas e treze cooperados trabalham na separação dos materiais, (Figura 4).

Em novembro de 2006 reaplicamos a mesma pesquisa aplicada em 2004 e obtivemos os seguintes resultados: Em 2004 as mulheres representavam 38% (12 cooperadas) e em novembro de 2006 as mesmas representavam 52% (17 cooperadas) do total dos cooperados. Esse número obteve uma leve alteração a partir do mês de março de 2007, quando quatro novos integrantes ingressaram à COOPERLIX. (Gráfico 2).

A atualização da pesquisa (realizada em abril de 2007) quanto ao gênero, mostrou que o aumento do número de mulheres, quase equiparava-se ao número de homens.

Notamos também que, em relação à desistência houve um percentual menor entre as mulheres, em relação aos homens. A diminuição do número de associados da COOPERLIX, desde a sua fundação até março de 2006, deve-se ao fato de desistências de trabalhadores do sexo masculino, pois somente duas associadas desistiram de ser cooperadas nesse período de três anos (Gráfico 2).

Gráfico 2: Identificação dos cooperados quanto ao Gênero



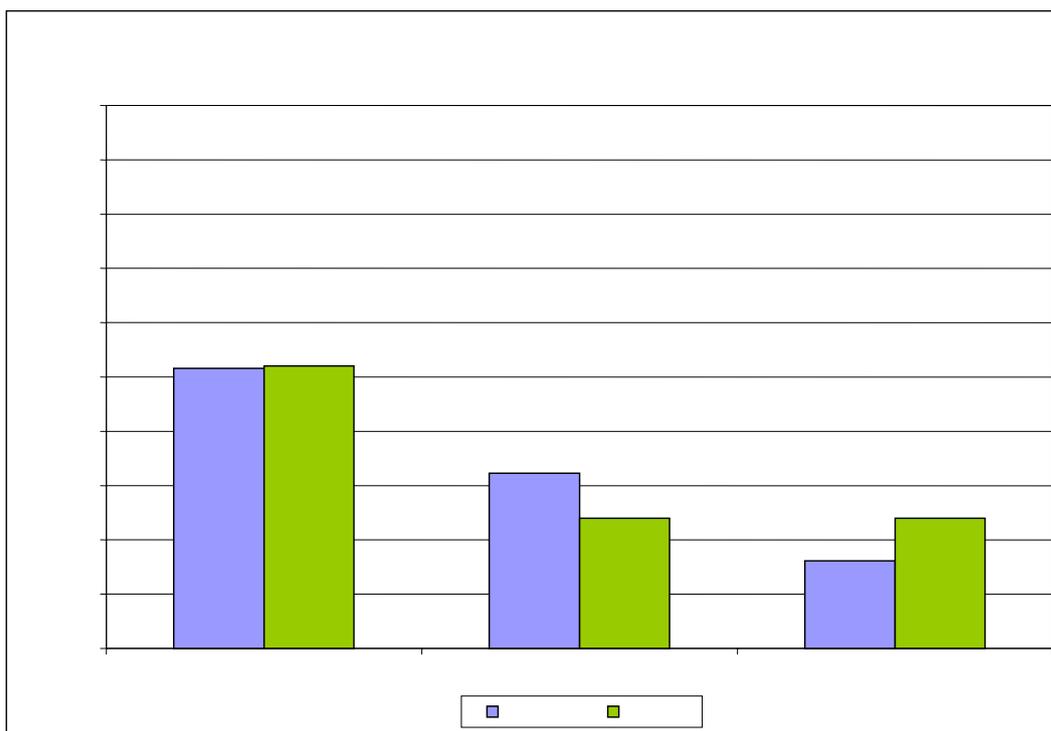
Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Algumas cooperadas se afastaram da COOPERLIX por não suportarem a carga física do trabalho diário. As cooperadas que se desligaram possuíam idade acima de 50 anos.

Com relação ao estado civil, as pesquisas de 2004 e 2006 demonstraram uma presença maior de cooperados solteiros, em torno de 15% a mais que os casados, sendo 16 solteiros, 10 casados, enquanto que outros 06 apresentavam outros tipos de relacionamento conjugal (gráfico 3).

Não houve dados significativos quanto a esse item em relação ao estado civil dos cooperados. Notamos que, dentre os integrantes da COOPERLIX que deixaram de ser cooperados, a maioria era jovem e solteiro, apresentando uma compleição física adequada ao mercado de trabalho formal.

Gráfico 3: Estado civil dos cooperados

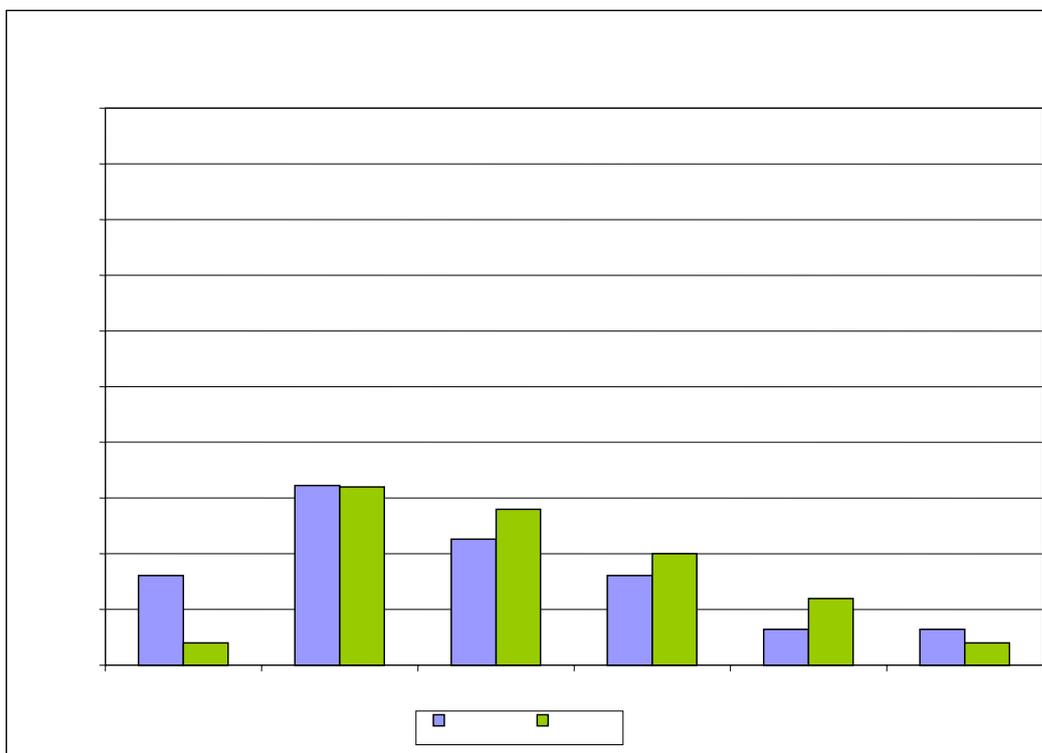


Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Quando a pesquisa se direcionou a faixa etária, percebemos que 15 cooperados encontram-se entre 18 e 30 anos (faixa considerada extremamente produtiva, pois se encontram com compleição física vigorosa), 12 cooperados estão entre 31 e 40 anos, 5 cooperados estão entre 41 e 50 anos e apenas 2 cooperados estão com idade acima de 51 anos. (Gráfico 4). Ao analisarmos o gráfico 4, identificamos um pequeno aumento na faixa etária dos cooperados, principalmente com mais de 51 e 60 anos.

Notamos pelos dados desse quadro, que apesar da COOPERLIX não fazer aceção de idade e gênero, poucas pessoas se arriscam a trabalhar num ambiente onde há formalidade de horário, de forma de trabalho e de compartilhamento de responsabilidades e deveres. Os mais velhos, provavelmente, vêm no cenário apresentado uma dificuldade maior de adaptação ao trabalho organizado e formal. A pesquisa evidenciou, também, que dentre os que se desligaram da Cooperativa, grande parte encontrava-se na faixa etária entre 18 e 20 anos.

Gráfico 4: Faixa etária dos cooperados

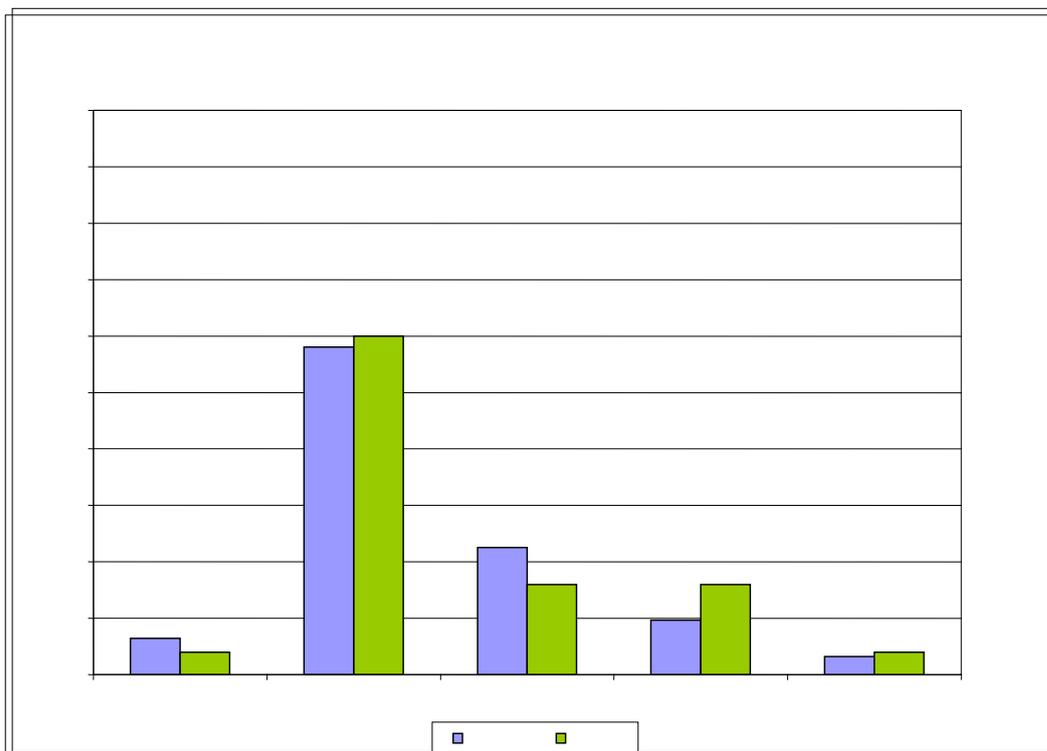


Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

O gráfico 4, nos fornece dados significativos para entender que mais de 30% dos cooperados da COOPERLIX encontram-se na faixa etária acima de 40 anos. E isso vem corroborar com dados do IBGE (2004), quando aponta que o Brasil passa por uma grande transformação na sua pirâmide etária. Nos últimos 50 anos, o número de idosos saltou de 2 milhões para 14 milhões de pessoas. Isso cria um impacto sobre a renda da família, pois 9% da população são idosos, porém 26% das famílias brasileiras possuem, pelo menos, um idoso em sua convivência domiciliar. Então, o benefício é dirigido ao indivíduo e é redistribuído dentre seus familiares.

Em relação ao nível de escolaridade, o fato de 16 cooperados não possuírem o ensino fundamental completo e dois não serem alfabetizados (Gráfico 5), realmente dificulta o envolvimento nas questões administrativas da Cooperativa e, com isso, os parceiros muitas vezes assumem o papel de mediadores, desempenhando papel nas áreas contábil, financeira, mercadológica, organização do trabalho cooperativo e da administração de conflitos os quais são assistidos pela Faculdade de Administração e Ciências Contábeis da UNOESTE.

Gráfico 5: Grau de escolaridade dos cooperados.

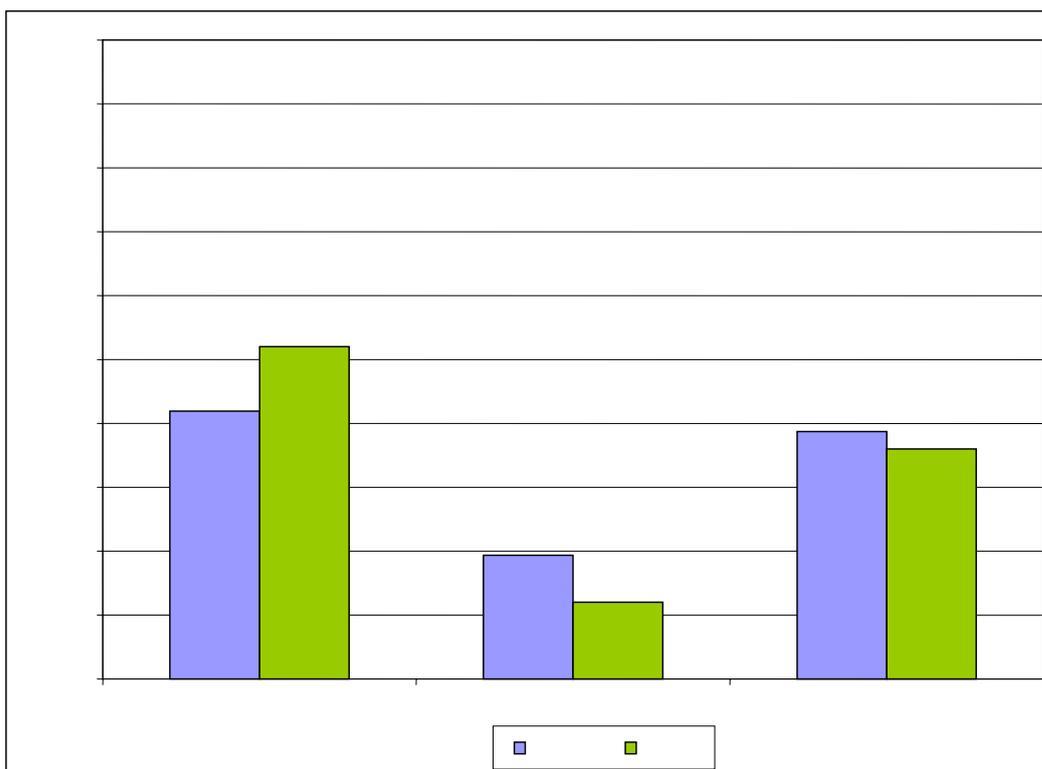


Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

A FCT/UNESP (Universidade Estadual Paulista - Campus de Presidente Prudente) ofereceu um curso de alfabetização para adultos na sede da COOPERLIX, no período de 2004 e 2005 e 16 dos cooperados o frequentaram. O curso foi oferecido no horário das 17h30m às 19h00m, de segunda a sexta-feira, gratuitamente, inclusive com o fornecimento de material escolar necessário para a aprendizagem dos mesmos.

Quanto ao tempo de trabalho na Cooperativa, 18 cooperados entrevistados enfatizaram que permanecem-se na Cooperativa desde sua formação inicial e que antes, para sua sobrevivência, exercia sua função profissional, como catador, no lixão de Presidente Prudente. Os outros 16 cooperados que se associaram posteriormente, são oriundos do lixão da cidade ou com atividades de catação de resíduos, (Gráfico 6).

Gráfico 6: Tempo de associado na Cooperlix

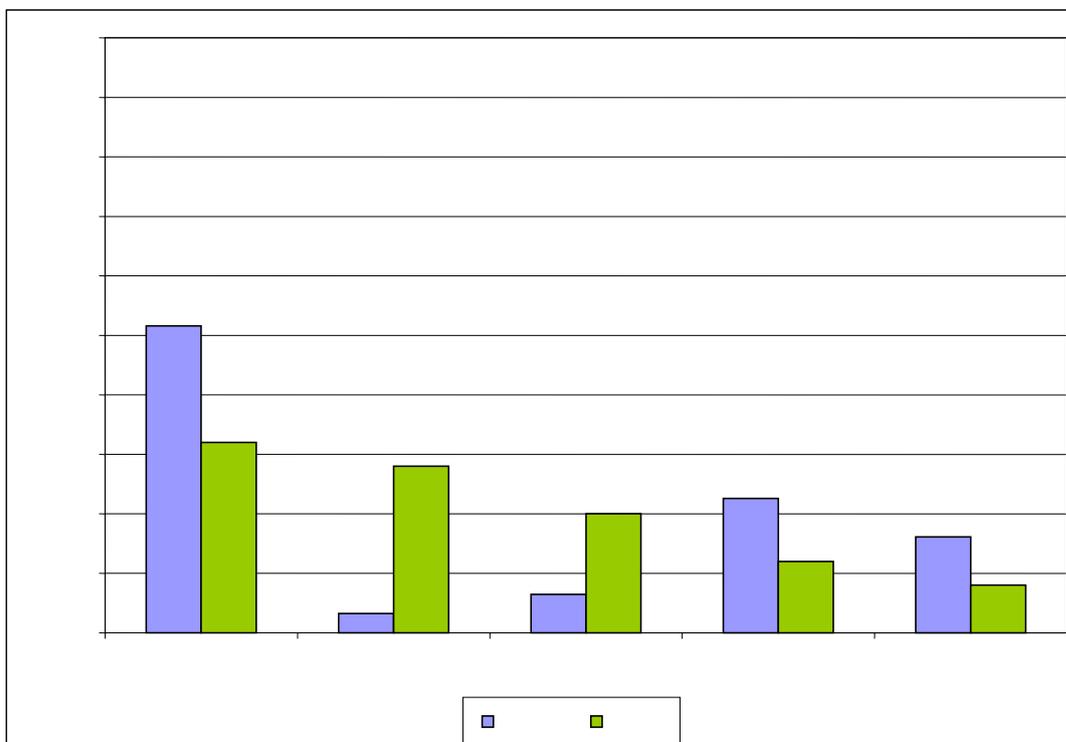


Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

3.3 Dificuldades apresentadas pelos cooperados

Dentre os entrevistados, 55% percebem que a dificuldade de relacionamento é o principal fator de conflito interno, seguida de 28% que acham que as dificuldades em decorrência da forma de gerenciamento ser um fator preocupante quanto ao futuro da Cooperativa. Desconhecem, em parte, os critérios dos dividendos de seus labores e da quantidade de material coletado, diariamente. (Gráfico 7).

Gráfico 7: Principais problemas enfrentados na Cooperativa



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

A pesquisa realizada em 2004 mostrou que o relacionamento interno era o principal problema enfrentado pelos cooperados, enquanto que em 2006, a pesquisa mostrou essa problemática foi reduzida em torno de 40% em relação à pesquisa realizada em 2004. Pressupõe-se que o trabalho realizado pelos apoiadores e parceiros em relação aos treinamentos dados, veio colaborar para amenizar esse problema.

No que tange à admissão do cooperado na COOPERLIX, 19 pessoas disseram, na pesquisa realizada em 2004, que se tornaram cooperados porque receberam convite de outros cooperados. Na pesquisa realizada em 2006, 13 pessoas se tornaram cooperados através de convite de outros integrantes da Cooperativa. Por outro lado, tanto na pesquisa realizada em 2004 como na que foi efetuada em 2006, 12 pessoas disseram que foi através da influência da Unesp. Isso vem corroborar a confiança que os cooperados demonstram nos apoiadores em relação às suas expectativas.

Ainda que criada com o apoio da Prefeitura e de algumas instituições assistenciais, a COOPERLIX enfrenta desafios do cotidiano para avançar e se firmar como uma alternativa sustentável e viável para uma cidade do porte de Presidente Prudente, principalmente em sua forma de gestão e da concorrência de outros catadores autônomos de material reciclável. É nesse sentido que se faz necessário o apoio presente dos parceiros e apoiadores, visando dar sustentabilidade à organização e orientação no que tange aos problemas cotidianos enfrentados, diariamente, na Cooperlix.

Nesse sentido, a COOPERLIX mantém contato com outras cooperativas de reciclagem, entre elas as de Assis, Ourinhos, Presidente Epitácio, Álvares Machado, Rancharia e Martinópolis, todas na região Oeste do Estado de São Paulo, através de encontros e palestras realizados, mensalmente, pela Associação das Cooperativas. Esses encontros contam com a presença de dois membros de cada cooperativa onde são discutidas as dificuldades e a solução dos problemas enfrentados por elas em relação à comercialização de materiais recicláveis e a forma de gestão do trabalho cooperativo.

Notamos que um dos problemas encontrados na COOPERLIX, é similar ao de outras cooperativas de resíduos sólidos e está relacionado à comercialização de seus produtos, pois as empresas que os compram exigem grande quantidade de material, o que normalmente as cooperativas pequenas não possuem.

Dessa maneira, as cooperativas são obrigadas a vender seus produtos a intermediários, (como exemplo, é possível citar os sucateiros), que estão no mercado há muito tempo e possuem infra-estrutura necessária para trabalhar com o lixo, levando vantagens nas negociações com as cooperativas e as indústrias consumidoras do material reciclável.

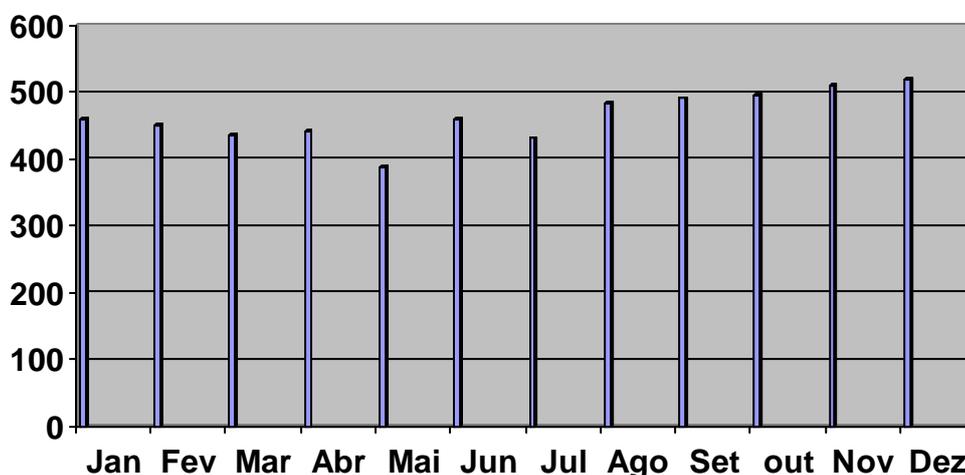
Notamos que o trabalho cooperativo entre os integrantes da COOPERLIX, somado aos atos assistidos pelos parceiros e apoiadores, se cristaliza, através de redes sociais dos apoiadores, com a valorização dos elos informais e formais das relações. Portanto, entende-se o trabalho em rede como uma forma de organização humana presente nos ambientes de trabalho nos mais diferentes níveis de estrutura institucional moderna (MARTELETO, 2001).

Apesar da colaboração efetiva no fornecimento de ambiente físico digno ao cooperado e à concessão de veículo para a coleta, os integrantes da COOPERLIX, num total de 32 associados representa uma economia real na folha de pagamento da

PRUDENCO em torno de R\$ 245.928,26 anual (considerando o menor salário da PRUDENCO de R\$ 640,44) ⁸. Sabe-se, pelas leis trabalhistas, que sobre o salário base, mais 27,5% são acrescentados, que são contribuições, PIS, FGTS e INSS.

Além desses encargos, incidem os percentuais do 13º. Salário e Férias. Somando todos esses encargos há um acréscimo real de 45% sobre o salário base de qualquer trabalhador registrado regularmente em uma organização. Multiplicando-se por 12 meses = R\$ 7.685,28 X 32 (número de cooperados) tem-se a soma de= R\$ 245.928,26 (Gráfico 8).

Gráfico 8: Retirada Mensal em R\$, pelos Cooperados durante o Ano de 2006.



Trabalho de Campo, abril de 2007.

Notamos, pelos dados do gráfico 8, que a média da divisão da retirada dos dividendos entre os cooperados, gira em torno de R\$ 463,62 reais, acima do salário mínimo vigente no país. Comparando com outras cidades como Londrina, onde a retirada mensal gira em torno de R\$ 400,00, Santo André, R\$ 450,00, Diadema (425,00); a retirada mensal pelos cooperados da COOPERLIX, está dentro da média nacional de catadores (JACOB, 2006).

Pelo fato de seus integrantes estarem hoje, inclusos socialmente, mesmo trabalhando com o lixo, o trabalho apresenta uma certa organização, fazendo com que os cooperados tenham sonhos e expectativas em relação ao seu futuro, mesmo ainda estando

⁸ A Prefeitura Municipal de Presidente reembolsa à Prudenco pelos trabalhos prestados de coleta do lixo, pela manutenção de asfaltos e construção de imóveis da Prefeitura.

sob o jugo dos interesses do capital, e conforme aponta Magera (2003) “a reciclagem é uma invenção mercantil intimamente ligada à estrutura produtiva, fornecendo matéria-prima barata aos segmentos industriais que a utilizam”. Legaspe (1996) corrobora, afirmando: “a reciclagem é um instrumento econômico e seu emprego determina a condição de passagem do material reciclado por um novo processo industrial, para se efetivar o consumo ou uso novamente”.

3.4 A dinâmica do trabalho na Cooperlix

Apesar de todo o esforço despendido pelos apoiadores, os integrantes da COOPERLIX, em decorrência de suas histórias pessoais e profissionais anteriores estão, em parte, à margem da sociedade mercantil, refletindo nas dificuldades em gerir e comercializar seus produtos.

A utilização do maquinário permitiu, ainda, a otimização dos processos de trabalho dentro do barracão, gerando um melhor aproveitamento do tempo e do rendimento das atividades desenvolvidas na cooperativa, o que refletiu diretamente na quantidade e na qualidade de materiais a serem comercializados, possibilitando um aumento na renda dos trabalhadores.

Após a triagem, os resíduos recicláveis são colocados em biombos ao lado da esteira e depois conduzidos até as baias (Foto 9) onde permanecem armazenados até que se obtenha quantidade suficiente para que possam ser prensados. A otimização do trabalho despendido pelos cooperados também se dá pelo conhecimento dos vários tipos de plásticos, a separação adequada e organizada, gerando melhor preço. Para tanto, foram efetuados vários treinamentos técnicos sobre a classificação e composição dos resíduos além de várias visitas técnicas em outras localidades que têm a coleta seletiva implantada.



Foto 9: Baias de resíduos recicláveis.

Fonte: Trabalho de Campo, novembro de 2006.

A prensagem proporcionou um melhor aproveitamento do espaço do barracão, ressaltando que os materiais/resíduos quando enfardados ocupam um espaço menor. Outro ganho foi na comercialização, onde os recicláveis enfardados conseguem melhor preço por quilo.

Ainda com relação à otimização dos processos de trabalho dentro da COOPERLIX, destaca-se a utilização da balança na pesagem do material enfardado.

A pesagem dos fardos ocasionou um melhor controle da qualidade comercializada dos diversos tipos de material, possibilitando aos cooperados gerar um banco de dados simplificado, através de tabelas que registram quantos quilos de material são vendidos. O serviço de pesagem era realizado anteriormente pelos compradores o que gerava, em certos momentos, desconfiança por parte dos cooperados, gerando conflitos internos e diminuindo a auto-motivação.

Além dos maquinários citados, foram adquiridos outros equipamentos visando o aprimoramento dos processos de trabalho na COOPERLIX. Dentre estes, destacam-se os Equipamentos de Proteção Individual (EPI), como máscaras, luvas, calçados, etc, que permitem, aos cooperados, desenvolver suas atividades com um menor grau de risco. Vale

destacar que, todos esses materiais e equipamentos foram adquiridos com verbas destinadas pela FAPESP, como parte do Projeto de Políticas Públicas.

A aquisição de um fogão e de uma geladeira que foram instalados na cozinha, e adquiridos também, com verba do Projeto de Políticas Públicas da FAPESP, possibilitou aos cooperados a preparação das refeições e o fornecimento da alimentação na cooperativa. Os alimentos são, em parte, doados pela Prefeitura Municipal e também adquiridos pelos próprios cooperados em conjunto.

A própria refeição dos cooperados é feita de forma solidária, visto que uma cooperada trabalha especificamente na cozinha e no final do mês é feito um rateio das despesas que foram efetuadas. Cada cooperado paga, proporcionalmente, às refeições que foram consumidas por todos os cooperados.

No que se refere à forma de organização e gestão, a COOPERLIX pretende ser auto-sustentável. Mas nesse processo de consolidação, ela ainda necessita conquistar autonomia e identidade próprias, principalmente ao que se refere à administração de seus conflitos internos e no rompimento de paradigmas muito cristalizados no imaginário de seus integrantes quanto ao modelo empregador-empregado.

Mesmo o cooperativismo sendo uma alternativa para retirar essas famílias do lixão, a baixa renda se constitui o principal fator que fez e faz com que alguns cooperados, principalmente, no início das atividades da COOPERLIX desistissem de ser cooperados para um melhor provento, mesmo que seja em um ambiente com condições tão precárias quanto o lixão, correndo risco de sofrerem acidentes com materiais descartados de forma irregular como vidro, seringas usadas em casa, ou até mesmo de se contaminarem com doenças.

Diante disso, se faz mais do que necessário, entendermos as bases conceituais sobre cooperativismo e sua forma de trabalho em uma cooperativa de trabalhadores de resíduos sólidos, as quais são tratadas no próximo capítulo.

O que me prende na Cooperativa é o amor que tenho pelos cooperados e pelo trabalho que todos fazemos juntos. Eu fico aqui porque eu tenho necessidade de trabalhar e porque a gente aprende a gostar do que faz e do pessoal em geral, apesar de as barreiras serem pesadas.

Eva de Assis dos Santos
Presidente da Cooperlix

4. COOPERATIVISMO: UMA ALTERNATIVA DE GESTÃO DE TRABALHO

O presente capítulo evidencia as bases conceituais necessárias para compreendermos o significado da forma cooperativista de trabalho, envolvendo a sua organização e a solidariedade.

Em relação ao sistema cooperativista, fundamentamos nossa pesquisa em Irion (1997) que aponta a prática do cooperativismo como alternativa para uma economia centrada no trabalho e no homem, em Neto (2004), que enfatiza o agravamento da precarização do trabalho como consequência do sistema capitalista e os aspectos legais do sistema cooperativista.

Crúzio (2002) colabora em sua obra “Como organizar e administrar uma cooperativa”, dando um guia prático sobre organização, necessidades e objetivos de uma cooperativa. Pereira (1999) defende o sistema cooperativista como uma forma de antídoto ao trabalho terceirizado, ao aumento do desemprego e do trabalho informal. Singer (2000), também corrobora com referências a autogestão, considerando o cooperativismo como resposta ao desemprego e à exclusão social.

Entendemos, portanto, que a sociedade cooperativa é uma entidade jurídica de direito privado e regida por lei específica, como já citamos, e o estatuto social. Como empresa, a cooperativa opera no mercado de acordo com as características de suas atividades. O cooperativismo deve ser considerado um sistema que funciona em coexistência com o setor privado, enquanto empresa privada tem como um dos objetivos de existência e funcionamento o lucro. (ARANA, 2002).

Pressupomos, portanto, que uma cooperativa, pode ser definida, como uma sociedade de pessoas que tem como objetivo principal servir aos próprios associados ou cooperados, garantindo, por meio de atividades, a sobrevivência de seus integrantes (NAKANO, 2004).

Portanto, as cooperativas são estruturadas com base na cooperação e na autogestão; assim, simbolizam uma possibilidade para que os trabalhadores autônomos ou desempregados se auto-organizem para fazer frente às oportunidades do mercado de trabalho. Esse tipo de organização – o cooperativismo - é fundamentado nos princípios democráticos, com estrutura horizontal e com poucos empecilhos para inserção de novos

membros, conhecida como cooperativas de trabalho, têm se fortalecido na sociedade como uma alternativa de gestão de trabalho frente a uma conjuntura sócio-econômica complexa.

Assim, o que se observa é que o principal confronto com a doutrina cooperativista tem sua origem no modelo de sociedade fundada na subordinação do trabalho ao capital e da apropriação privada de riqueza socialmente produzida.

A dificuldade é, que, enquanto as determinações capitalistas permanecem controlando a sociedade, o trabalho – ainda que idealmente devesse fazê-lo – simplesmente não pode deixar de ser a fonte da riqueza, nem o tempo de trabalho a sua medida. Do mesmo modo, sob tais condições, o valor de troca não pode deixar de ser a medida do valor de uso, nem podemos simplesmente postular que, em virtude das implicações ideais destas relações – que transformam o sistema capitalista em um anacronismo histórico, mas de modo algum um anacronismo imediatamente visível e materialmente sentido -, o modo de produção baseado no valor de troca realmente entra em colapso. Por isso, enquanto o capital puder encontrar novas saídas para a expansão através do vasto terreno de sua ascendência global, a não possibilidade de realização do indivíduo social permanece apenas como uma contradição latente desta sociedade, em vez de explodir suas bases estreitas. (MÉSZÁROS, 2002, p. 1057).

Desta forma, o cooperativismo é uma tentativa para criar nos indivíduos a sua realização enquanto ser social. Todavia, a força opressora do capitalismo exerce inúmeras influências nos mesmos e assim, impossibilita muitos indivíduos de irem além das condições oferecidas – seja materialmente - ou mesmo quanto ao modo organizativo de trabalho.

O movimento cooperativista, conhecido e implementado há algum tempo nos países mais adiantados, desenvolveu-se no Brasil, principalmente, com foco nas cooperativas agropecuárias. Posteriormente, tiveram início as cooperativas de trabalho e quando seu número começou a aumentar houve reações contrárias, sobretudo, dos sindicatos de trabalhadores (JARDIM, 1995).

Contudo, em período recente, essa postura mudou, pois perceberam que esse tipo de organização seria um meio de seus associados fazerem frente ao desemprego, colocando-se no mercado de trabalho. Também o poder público tem, na medida do possível, definido políticas públicas para qualificar a mão-de-obra desocupada e sua organização mediante formação de instituições autogestionárias. Nesse contexto, as cooperativas de catadores de resíduos sólidos surgem como uma alternativa para gerar renda.

As cooperativas ganharam maior relevância, merecendo novas análises e políticas de intervenção. Surgiram como alternativas para o desemprego, produzidas e geridas pelos próprios trabalhadores, inclusive para os catadores de resíduos sólidos. Ocorre que a flexibilização das relações capital/trabalho, imposta pela saturação das formas tradicionais de emprego, e a diminuição dos postos de trabalho no mercado formal, tem motivado a procura de novas fontes de ocupação e serviços (ARANA, 2002). Tal relevância se faz notar com o crescente desemprego, com as transformações no mercado de trabalho e na própria organização econômica no Brasil e no mundo.

Em suas variadas formas, Cooperativas e Associações visam proporcionar mudanças nas condições da natureza do trabalho sobre o trabalhador, conforme aponta Ricciardi (2000). O autor complementa, ainda, que: “todo ser humano define-se a si mesmo em termos de seu trabalho, destaca-se aí a sua relevância na construção de sua identidade”.

No que tange às relações de trabalho, as cooperativas asseguram a eliminação da relação empregado-empregador, visto que o associado é o próprio dono da associação. Permitem que os próprios associados exerçam a direção e a fiscalização da cooperativa. Representam, coletivamente, os interesses e/ou as necessidades de todos os associados, considerando-se os objetivos de produção, comercialização ou prestação de serviços para fornecedores, consumidores e governos (NETO, 2004).

Também garantem direitos iguais a todos os sócios, independentemente das condições econômicas, políticas e sociais de cada um, dentro ou fora da associação. As cooperativas se estruturam segundo um modelo organizacional que pretende ser democrático, onde as políticas e estratégias adotadas são definidas por um processo decisório baseado, às vezes, num consenso entre as partes interessadas. (ARANA, 2002).

As cooperativas diferem das empresas comuns em muitos aspectos. Isso porque possuem características que lhes são próprias. Permite-se o livre ingresso de pessoas, desde que o objetivo individual do interessado não conflite abertamente com os objetivos do grupo cooperado. Possibilitam ao associado se desligar a qualquer momento, desde que esteja em dia com suas obrigações para com a associação.

Aboliram-se, no cooperativismo, alguns elementos clássicos e fundamentais para a manutenção do *status quo*, isto é, subtrai-se da relação de produção e trabalho a mais-valia. Isso não significa que empresas cooperativas não possuam funcionários, mas

consideramos, assim, uma cooperativa sem sua originalidade, pois as cooperativas por princípios fundadores e norteadores são igualitárias e não exploratórias.

Desta forma, a mais-valia é algo inoportuno para a concretização de uma eficiente proposta cooperativista, pois:

A mais-valia, ou seja, aquela parte do valor total da mercadoria em que se incorpora o sobretrabalho, ou trabalho não remunerado, eu chamo lucro. Esse lucro não o embolsa na sua totalidade o empregador capitalista. O monopólio do solo permite ao proprietário da terra embolsar uma parte dessa mais-valia, sob a denominação renda territorial, quer o solo seja utilizado na agricultura ou se destine a construir edifícios, ferrovias, ou a outro qualquer fim produtivo. Por outro lado, o fato de ser posse dos meios de trabalho o que possibilita ao empregador capitalista produzir mais-valia, ou, o que é o mesmo, apropriar-se de uma determinada quantidade de trabalho não remunerado, é precisamente o que permite ao proprietário dos meios de trabalho, que os empresta total ou parcialmente ao empregador capitalista, numa palavra, ao capitalista que empresta o dinheiro, reivindicar para si mesmo outra parte dessa mais-valia sob o nome de juro, de modo que ao capitalista empregador, como tal, só lhe sobra o chamado lucro industrial ou comercial. (MARX, 1996, p. 104).

Como o próprio Marx (1996) apontou, o problema do sistema capitalista está na apropriação indevida do sobretrabalho por meio do capital. O conjunto de fatores, que esmagam o empregado das empresas privadas individuais, está inicialmente na mais-valia, até passar pelo sistema financeiro e principalmente no domínio ideológico do trabalhador. Por isso, a cooperação entre trabalhadores numa associação ou cooperativa num primeiro momento parece tão difícil, ou seja, os cooperados, antes de tudo foram empregados; daí a mentalidade de subordinados aos ditames dos gerentes, diretores, presidentes e outros encarregados de empresas individuais.

Por meio da alienação, os trabalhadores são conduzidos para as especificidades do capitalismo e assim, negam a si próprios qualquer motivação para irem além das regras postas e impostas; daí a não vontade do trabalhador em se ver livre da situação de opressão do patrão, mas uma vontade inerente ao próprio modo de vida de também ser patrão, por isso, fica muitas vezes difícil qualquer proposta que vá além da própria configuração social, espacial e temporal do sistema capitalista, enfim, a própria economia política mundial favorece a subtração do indivíduo para um ser voltado apenas para o mundo do produzir para outros, ou seja, trabalho e lucros.

Com a economia política, portanto, o homem é afirmado como sujeito por meio de um processo contraditório, que busca historicamente lhe negar, no âmbito de suas práticas sociais, a possível compreensão das causas objetivas de produção da realidade social e, assim, também lhe nega o entendimento das causas objetivas de sua própria existência, com base, acrescentaria, na vida cotidiana. Sua constituição como ser social apresenta-se, pois, de forma cindida, uma cisão que se expressa no próprio processo de entendimento da realidade social criado a partir de seus interesses como indivíduo para-si e, a um só tempo, pela própria racionalidade de tal realidade: a racionalidade da economia política. (GASTALDI, 2005, p. 73-74).

Nas cooperativas, o trabalhador não será empregado, mas aliado na cooperação mútua e contínua para o progresso das mesmas e de todos os cooperados; para isso, é importante que tenha superado a ideologia da subordinação contínua do trabalhador pelo patrão, sem almejar ser patrão, uma vez que todos os cooperados são iguais em direitos e deveres.

4.1 Aspectos legais das Cooperativas

A legislação brasileira considera que cooperativa é uma organização de, pelo menos, vinte pessoas físicas unidas pela cooperação e ajuda mútua, gerida de forma democrática e participativa, com objetivos econômicos e sociais comuns, cujos aspectos legais e doutrinários são distintos de outras sociedades. Fundamenta-se na economia solidária e se propõe a obter um desempenho econômico eficiente, através da qualidade e da confiabilidade dos serviços que presta aos próprios associados e aos usuários.

A sociedade cooperativa é uma entidade jurídica de direito privado e regida pela lei específica, e pelo estatuto social, como já citamos. Como empresa, a cooperativa opera no mercado de acordo com as características de suas atividades.

As cooperativas, portanto, baseiam-se em valores de ajuda mútua e responsabilidade, democracia, igualdade, equidade e solidariedade. Na tradição dos seus fundadores, os membros das cooperativas acreditam nos valores éticos de honestidade, transparência, responsabilidade social e preocupação com seu semelhante.

As cooperativas têm suas operações amparadas pelo Código Civil Brasileiro, conforme dispõe a Lei 5.764/71, que regulamenta a finalidade da associação de gerar renda para os próprios cooperados.

Crúzio (2001), enumera alguns direitos adquiridos que as cooperativas têm perante o poder público e privado.

- a- Desobrigar o trabalhador ou profissional associado de qualquer tipo de contribuição sindical, pelo fato de a natureza organizacional cooperativa ter caráter civil.
- b- Permitir que o associado contribua para a Previdência Social como pessoa física, conforme o Art. 6º. Do Decreto 611/92, da Regulamentação da Contribuição Previdenciária de Autônomos.
- c- Condicionar o número de sócios da cooperativa às capacidades física e técnica, desta, para atender seus associados, sendo obrigatório, conforme a Lei no. 5.764/71, um número mínimo de 20 sócios.
- d- Dividir a responsabilidade geral pelos bens da cooperativa entre todos os associados, ao invés de decretar a falência da associação.
- e- Desobrigar a cooperativa do recolhimento do imposto de renda, desde que a relação operacional ou atividade se dê exclusivamente entre a cooperativa e o associado, conforme as condições comerciais previstas na Lei no. 5.764/71.
- f- Assegurar a não-interferência do poder de Estado ou de outro tipo de instituição na administração interna da cooperativa, conforme o art. 5º. da Constituição Federal.
- h- Proibir a divisão do capital social e dos fundos da cooperativa entre associados, terceiros, etc., mesmo em caso de liquidação da sociedade.

O cooperativismo, desta forma, é uma condição de inserção ao trabalho às pessoas excluídas do trabalho formal, causados pelo modo de produção capitalista, pois a constante ação e expansão do capitalismo transformam o mundo do trabalho e o próprio trabalho na relação do trabalhador para com os meios de produção e vice-versa (SCHLOSSER, 2003).

Diante disso, a organização paralela aos meios de produção e ao próprio modo de produção capitalista tornou-se inevitável, no mundo contemporâneo; logo, as alternativas são apontadas e realizadas por pessoas excluídas do processo formal de produção capitalista; assim como, um novo paradigma surgiu como resposta ao capitalismo embrutecido e cruel: o sistema cooperativista - como forma de organização social, trabalhista e econômico.

Ambas são regidas pelos mesmos princípios e o Novo Código Civil não faz nenhuma distinção entre uma cooperativa de milhares de associados e regidas sob o manto

do capital, como as cooperativas agrícolas, de médicos, etc., e uma cooperativa de catadores de materiais recicláveis.

Segundo Boschi (2000, p.83), uma cooperativa pode ter vários significados:

Do ponto de vista jurídico, a cooperação é uma forma associativista de organização, na qual os direitos e deveres dos associados cooperados são por eles entabulados no estatuto social. Do ponto de vista econômico, a cooperação é uma forma de elevar o ganho anual do cooperado. Do ponto de vista político, é um modelo social democrático de correção do liberalismo capitalista.

No aspecto jurídico, Diniz apud Boschi (2000, p.83) define o termo “cooperativa” dentro do direito civil como:

Associação sob a forma de sociedade com um número aberto de membros, que tem por escopo estimular a poupança, a aquisição e a economia de seus associados mediante a atividade econômica. É uma forma de organização de atividade econômica, tendo por finalidade a produção agrícola ou indústria ou a circulação de bens e serviços...realiza, portanto, operações com seus próprios sócios que são fregueses, cujos resultados são a eles atribuídos constituindo um reembolso daquilo que, naquelas operações, compete a cada um, sempre atendendo aos deveres assumidos no contrato social. É regida pelos princípios da mutualidade, pois suas decisões não obedecem à força do capital investido por cada um dos cooperados, mas, subjetivamente, pelo valor da pessoa natural ou jurídica que a compõem, pouco importando o “quantum” de sua contribuição material nos negócios comuns...a cooperativa busca uma ajuda para obtenção de fins econômicos, e não, a interposição lucrativa das sociedades.

O novo Código Civil Brasileiro dedica às cooperativas, no Capítulo VII (Da Sociedade Cooperativa), quatro artigos (1.093 a 1.096) e as menciona expressamente nos arts. 982,983 e 1.159. No art. 1.094, O mesmo Código enumera, também, as características da sociedade cooperativa em oito incisos; no art. 1095 trata da responsabilidade limitada e ilimitada dos sócios e, no art. 1096, estabelece a aplicação das disposições referentes às sociedades simples, em caso de omissão, porém resguardadas as características das cooperativas enumeradas no art. 1.094.

De modo geral, e com base em estudos recentes de juristas do sistema Organização das Cooperativas Brasileiras, (OCB), as principais mudanças introduzidas no

cooperativismo pelo Código Civil Brasileiro podem ser assim esquematizadas (PINHO, 2004):

- a- Entendimento de “cooperativa” como sociedade simples (art. 982, parágrafo único), diferentemente do que dispunha o art. 4º. da Lei 5.764/71 que diz que Cooperativa é uma sociedade de pessoas com forma e natureza jurídica próprias.
- b- Não determinação “taxativa” do mínimo de associados para se organizar uma cooperativa singular ou de primeiro grau – que era de 20 fundadores associados no art. 6, I, da Lei 5.764/71;
- c- Dispensa de capital social para a constituição de cooperativa - inciso I do artigo 1.094.
- d- Responsabilidade subsidiária dos associados até o valor dos prejuízos verificados em proporção das operações efetuadas (no art. 11 da Lei 5.764/71), a responsabilidade dos sócios era limitada ao total de cotas-partes por eles subscritas).

Há diferenciações marcantes entre um tipo e outro de cooperativismo. Enquanto as cooperativas sociais ou populares são organizadas por pessoas de baixa renda e têm como objetivo primeiro o de resolver seus próprios problemas econômicos, tais como trabalho e renda e fomentar recursos para gerar e comercializar a produção dos associados. Geralmente necessitam de apoio de instituições, como ONGs, Prefeituras, Universidades, Sindicatos e Igrejas; por outro lado, as denominadas cooperativas econômicas, tradicionais ou pioneiras, funcionam como empresas que buscam qualidade e produtividade para enfrentar a competição no mercado com as empresas mercantis.

Neste sentido, o “cooperativismo solidário” aparece com o reconhecimento de outra vertente gestonária buscando uma nova economia que consiga abranger os excluídos (sem-teto, sem-terra, sem-garantia patrimonial, sem-emprego, etc). Forma-se, então, esse tipo de cooperativismo, pautado na cooperação mútua e na solidariedade.

As cooperativas, inclusive a COOPERLIX, também estão colaborando para promover o desenvolvimento sócio-econômico justo, pelo oferecimento dos grupos cooperados, em auxílio, na busca da solução dos problemas nacionais mais agudos (RICCIARDI, 2000).

Diante disso, a figura dos parceiros e apoiadores se faz importante nessa situação, principalmente na formação e implantação dos serviços, havendo a necessidade de apoio em todos os segmentos organizacionais de uma cooperativa.

Freud, apud Bergamini (1996) descreveu a necessidade como um estímulo que ataca, não de fora, mas de dentro do organismo. Nesse sentido, a necessidade nunca atua como um impacto momentâneo, como a euforia, mas como uma força persistente.

Segundo Bergamini (1996), a motivação pode ser despertada através da participação, da ação, da manutenção e da conciliação. Em relação à participação o comportamento motivacional das pessoas se preocupa com o próprio desenvolvimento pessoal para poder fazer jus às responsabilidades que lhes foram colocadas sobre os ombros. Quando agem, o estilo comportamental dos cooperados se guia pela importância que dá aos desafios. Quando o cooperado se sensibiliza ao desenvolver cuidadosamente um trabalho é a manutenção do comportamento que se faz presente.

Finalmente, a cooperação pode ser percebida através da interação pessoal, através de atitudes de encorajamento aos demais cooperados ao verem lados diferentes do problema que estão vivendo.

Trabalhar em parceria com outras pessoas é a melhor maneira de encontrar soluções que interessam a determinado grupo de cooperados e isso fica mais cristalizado quando os cooperados passam a ter a consciência de que são os donos do capital, proprietários dos demais meios de produção, que são a própria força de trabalho e que o trabalho passa a comandar o capital, (diferença básica entre cooperativismo e organização privada de capital).

As cooperativas devem dar ênfase ao processo de gestão democrática e participativa de seus sócios, passando a integrar o universo da Economia Popular Solidária, praticando seus princípios e adentrando ao processo de funcionamento em redes de cooperação.

Entretanto, notamos que no âmbito do cotidiano interno do empreendimento da autogestão, encontram-se dificuldades peculiares significativas.

Diferente de uma empresa limitada ou de capital aberto, que são sociedades de capitais, as cooperativas de catadores de resíduos sólidos são sociedades de pessoas, enquanto as sociedades de capitais são mercadorias, cujas quotas ou ações são compradas e vendidas conforme a conveniência dos acionistas ou quotistas.

As cooperativas também diferem de associações, em vários aspectos (Quadro5), sendo que nas associações os dirigentes não são remunerados pelo desempenho de suas funções, podendo, receber reembolso das despesas realizadas para desempenho de suas funções, o que não constitui participação de dividendos. Nas cooperativas os cooperados

são remunerados, através de retiradas mensais "pró labore", definidas pelo montante do resultado de seu trabalho, sendo que os cooperados não possuem vínculo empregatício

Notamos, também, que em uma cooperativa de catadores os interesses gerais mudam quando mudam os cooperados ou quando muda o momento da vida pessoal destes. E nesse sentido, podemos afirmar que uma cooperativa é compreendida como um processo social (BENSEN, 2006) que acontece na vida cotidiana dos cooperados. Os cooperados, participantes desse processo, se unem através da cooperativa para alcançar objetivos comuns.

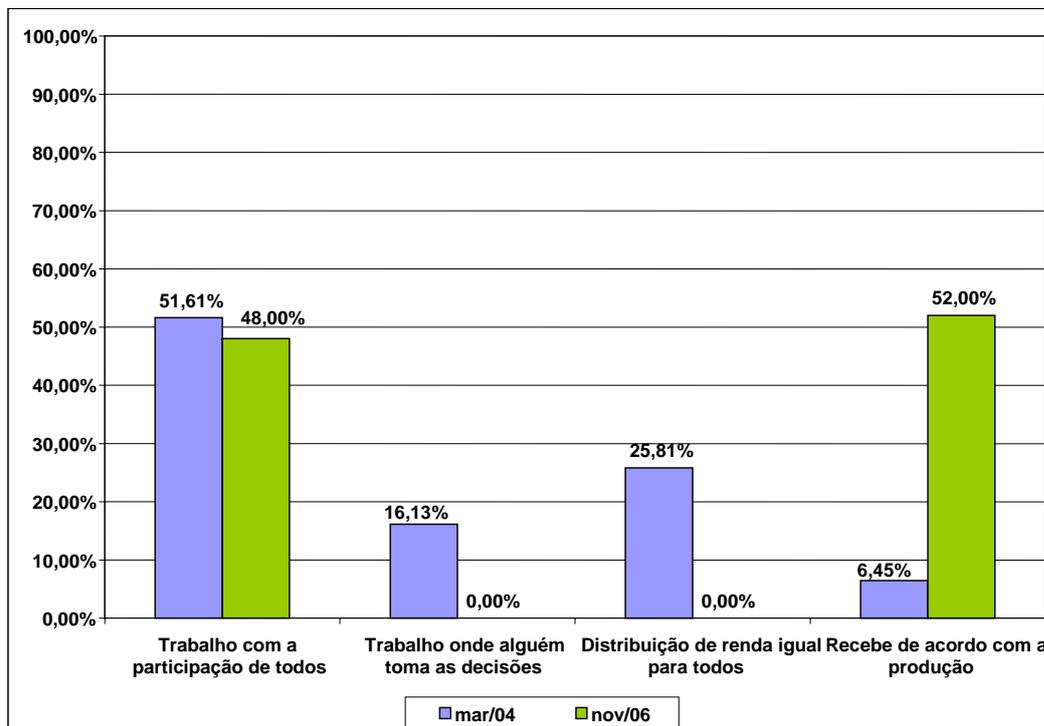
O processo social apontado por Bensen, através do qual se desenrola o cotidiano da cooperativa e dos cooperados, entretanto, é também situado (localizado), possuindo características próprias. Daí a compreensão da cooperativa, também como situação social em acontecimento no cotidiano.

No Quadro 5, inserimos alguns pontos em comum e divergentes entre cooperativas e associações, pontuando alguns elementos que possibilitam demonstrar diferenças e algumas semelhanças entre uma e outra. Como semelhanças, notamos os aspectos legais, ambas são regidas pela Constituição Federal e ambas podem exercer comercialização de serviços e produtos. As diferenças mais marcantes estão relacionadas com o número de pessoas para a constituição das mesmas, e quanto à remuneração, visto que nas associações não há remuneração pelo desempenho de seus sócios em relação às suas funções.

As pesquisas que foram realizadas em março de 2004 e novembro de 2006 apresentaram as percepções que os cooperados têm a respeito do tema cooperativismo. Notamos que a pesquisa de 2006 demonstrou um grau de conscientização maior do que seja cooperativismo, do que eles, anteriormente, entendiam em 2004, (Gráfico 9).

Quanto à pesquisa realizada em 2004, esta nos revelou que o cooperado sente-se mais seguro ao trabalhar, em sua maioria, protegidos pelas Leis regidas pela CLT, não levando em consideração o fato de ser funcionário ou cooperado. Dessa maneira, sente-se protegido, tendo um patrão, ao qual possa se reportar ou estar subordinado, obtendo com isso o meio para garantir seus proventos e, conseqüentemente, seus suprimentos.

Gráfico 9: Entendimento dos cooperados sobre cooperativismo.

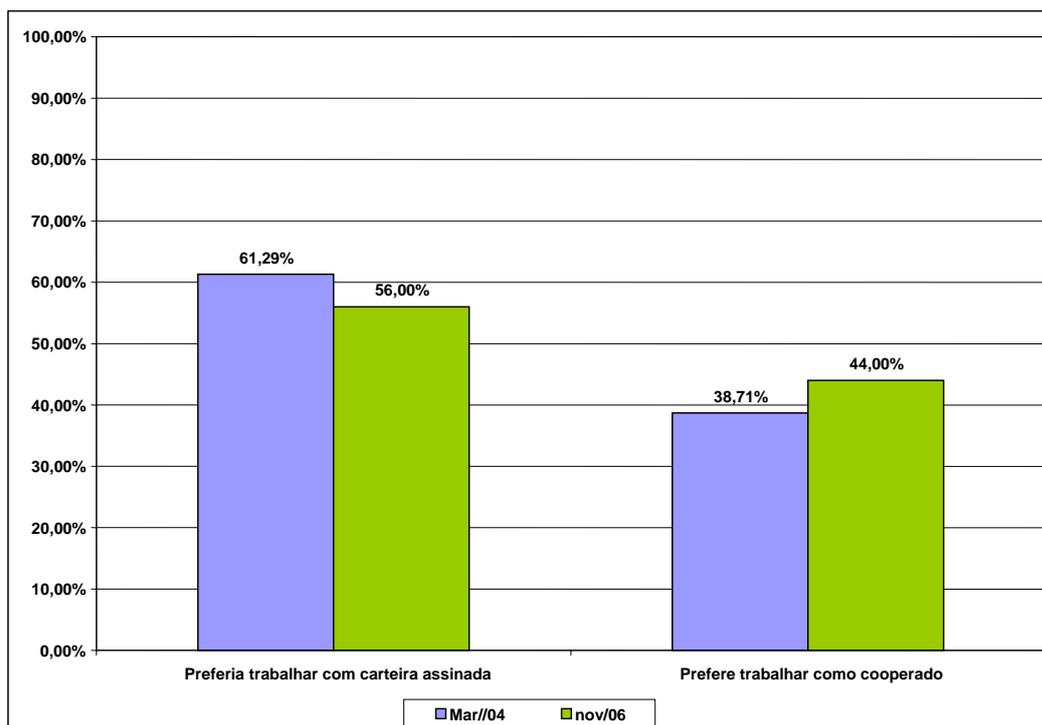


Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Porém, observando o Gráfico 10, nos chama a atenção o fato de que tal noção alterou-se levemente, pois 14 dos cooperados demonstraram, por preferência, trabalhar na COOPERLIX. Com esse resultado, demonstrou-se, que a noção da influência do capitalismo empregado-patrão, encontra-se no imaginário desses cooperados, criando, assim, uma certa dependência quanto ao assistencialismo em diferentes papéis, de seus apoiadores e parceiros.

Com a presença de um gestor, funcionário cedido pela PRUDENCO, em período integral desde setembro de 2005, percebemos, através de observação e de constantes contatos com os cooperados, que a dependência em relação aos apoiadores minimiza-se com o passar do tempo.

Gráfico 10: Preferência em trabalhar com carteira de trabalho assinada ou como cooperado



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Quando foi abordado, o motivo pelo qual o cooperado permanece como integrante da COOPERLIX, tanto na pesquisa realizada em março de 2004 quanto na pesquisa de novembro de 2006, um dos fatores apontados nas duas ocasiões foi o fato de acreditarem no crescimento da Cooperativa.

Entretanto, outro tópico apontado pelos cooperados, como motivo de continuarem como cooperados, foi a falta de outro emprego e a pesquisa novembro de 2006 revelou que somente 48% dos entrevistados apontaram esse motivo, já em março de 2004 esse percentual reduziu-se a metade, vindo a confirmar outro fator apontado por eles que se refere a relação do trabalho em equipe. Sobre esse tópico, na pesquisa de 2004, apenas 9% apontaram que um dos motivos de permanecerem na COOPERLIX era porque gostavam de trabalhar em equipe, já em 2006 esse percentual aumentou para 28%, portanto, triplicando-se, assim, a intenção de trabalhar em equipe.

Na corrente dessa realidade, entretanto, várias iniciativas de órgãos oficiais e ONGs têm demonstrado que existem projetos sólidos de parceria entre a comunidade, poder público e catadores, órgãos estes, que não medem esforços para a capacitação desses

empreendedores, onde os negócios prosperam, ganham legitimidade e se consolidam formalmente.

Esse panorama inicial revela que a organização comercial e a organização da produção de uma empresa cooperativa, são mutuamente, influenciáveis. O preço de uma mercadoria depende de quanto o mercado consumidor aceita pagar por ela, a rentabilidade da empresa depende, pois, da diferença entre o preço de venda e o custo total de produção da mercadoria. Esse custo, por outro lado, depende da forma como a produção está organizada, que depende, por sua vez, das opções de mercado em que a cooperativa está inserida.

Portanto, os atores desse cenário são grupos de trabalhadores, que possuíam ocupação, que estavam trabalhando no lixão, ou vivendo do lixo, que tiveram acesso a um posto formal de trabalho, como empregados, amparados pelas leis da CLT e que hoje criam seus empreendimentos para se manterem e gerarem renda.

O diferencial, contudo, desses empreendedores está na forma (e natureza) da gestão, que é assentada em princípios de democracia, igualdade e solidariedade, que consagra os ganhos de sinergia gerados no processo, e também, na caracterização de uma sociedade de pessoas.

Todavia, a cooperativa não se faz só – como já mencionamos anteriormente – ela precisa de uma rede apoio, formada por pessoas e entidades e/ou instituições, visto que os cooperados, num primeiro momento, enfrentam inúmeras dificuldades, principalmente a financeira.

A rede instituída pelos apoiadores veio, de certa forma, colaborar com o controle diário de coleta, controle de preços e de peso. No que se refere às Universidades UNESP e UNOESTE, a colaboração efetiva dessas instituições foi no sentido de capacitar os cooperados na organização do trabalho, na administração dos conflitos e no entendimento do trabalho cooperativo.

Pressupomos que em relação ao aspecto subjetivo, A COOPERLIX está contribuindo para o despertar da consciência da redescoberta da cidadania, de seus direitos e deveres como cooperados, desfrutando daquilo que produz; premissas básicas para a vida organizada e saudável e satisfazem as necessidades básicas de estima e auto-realização, contribuindo com a auto-valorização, fator psicossocial dos mais relevantes para a promoção da elevação da qualidade de vida da população.

Tendo como base as proposições expostas por Ricciardi (2000), nota-se que a COOPERLIX está oferecendo condições aos seus cooperados para uma melhor distribuição de renda, isto é, quanto mais produzir mais rendimento terá e na proporção à sua produção. Está criando novas formas de trabalho em sua organização, tendo como pilares as funções que cada um desempenha, independente de gênero e faixa etária.

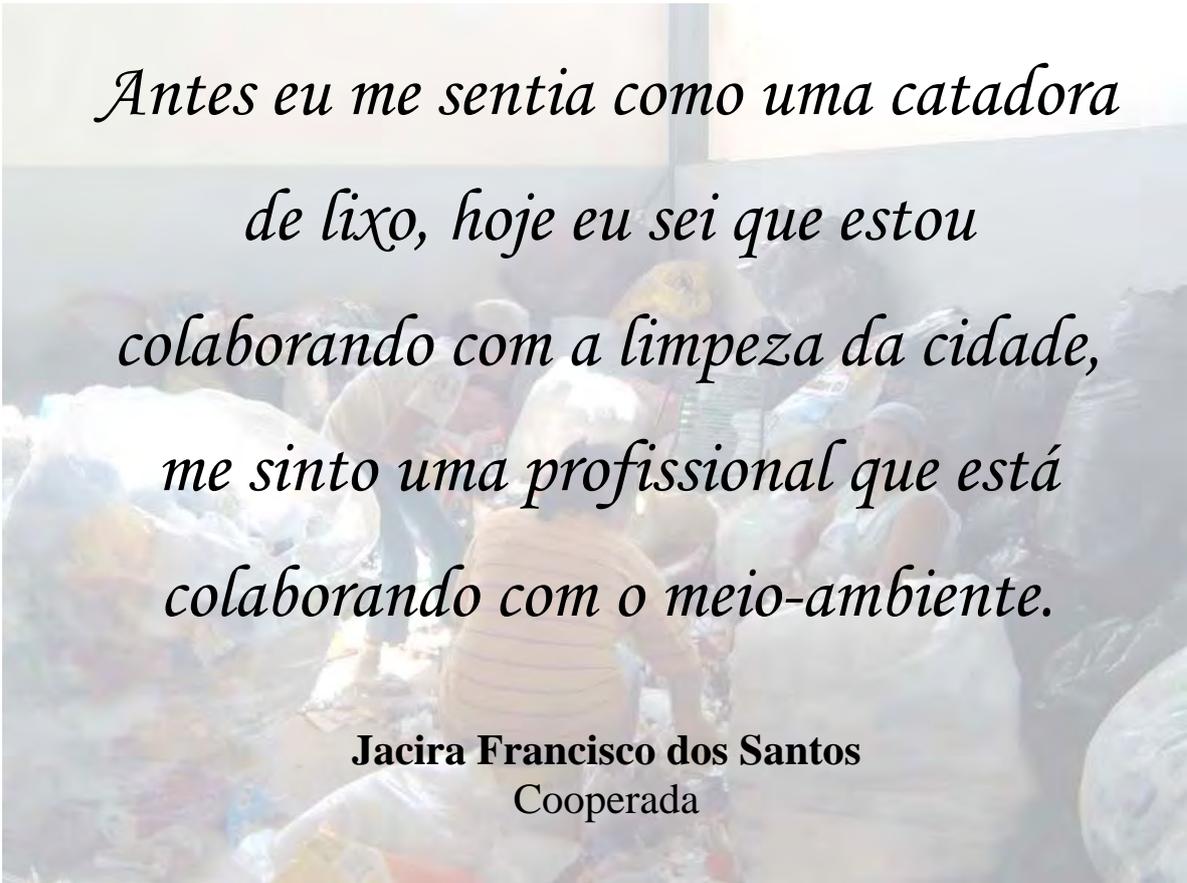
A COOPERLIX contribui, consideravelmente, para o despertar da cidadania de seus cooperados através da redescoberta e valorização da auto-estima de seus cooperados quando percebem, em suas necessidades, motivos que os levam a se engajarem na luta diária.

Entendemos, assim, que os cooperados são trabalhadores que se associam regidos pelos princípios do cooperativismo, que os define como responsáveis pela gestão da cooperativa, ou seja, pelas decisões que garantam sua operação e continuidade.

A sobrevivência dessa organização vai depender, portanto, de decisões sobre o tipo de serviços prestados pelos seus associados, os preços desses serviços, o cumprimento das exigências legais, bem como da comunicação interna e externa dessa nova organização, que definam seus objetivos e as oportunidades que serão aproveitadas, permitindo que o planejamento do trabalho dos associados se faça de acordo com suas competências e habilidades.

Essas considerações, que são o ponto central de nossa tese, indicam que uma das questões centrais, nos processos de criação, sobrevivência e desenvolvimento das cooperativas de resíduos sólidos, é a efetiva participação e co-responsabilidade dos seus membros, não apenas em atender as necessidades do mercado de trabalho, mas de construir uma organização apoiada na autogestão, no compromisso social, na solidariedade e nos princípios democráticos.

Assim, no próximo capítulo, apontamos o processo migratório de cada cooperado anterior a sua situação de cooperado, analisando a sua condição atual na COOPERLIX, no papel de cooperado.



*Antes eu me sentia como uma catadora
de lixo, hoje eu sei que estou
colaborando com a limpeza da cidade,
me sinto uma profissional que está
colaborando com o meio-ambiente.*

Jacira Francisco dos Santos
Cooperada

5 MOBILIDADE SÓCIO-ESPACIAL DOS INTEGRANTES DA COOPERLIX

Tivemos a intenção de, neste capítulo, abordar a trajetória de vida profissional dos integrantes da COOPERLIX, desde a sua inserção no mundo do trabalho, até chegar à condição de cooperado.

Baseado em Scalon (1999), elencamos algumas mobilidades de migração, em três categorias:

- A *mobilidade territorial (migracional)*, onde procuramos abordar o deslocamento de um determinado período e de lugar, discorrendo sobre a trajetória de lugares onde residiu, de onde veio e o motivo da migração;

- A *mobilidade social*, em que os entrevistados retrataram que, se migraram é porque alguma coisa não estava satisfatória ou não estava sendo possível, a família, se manter. Enfatizamos o aspecto da saúde, das perdas, dos lutos e como isso afeta no comportamento e na auto-estima;

- A *mobilidade ocupacional*, enfatizando as atividades profissionais, que fizeram parte da construção de sua vida, como ele subsistiu até o momento atual, fontes de renda e subsistência e a mobilidade educacional enaltecendo O porquê de ele ter deixado de estudar, qual o motivo em qual momento ele parou ou interrompeu os estudos.

Todas essas modalidades estão entrelaçadas entre si na vida de cada cooperado entrevistado, fazendo parte de sua história tanto no sentido diacrônico (aspectos passados) como sincrônico, (aspectos de vida atuais), Eiguer, 1999.

Embora não abra espaço, em sua teoria, para a discussão explícita do tema “mobilidade”, Marx reconhece, nas possibilidades de movimento ascendente às classes mais privilegiadas, um mecanismo de sobrevivência do capitalismo, promovendo a estabilidade da ordem social e funcionando como um processo anti-revolucionário, (SCALON, 1999). No entender da autora, ao catalisar os ideais de ascensão da classe trabalhadora, a mobilidade cria condições para a consolidação do sistema capitalista através da assimilação pela elite, daqueles indivíduos que estão na base da estrutura social.

Nesse sentido, Marx (1972, p.587) aponta que: “quanto maior é a habilidade da classe dominante em assimilar as principais mentes da classe dominada, mais estável e perigoso se torna seu domínio”.

Desta forma, embora a mobilidade social não seja um tema central no trabalho de Marx e do marxismo contemporâneo, está presente na idéia de um mecanismo que previne os conflitos de classe e, portanto, a superação do capitalismo. Além disso, a constante troca de posições dificulta a transformação da “classe em si”, ou seja, torna difícil o desenvolvimento da consciência e da organização de classe.

A mobilidade social, consistiria, portanto, em uma “válvula de escape”, cuja função no sistema capitalista seria a de controlar as tensões e pressões por mudanças político-sociais. Soma-se, ainda, seu papel fragmentador que privilegia o desempenho individual quebrando possíveis laços de solidariedade de classe.

A forma como a posição social é definida permite-nos distinguir dois tipos de orientação teórica nos estudos de mobilidade: o primeiro deles analisa a mobilidade a partir do movimento interclasses e dos interesses envolvidos na identificação com o comportamento de classe. Trata-se da perspectiva adotada por Goldthorpe, (1987). O segundo, mensura a mobilidade com base em categorias ocupacionais e, desta forma, encara como resultado de processos que têm lugar na estrutura de emprego.

Nesta tese, tratamos da migração ocupacional procurando entender a trajetória do cooperado a partir de seu primeiro emprego até a situação atual, que Scalon (1999) denomina de mobilidade intrageracional. Nesse sentido, a autora coloca que mobilidade intrageracional, também chamada de mobilidade de carreira ou ocupacional, refere-se à mobilidade experimentada pelos indivíduos durante seu ciclo de vida de trabalho, o que vem a ser a mobilidade ocupacional.

Assim, nesse tipo de mobilidade, a origem é definida por sua posição no momento em que entrou no mercado de trabalho, e, portanto, no momento de seu primeiro emprego e o destino pela sua posição atual, no momento da pesquisa. É importante uma análise pautada na mobilidade intrageracional, porque demonstra o padrão de movimentação dos indivíduos durante sua vida economicamente ativa.

Entrevistamos 29 cooperados, na primeira semana de julho de 2006, omitindo seus nomes, e classificando-os com nomes fictícios, para preservar suas identidades, conforme modelo em anexo, e através dos discursos, fomos percebendo o sentido, as expressões e as emoções que compuseram a nossa linha de pesquisa (SPINK, 2000).

Procuramos relacionar, as mobilidades ocorridas na vida dos entrevistados com acontecimentos econômicos e sociais, nas últimas duas décadas passadas, (80 e 90) visto

que todos estão na faixa etária entre 30 e 50 anos, portanto com experiência profissional, de cada cooperado, no máximo de 30 anos.

O recorte temporal foi a partir da década de 1990, pois nesse período, conforme aponta Pastore (1993), foi o período da modernização, da transformação do país de uma sociedade agrária em uma sociedade urbano-industrial.

Os determinantes básicos da intensa mobilidade social apontada pelo autor, como a industrialização rural-urbana, perderam a força transformadora das décadas passadas, deixando de imprimir o ritmo de mudanças estruturais no espectro ocupacional que possibilitaria a incorporação de massas crescentes provenientes do campo em postos de trabalho e subtrabalho na indústria e setor terciário.

A pesquisa revelou que a maioria dos cooperados já participava ou, pelo menos, tinha alguma experiência no mercado de trabalho urbano, na década de 1990. Somente dois vieram da zona rural. Isso vem confirmar dados fornecidos por Jannuzi (2000) quando aponta que 84% dos chefes de família residiam na zona urbana no início da década de 1990, em sua maioria em municípios de médio e grande porte.

A pesquisa de Jannuzi (2000), sobre mobilidade ocupacional dos migrantes em São Paulo, entre 1980 e 1993, revelou que os que conseguiram galgar posições crescentes, melhores, no mercado de trabalho, aproximando-se em grau bastante variado, segundo suas características, ao perfil sócio-ocupacional do não migrante, foram aqueles que empreenderam a migração mais cedo na década de 80; os mais jovens; os dotados de maior capital educacional; os migrantes provenientes da zona rural; os que tinham mais qualificação para postos de trabalho onde exigiam experiências e conhecimentos específicos e aqueles que conseguiram “acumular” maior tempo de residência em um determinado local.

Scalon (1999) aponta que a mobilidade brasileira caracteriza-se pela mobilidade de curta distância, composta por classes homogêneas na origem. A tese de Scalon vem corroborar com nossa pesquisa, quando revela que: seis migraram do Norte do Paraná, sete vieram das imediações de Presidente Prudente, um da capital paulista, outro da região de Sorocaba-SP e dezessete nasceram em Presidente Prudente-SP.

Percebemos que, ao chegarem a Presidente Prudente, os cooperados com pouca experiência, com pouco conhecimento dos mecanismos de funcionamento do mercado de trabalho, pelos critérios seletivos usados pelos empregadores, pelas próprias referências anteriores de sobrevivência na sociedade, acabavam se inserindo nas ocupações de baixa

qualificação dos serviços e construção civil, normalmente sujeitos à relações contratuais mais precárias e frágeis.

Todos os entrevistados estão com residência fixa em Presidente Prudente, há mais de sete anos, sendo que antes de se tornarem cooperados tiveram experiências como catadores no lixão da cidade, em média três anos como catadores, e que, antes, foram trabalhadores, com carteira assinada no comércio e nas indústrias de Presidente Prudente.

Utilizamos o recurso de apresentar falas dos cooperados em meio àquilo que foi percebido na observação. Isto visou trazer os cooperados ao texto, como uma maneira de eles enunciarem falas diretamente ao leitor, tornando a autoria do texto compartilhada com os cooperados. Como as falas transcritas são pequenos recortes das falas cotidianas destas pessoas na Cooperativa, são também pequenos recortes de seus pensamentos e assim, de certa forma, são parte delas próprias.

Isso vem confirmar pesquisa realizada em julho de 2006, quando inserimos o discurso de alguns entrevistados. Dentre os entrevistados destacamos a entrevistada Ester, que aponta que *“Eu era bóia fria. Cortadora de cana. A família trabalhava como bóia fria.....Saí de Florestópolis e viemos pra Prudente pra procurar emprego melhor. Catei o colchão, panela e duas filhas pequenas e vim embora”*. Em Prudente, trabalhou como doméstica.

A entrevista, da Marta, também reitera esse tipo de migração, ou seja, a migração da zona rural para a cidade quando coloca que: *“Comecei a trabalhar com 12 anos, na roça, assim que o pai abandonou a minha mãe. Trabalhei 16 anos, catava tomate, quiabo, trabalhava para os outros. Nunca tive vontade de deixar Prudente, porque tinha toda a família aqui em Prudente. Deixei de trabalhar na roça porque achei um serviço melhor e ganhava mais. Fui trabalhar de doméstica, trabalhei até vir pra Cooperativa. Antes, trabalhei no lixão, um ano”*.

Foi no final da década de 1980 e no início da década de 1990 que houve a migração desses cooperados. Todos os entrevistados tiveram uma mobilidade territorial, aparentemente regional. A década de 80, conforme aponta Jannuzi (2000) foi marcada pela perda do dinamismo da economia brasileira, no que se refere a criar postos de trabalho na indústria, pelo menos no ritmo em que isso vinha se dando, na década anterior. Também deixou de observar a continuidade do processo de “estruturação” do mercado de trabalho paulista e nacional, com estagnação da parcela relativa da mão-de-obra-contratada sob

regimes formais de trabalho engajada nos setores mais organizados e dinâmicos da economia.

Para tanto, foi denominada por Jannuzi (2000) como a “década perdida”, ainda que o emprego urbano continuasse se ampliando, oferecendo oportunidades para quem saía do campo, para quem não fosse qualificado, para quem viesse do Nordeste, as condições oferecidas já não eram as mesmas prevalentes no período em que a industrialização acelerada espraiava seu dinamismo, criando postos de trabalho bem remunerados, com níveis crescentes de formalização das relações de trabalho nos demais setores ocupacionais urbanos.

O depoimento do entrevistado Mateus, reitera o que Jannuzi coloca, quando afirma que: *“Os meus pais vieram do Nordeste, do Rio G. do Norte, o meu pai veio antes para Bernardes em uma caravana, em meados de 80. Depois de um ano veio a minha mãe. Quando eles vieram, eles tinham três filhos antes de mim. Esses três filhos faleceram no nordeste, antes de virem ao Estado de S.Paulo. Acho que os meus irmãos morreram em virtude de complicação do parto, duraram apenas poucos dias. Depois dos três vim eu, que nasci em Bernardes, tive problema de doença, não sei dizer ao certo, qual o problema”*.

Notamos que a migração deu-se em virtude de uma esperança de vida melhor, pela oferta de uma agricultura que imperava na região, antes de ser tomada pela pecuária.

O entrevistado, o Marcos, corrobora com a premissa de ter vida melhor saindo do Nordeste quando afirma que: *“Nasci em 1979 em Taciba. Somos em oito irmãos. Tenho um irmão que morreu de doença que não sei informar direito. Sou o quinto filho. São duas irmãs e o restante, homens. Somente o irmão mais novo não é casado. Os nossos pais vieram do Nordeste pra Taciba, não sei informar a cidade, para procurar trabalho. Os nossos pais eram lavradores em Taciba. Moraram 8 anos em Taciba, aí vieram pra Prudente”*.

Percebemos que o processo de mobilidade territorial, mesmo que regional prevaleceu, vindo se estabelecer numa cidade maior com mais promessa de emprego, como foi o caso de Presidente Prudente.

Isso nos remete a concluir que a conjuntura do final da década de 80, intercalou ciclos de expansão e retração econômica (CANO; PACHECO, 1992), processo esse que, no balanço geral da década, não parece ter criado condições concretas para mobilidade social generalizada. Afinal, entre 1980 e 1989, a indústria brasileira cresceu apenas à taxa

média de 1,3%, (CACCIAMALI,1992), fato que, combinado ao emprego e técnicas de produção cada vez menos intensivas em mão-de-obra, acabou fazendo com que a participação do setor no conjunto dos ocupados não mais aumentasse por todo o período.

O desemprego só não foi maior e crescente no período do final da década de 80 e início da década de 90, devido à capacidade de absorção da população ativa pelo terciário (MATTOSO; BALTAR, 1996, BALTAR, DEDECCA; HENRIQUE, 1997).

De fato, vários entrevistados afirmaram, nas entrevistas, que tiveram que trabalhar fazendo “bico” ou trabalhando como domésticas, geralmente sem registro em carteira, conforme apontam alguns entrevistados. O entrevistado Pedro, confirma a inserção do trabalho terciário quando afirma “*Fui mandado embora e fui trabalhar com produtos hortifrutos, e não estava dando, pois o mercado estava engolindo a gente*”. O mesmo acontece com a entrevistada Lídia, quando afirma que “*O meu pai fazia bico e a minha mãe era doméstica*”.

Do mesmo modo a entrevistada Maria reitera quando, na entrevista, aponta que: “*Sai de Florestópolis, porque os meus irmãos não queriam uma irmã separada do marido morando na mesma cidade. Catei o colchão, panela e duas filhas pequenas e vim embora trabalhar na casa de uma senhora evangélica*”.

Vimos, na fala dos atores sociais pesquisados, que a mobilidade social e ocupacional ocorreu no período de 1991 e 1992, que conforme aponta Pacheco & Pochmann (1997) “foi um período de recessão, com efeitos deletérios muito mais amplos em termos sociais e espaciais, atingindo mais agudamente as regiões de cidades de médio e grande porte”. Seus efeitos sobre o nível de emprego industrial, combinados com aqueles decorrentes da abertura comercial acelerada, da ausência de uma política industrial, da desregulamentação dos mercados e da concorrência, da manutenção de taxas de juros elevadas, da sobrevalorização cambial pós-94 não parecem ter sido amenizados pela recuperação econômica a partir de 1993 (MATTOSO; BALTAR, 1996; PACHECO; POCHMANN,1997).

Notamos, então, que o desemprego deslocou sua trajetória da conjuntura econômica, tornando-se um grave problema estrutural. Comércio e serviços passaram a demonstrar uma impermeabilidade crescente para absorver as massas desempregadas na indústria e a força de trabalho ingressante.

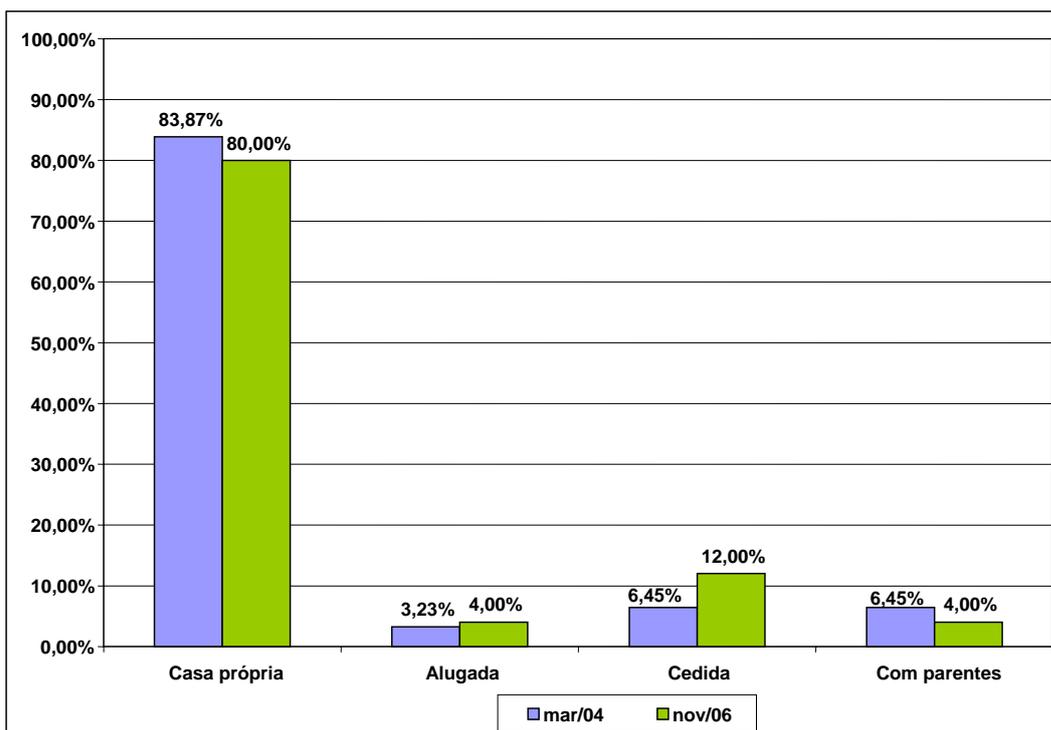
Ao longo desse período (início da década de 90), um volume crescente de migrantes deixou suas localidades de origem dirigindo-se, sobretudo, para áreas urbanas de

municípios de porte intermediário, como Presidente Prudente (entre 100 e 500 mil habitantes).

Isso vem confirmar o que o entrevistado Paulo, coloca “Comecei a trabalhar com 12 anos, na roça, assim que o pai abandonou a minha mãe. Trabalhei 16 anos, catava tomate, quiabo, trabalhava para os outros, e viemos pra Prudente, por volta de 92”. O mesmo acontece com o entrevistado João: “O meu pai veio do Ceará e a minha mãe era de Pernambuco. Vieram pra Prudente, em 93 sem rumo, vieram do sítio. Os meus pais vieram do Nordeste, já casados”.

As pesquisas de 2004 e de 2006 apontaram alguns indicadores sobre as condições de moradia de cada integrante da COOPERLIX, sendo que no período em que os cooperados residiram em Prudente, antes de adentrarem à COOPERLIX, trabalhando com carteira assinada, a maioria deles conseguiu adquirir sua casa própria, (Gráfico 11).

Gráfico 11: Condições de moradia dos cooperados



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006

Com referência à qualidade de vida dos cooperados (Gráfico 11); 22 cooperados residem em casa própria, 07 cooperados moram em casas cedidas ou com parentes, e somente um cooperado paga aluguel. Todos os cooperados residem nas

imediações da sede da COOPERLIX. Esses dados retratam muito bem a precarização em que esses cooperados se encontram, pois um dia no passado tinham uma vida dependente do trabalho formal e assegurados em seus benefícios a tal ponto de conseguirem ter acesso à moradia (casa própria).

Os dados da pesquisa realizada em 2006 não mostrou dados significativos quanto a residirem em casa própria ou não.

Todos os cooperados tiveram experiência em empresa mercantil, com carteira assinada, portanto experiência com o modelo capitalista empregado-patrão, de mando-submissão, com controle de horários, etc.

Este foi um dos fatores que foram tratados em treinamentos na COOPERLIX, pois esse modelo patrão-empregado, ainda estava muito enraizado na memória dos cooperados e o entendimento de que agora são donos de seus próprios destinos, lhes foi de difícil assimilação.

Notamos, pelos dados do gráfico, que a condição de qualidade de vida desses cooperados, outrora, foi melhor, pois possibilitou a eles a aquisição de moradia através do trabalho assalariado.

A cooperada Débora, ao ser indagada apontou: *“Com o trabalho que tive até hoje, eu e meu marido conseguimos comprar uma casa e ir aumentando os cômodos aos poucos, pois sobrava alguma coisa. Tudo isso acabou de repente, pois ele foi demitido e eu somente não dava conta de suprir a casa. (...) mas, não precisamos vender ela pra sobreviver”* (entrevista realizada em julho de 2006).

Um outro cooperado Pedro, diz: *“quando estava no lixão pensei que fosse perder a casa que conseguimos, com muito custo comprar, mas graças a Deus, hoje na Cooperativa estou tirando quase igual quando eu trabalhava como empregado na cidade onde eu vivia”* (entrevista realizada em julho de 2006).

A pesquisa mostrou que, apesar de sofrerem com o desemprego, até se constituírem cooperados, mesmo assim, não precisaram dispor de bens móveis e imóveis para poderem sobreviver. A pesquisa mostrou que, de alguma forma, arrumaram meio de sobrevivência através do trabalho informal até chegarem à condição de cooperados.

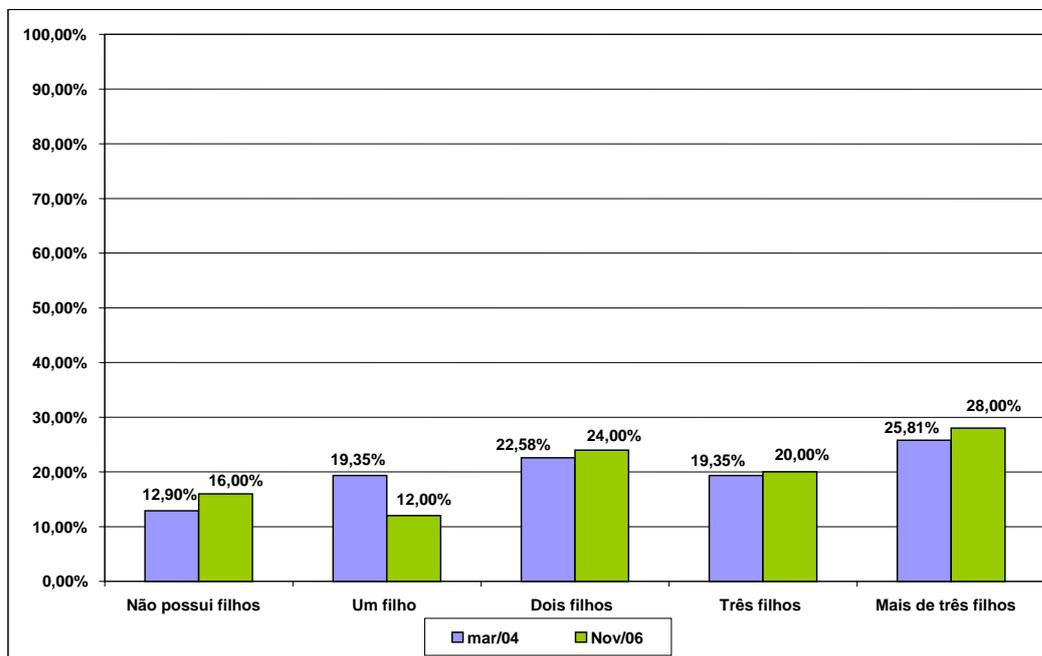
Notamos, também, o espírito de solidariedade, pois muitos residem em casas cedidas por outros, que não estão tão diferentes em sua condição sócio-econômica. Alguns

residem com parentes, mostrando que o sentido de compartilhar prevalece, principalmente nas camadas mais simples. Isso nos remete a Lewin (1999), quando aponta que “a interação social, geralmente, se estabelece através de relacionamentos interpessoais em situação de crise” (p.176).

Entre os entrevistados, três cooperados moram sozinhos, aqueles que possuem filhos em idade escolar (14 entrevistados), afirmam que todos freqüentam ou freqüentaram a escola e que os filhos maiores trabalham no comércio e na indústria local, 3 têm a companhia dos pais e 7 entrevistados moram apenas com o cônjuge.

Os dados das pesquisas, (Gráfico 12), revelaram que tanto em 2004 quanto em 2006, os cooperados, mais de 70%, (22 cooperados), têm dois filhos por família, o que está corroborando com informações do (IBGE, 2004) que aponta estar dentro da média nacional.

Gráfico 12: Número de filhos por família de cada cooperado.



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Entre 1980 e 1993, a parcela de migrantes residentes nessas localidades (cidades entre 150 e 500 mil habitantes) passou de 22% para 43% do conjunto. Ainda que

parte dessa tendência possa ser debitada às características do levantamento, vale lembrar que foram esses municípios que mais rapidamente se expandiram no Estado de São Paulo no final da década de 80 e início da década de 90 (CAIADO, 1995).

Portanto, esta pesquisa envolveu os temas mobilidade social, ocupacional e territorial, considerando as variáveis demográficas como sexo e idade. Segundo Caiado (1995), essas variáveis demográficas devem ser consideradas em qualquer modelo explicativo da forma de inserção de um indivíduo no mercado de trabalho.

Presumimos, então, que tais atributos definem, de partida, a potencialidade de ingresso e permanência dos indivíduos no mercado de trabalho, conforme as normas socioculturais vigentes e as estratégias de sobrevivência individual e familiar na sociedade.

O modelo econômico instável e, de modo geral, crescente desfavorável à expansão do emprego no final dos anos 90 afetaram, de forma nítida, as possibilidades de inserção e mobilidade ocupacional dos migrantes.

Bercovich et al (2000) aponta que:

Os riscos à desocupação aumentaram ao longo do período e pelas etapas migratórias e só viriam reduzir à medida que o migrante passasse a dispor que um melhor conhecimento do mercado de trabalho, das oportunidades de exploração de negócio próprio e à medida que “acumulasse” tempo de residência na localidade de destino.

E nesse sentido, notamos que os migrantes egressos da zona rural, aqueles menos escolarizados, que exerciam atividades de baixa qualificação profissional, mulheres e migrantes mais jovens sujeitaram-se a riscos mais elevados de desocupação no período em que migraram para Presidente Prudente, comparativamente aos migrantes mais escolarizados ou qualificados.

Com relação a esses condicionantes mais gerais, vale lembrar que os finais dos anos 90 caracterizaram-se por fortes e seguidas oscilações conjunturais na economia brasileira, alternando curtos ciclos de prosperidades e de desaceleração da produção econômica, entremeados por momentos de instabilidade e incertezas. O desemprego viria se consolidar de forma estrutural nesse período, ainda sujeito às variações conjunturais mais positivas ou menos alentadoras no período, passando a atingir ainda mais gravemente jovens e mulheres, mas também, se estendendo à força de trabalho primária: homens, chefes, adultos, (JANNUZI, 2000).

Madeira & Torres (2000, p. 216) apontam que “em um contexto menos dinâmico na criação de empregos, os requisitos de contratação passaram a ser mais seletivos criando dificuldades adicionais para indivíduos de baixa escolaridade e qualificação”. Isso deve-se ao fato de a indústria brasileira perder cada vez mais sua capacidade de absorção de mão-de-obra, assim como a agropecuária, em detrimento da prestação de serviços e comércio, fatos comuns observados na região de Presidente Prudente.

Os resultados dessa pesquisa, aqui aferidos, corroboram, em boa medida, com os padrões de inserção ocupacional e migrantes descritos por outros autores, em diferentes contextos no Brasil, como os citados neste capítulo.

Observamos que origem, nível de desenvolvimento regional, tempo de residência continuam sendo fatores intervenientes na forma de inserção do migrante no mercado de trabalho e na sua diferenciação em relação ao não-migrantes.

Foi neste recorte temporal, que a migração aconteceu para os integrantes da COOPERLIX, obrigando-os a migrarem para novas oportunidades e cidades com mais de 150 mil habitantes (FERREIRA, 2001) foram as escolhidas para a tentativa de novos rumos e esperanças.

Como revelou a pesquisa sobre a inserção ocupacional, a zona de origem, o contexto econômico na saída ou na chegada, o tempo de residência foram fatores de grande influência sobre os mecanismos de adaptação do cooperado na cidade de Presidente Prudente.

Nesse sentido, percebemos que muitas famílias migrantes já participavam ou pelo menos, tinham alguma experiência no mercado de trabalho urbano, em 1990. Cerca de 85% (27 cooperados) residiam na zona urbana no início dessa década, em sua maioria em municípios de pequeno e médio porte e visualizaram o mercado de trabalho urbano nas cidades de maior porte, como Presidente Prudente, vindo a se constituir em um palco privilegiado da inserção e mobilidade ocupacional dos integrantes da COOPERLIX.

O próximo capítulo contempla algumas experiências brasileiras de cidades que possuem programa de coleta seletiva e a comparação dessas ações com o trabalho realizado pela COOPERLIX de Presidente Prudente-SP.

A group of people, including children and adults, are seen sorting through large, full bags of waste in what appears to be a recycling or waste management facility. The scene is busy and filled with plastic bags and debris. The text is overlaid on the upper portion of the image.

*A Cooperativa pra mim é um meio de
eu ganhar a vida e ter renda.*

Dina Ferreira
Cooperada

6. EXPERIÊNCIAS EM PROJETOS DE COLETA SELETIVA DE RESÍDUOS SÓLIDOS EM OUTRAS LOCALIDADES

O objetivo deste capítulo foi discutir algumas experiências brasileiras de cidades que possuem programa de coleta seletiva e comparar o trabalho realizado sobre as mesmas nesses municípios, com o trabalho realizado pela COOPERLIX de Presidente Prudente-SP.

Em novembro de 2004, nos fizemos presentes no VII Seminário Nacional de Resíduos Sólidos realizado no Instituto de Engenharia, em São Paulo. Naquela oportunidade, pudemos trocar experiências com representantes de algumas cidades, o que nos motivou a visitar, posteriormente, algumas cooperativas e associações, dessas cidades. Portanto, os dados a seguir são fruto de visitas às cooperativas e associações, referenciadas neste capítulo.

A maioria delas fez-se representada no *Workshop* sobre experiências exemplares com gerenciamento de resíduos sólidos. Nesse encontro mantivemos contatos com várias pessoas responsáveis pela implantação da coleta seletiva em seus municípios, que estavam presentes, no momento da apresentação desse *workshop*. No VII Seminário Nacional de Resíduos Sólidos, (2004), foram apresentadas as características dos municípios (ou locais) para facilitar uma certa compreensão entre diferentes cidades (porte, situação geográfica, etc) e para contextualizar a problemática do lixo.

Na ocasião, os representantes de várias cidades aproveitaram-se da oportunidade, para elaborar os motivos pelos quais foram levados à concepção dos programas de reciclagem de seus municípios, mostrando indicadores quantitativos ou qualitativos, subdivididos em total dos resíduos (toneladas/dias ou mês), quantidade de aterramento (na maioria dos casos “sinônimo” de quantidade disposta no lixão), quantidade de resíduos coletados seletivamente, incluindo ou não recicláveis, inertes e compostáveis, rejeitos na triagem, ou seja, os materiais coletados seletivamente que acabam destinados ao aterro ou lixão), resíduos recuperados (%) por meio da reciclagem, população/atendida e população/participante (%). A primeira é aquela que tem o serviço de coleta seletiva à disposição, e a segunda refere-se à população que efetivamente separa materiais para o programa.

Nesse sentido e dentro da importância de nossa percepção no momento da exposição dos trabalhos, enumeramos alguns municípios que se assemelham com a coleta seletiva de resíduos sólidos realizada pela COOPERLIX em Presidente Prudente.

Grande parte desses municípios encontra-se localizada na Grande São Paulo, com exceção de Sorocaba, distante 110 km de São Paulo e Santos no litoral paulista, a 65 km, também São Paulo. Os demais municípios são: Embu, Santo André e Diadema. Álvares Machado foi escolhida, em virtude de termos realizado pesquisa juntamente com alunos do curso de Gestão de Negócios da Unoeste.

A seguir, expomos os dados referentes às entrevistas realizadas em parceria com os responsáveis pela coleta seletiva de cada município visitado.

6.1 A coleta seletiva em Diadema-SP

Diadema, cidade com aproximadamente 350 mil habitantes, situada na Região Metropolitana da Grande São Paulo, próximo à Serra do Mar, com território relativamente pequeno, parcialmente localizado em área de mananciais e intensamente urbanizado; praticamente não possui terrenos apropriados para aterros sanitários, tornando a destinação do lixo bastante complicada.

Esses dados foram obtidos por ocasião de nossa visita à Divisão de Limpeza Urbana do Município de Diadema, à Rua Almirante Barroso, 111, quando na ocasião entrevistamos o encarregado da Coordenação do Programa de Coleta Seletiva. A visita realizou-se no período matutino do dia 05 de janeiro de 2006.

O programa de coleta seletiva data de 1986, quando instalou-se uma usina de reciclagem. A implantação da coleta seletiva porta a porta foi instituída algum tempo após, em 1991. Em 1993, foram instalados, no Município, sete centros de entrega voluntária. Em 1995, o lixão da cidade foi desativado, assim o lixo destinava-se, então, ao aterro sanitário do município vizinho de Mauá.

A coleta seletiva desse município apresenta alguns indicadores quantitativos como se segue: a cidade produz 250 toneladas de resíduos sólidos por dia, sendo que 247 toneladas são enviadas ao aterro sanitário (o aterro sanitário encontra-se localizado em Mauá). Atentamos para o fato que somente 0,4% dos resíduos são recuperados, sendo que

a quantidade coletada seletivamente, encontra-se na proporção de 1,5 tonelada/dia. Somente 10% da população é atendida com a coleta seletiva, porém com a participação significativa da população de 50%. O município participa com 2,5% do orçamento direcionado a limpeza pública, sendo que para a coleta seletiva é destinado somente 0,05%.

Visando reduzir custos, a coleta é feita apenas em escolas, associações, empresas e nos PEVs. São empregados dois caminhões (um caçamba e um baú), que encaminham os materiais para a usina. A renda provinda da venda dos recicláveis reverte para o fundo municipal, para posterior aplicação em benfeitorias e na manutenção do programa.

O programa prioriza o trabalho de Educação Ambiental, especialmente nas unidades de ensino. Os módulos de atividades, que variam conforme a necessidade de cada escola, são: visita à usina, oficina de reciclagem artesanal de papel, feira de troca dos materiais produzidos na oficina de papel, fabricação e exposição de objetos com sucata, panfletagem com a população local, e distribuição de recipientes para o descarte seletivo. Diadema, até o ano de 2006, não tinha uma cooperativa de resíduos sólidos constituída formalmente.

6.2 Experiência com coleta seletiva em Embu-SP

Na oportunidade, visitamos Embu, município localizado na sub-região da Região Metropolitana de São Paulo, a 26 km da Capital. Com população estimada em 220 mil habitantes, cerca de 60% de seu território está em área de mananciais da Bacia Hidrográfica do Reservatório Guarapiranga. O município tem uma taxa de urbanização de 100%. Desde a década de 1990, o processo de urbanização deu-se de modo desordenado. A criação de um programa de coleta seletiva foi a alternativa encontrada para permitir a sustentação econômica dos catadores, após sua retirada do lixão municipal.

O programa de coleta seletiva direcionou-se a viabilizar a coleta seletiva, reintegrando socialmente a população de catadores por meio da organização de uma cooperativa de beneficiamento de recicláveis e incentivar a população, através da educação, a separar seu lixo para reaproveitamento.

A cidade produz em torno de 180 toneladas/dia de lixo, sendo que 110 toneladas são destinadas ao aterro sanitário, os demais são reciclados. Coleta-se cerca de

70 toneladas mês de resíduos recicláveis, sendo que 70% da população é atendida pela coleta seletiva. O Município destina um percentual de seu orçamento em torno de 8% para a limpeza pública, sendo que para a coleta seletiva é destinado míseros 0,2%.

Em 1994, cerca de 60 catadores foram retirados do Lixão de Embu pela Prefeitura Municipal. Nesse período, foi realizado um planejamento, abrangendo as seguintes atividades: escolha de área para instalar uma central de triagem, avaliação do mercado para os recicláveis, cadastramento dos catadores, preparo de material de divulgação, busca de patrocínio, curso de reciclagem e reuniões semanais com os catadores.

Em junho de 1994, iniciou-se a coleta seletiva, com a criação da Coopera-Embu, Cooperativa de Produção e Aproveitamento de Materiais. Inicialmente, a população ignorou as informações fornecidas através de folhetos e cartazes. Em agosto, após nova campanha, a participação aumentou significativamente, porém não de maneira sistemática.

A coleta seletiva é realizada porta em porta em 70% da área urbana, envolvendo dois caminhões. A equipe de coleta é composta por motoristas da Prefeitura e por ex-catadores do lixão. Os recicláveis são levados ao Centro de Triagem, em área cedida pela Prefeitura, onde são beneficiados por 20 catadores cooperados e vendidos a indústrias recicladoras da região. O Centro funciona, também, como Posto de Entrega Voluntária, ao qual está acoplado um viveiro municipal permitindo a troca dos recicláveis por mudas de árvores.

Os catadores dividem igualmente o rendimento das vendas, e recebem uma cesta básica da Prefeitura. O ganho mensal de cada catador é equivalente a um salário mínimo e meio (janeiro de 2006). A Coopera-Embu, é responsável pelas despesas referentes à manutenção dos caminhões de coleta. O município possui um aterro sanitário para onde vão os resíduos não recicláveis. Essas informações foram obtidas através da Secretaria do Meio Ambiente de Embu-SP.

6.3 Programas de coleta seletiva de resíduos sólidos em Santos-SP

Coletamos informações com a Prefeitura Municipal de Santos, mais especificamente, com a Secretaria de Meio Ambiente-SEMAM, haja vista que já havíamos contactado em novembro de 2004 um representante dessa secretaria, no VII Seminário

Nacional de Resíduos Sólidos. A entrevista realizou-se em 15 de março de 2006 com uma representante da Secretaria do Meio Ambiente-SEMAN.

A cidade de Santos, situa-se no litoral de São Paulo e apresenta uma qualidade de vida muito acima da média nacional (segundo índices de qualidade de vida do Instituto Polis). Abriga o maior porto marítimo da América Latina. A cidade possui uma população fixa em torno de 450 mil habitantes. Essas características levam a uma concentração demográfica altíssima para a área insular – 10.550 habitantes por quilômetro quadrado, dificultando, consideravelmente, a destinação final do lixo.

No verão e outono, pelo fluxo de pessoas provenientes de outras regiões, essa população aumenta consideravelmente, fazendo com que a cidade produza o dobro de lixo que, costumeiramente, produz no inverno e parte da primavera.

O Município produz 696 toneladas/dia de resíduos sólidos, sendo que desse montante, 550 toneladas são aterradas, as demais correspondem à coleta seletiva, em um montante de 150 toneladas/mês. Toda a população é atendida pela coleta seletiva de lixo. O orçamento público direciona para a limpeza urbana 11% desse orçamento, sendo que para a coleta seletiva, o montante destinado é de 3,5%.

O programa implantado denomina-se de Programa Lixo Limpo, instituído pela Secretaria do Meio ambiente e PRODESAN- Progresso e Desenvolvimento de Santos. O programa iniciou-se em maio de 1990, com o intuito de solucionar a vazão do problemático lixo e objetivos, como: aumentar a vida útil dos aterros, conscientizar a população para a importância da reciclagem, solucionar a destinação final dos resíduos e evitar o desperdício.

O desenvolvimento do programa anteviu uma ação articulada com a comunidade e foi formada uma comissão popular para acompanhar os trabalhos. Em fevereiro de 1992, essa comissão, juntamente com outras entidades, iniciou a coleta de assinaturas que resultou na alteração da lei orgânica, através de emenda popular, garantindo a obrigatoriedade da coleta seletiva pela Prefeitura Municipal de Santos.

A PRODESAN, através da Unidade de Limpeza Urbana, é responsável pela coleta e comercialização dos materiais. A coleta é feita de porta-em-porta, em toda a cidade, uma vez por semana, por quatro caminhões específicos, em cada bairro. Somente em um bairro a coleta é feita por carrinheiros. A população separa o lixo seco (materiais recicláveis). Há 46 PEVs (Postos de Entrega Voluntária) em vários pontos da cidade e 21 funcionários envolvidos na atividade de coleta.

O material coletado é levado à Unidade de Separação, em área cedida pela PRODESAN, onde trabalham 47 pacientes do Núcleo de Apoio Psicossocial, em processo de reintegração, e dez usuários do sistema da ação comunitária do Município, ambos, órgãos municipais.

Paralelamente à coleta seletiva porta-em-porta, a cidade conta com a Associação dos Carrinheiros de Santos, supervisionada pela Secretaria de Ação Comunitária. A remuneração aos associados corresponde à produção obtida. O Núcleo de Apoio à Terceira Idade divulga o programa de porta em porta, enquanto o Núcleo de Educação ambiental, da Secretaria de Educação, desenvolve atividades de sensibilização junto às unidades escolares, atingindo pais e alunos, com o objetivo de ampliar a adesão à coleta seletiva. Participam do programa 45 escolas estaduais e 35 municipais.

Alguns convênios e a proximidade à cidade de São Paulo facilitam a comercialização do vidro, papel e alumínio. A receita obtida reverte, via Programa de Reintegração Social, para ex-moradores de rua e via Núcleo de Ação Psicossocial, para os pacientes que integram a equipe de triadores da Unidade de Separação.

6.4 O papel da COOP CIDADE LIMPA E COOPCICLA em Santo André-SP

No dia sete de janeiro de 2006, visitamos a COOP CIDADE LIMPA - Cooperativa de Trabalho dos Coletores de Resíduos Urbanos e Limpeza de Santo André, fundada em 2000, como um desdobramento da COOPCICLA – Cooperativa de Reciclagem de Santo André, fundada em 1999. Seu estatuto permite prestar serviços de coleta e triagem. O estatuto da COOPCICLA somente permite a atividade de triagem. Essas duas cooperativas encontram-se instaladas no próprio aterro sanitário de Santo André..A coleta seletiva em Santo André surgiu como uma experiência piloto, no ano de 1997. Em 1998, a coleta atendia 7% dos domicílios, avançando em 1999 para 60% e atingiu 100% da área urbana, no ano de 2000.

A COOPCICLA constitui-se de 79 cooperados, sendo 38 homens e 41 mulheres. Os resíduos sólidos coletados pela COOP CIDADE LIMPA, que possui 62 cooperados, 36 mulheres e 26 homens. Os mesmos são coletados por caminhões da Prefeitura Municipal três vezes por semana, de porta em porta e transportados para o aterro sanitário. Dessa forma, a coleta seletiva do Município alcançou 100% dos domicílios.

Além da coleta, há as Estações de Coleta Seletiva nas quais efetua-se a entrega voluntária de materiais recicláveis e entulho.

A taxa de adesão da população à coleta seletiva de Santo André é de 60%. As duas cooperativas reciclam em torno de 21 toneladas diariamente. Observou-se um aumento do material reciclável destinado às cooperativas, iniciando, anteriormente, com 1.648 toneladas no ano de 1999, chegando a 7.800 toneladas em 2002, 6.269 toneladas em 2003 e 6.079 toneladas em 2005.

Essa redução é atribuída à atuação dos carrinheiros e coletores motorizados, pelos representantes do Departamento de Resíduos Sólidos - DRS e das cooperativas. Como resultado dessa interceptação dos resíduos, aumentou a quantidade de rejeitos nas centrais de triagem, provocando um forte impacto negativo na geração de renda e nas condições de trabalho. Segundo informações levantadas junto a integrantes da COOP CIDADE LIMPA, a renda mensal, que chegou a R\$ 600,00, encontra-se, no momento, em torno de R\$ 450,00. No mês de março de 2006, a retirada individual montava a R\$ 426,00.

Percebe-se em Santo André, que grande parte do material reciclável, principalmente aquele com maior valor agregado, tem sido segregado por meio de uma multiplicidade de atividades formais ou informais, resultando em uma perda da eficiência dos programas de gestão compartilhada, diminuindo assim os rendimentos dos catadores. Pelo fato de Santo André contar com várias indústrias que transformam os resíduos, o lixo passou a ser visto como negócio interessante.

6.5 A CORESO e a coleta seletiva em Sorocaba-SP

Uma outra cidade estudada, foi a cidade de Sorocaba, através da Cooperativa de Reciclagem de Sorocaba (CORESO). A CORESO foi fundada em 1999, sem apoio financeiro da Prefeitura Municipal, contando com apoio de instituições. A quantidade de materiais coletados não alcança o percentual de 1% do total dos resíduos sólidos gerados pelo Município. A CORESO exclui de sua coleta, materiais como: isopor, espelhos, madeiras, papel higiênico, pilhas, pneus e lixos orgânicos.

A CORESO recebe apoio de uma ONG, a CEADDEC - Centro de Estudos e Apoio ao Desenvolvimento, Emprego e Cidadania de Sorocaba e Região - que a incentiva desde sua organização, assessorando todo o processo. A entrevista foi realizada no dia 18

de janeiro de 2006 com uma representante da CEADEC, a qual nos forneceu os seguintes dados:

O trabalho operacional da cooperativa realiza-se, através, dos catadores cooperados, assim como se segue: a coleta do material é realizado, fazendo-se uso de três caminhões, sendo dois pertencentes à Cooperativa e um pertencente a CEADEC e também através dos catadores cooperados por meio de carrinhos manuais. A coleta é proveniente de instituições da cidade de dezoito bairros e de alguns condomínios, realizada, semanalmente, em cada residência ou em instituições em dias específicos, previamente, estabelecidos.

Depois de coletado, o material é destinado a um dos três galpões da CORESO, onde o material é triado, prensado e pesado, sendo então preparado para a sua comercialização. O papel e o vidro são vendidos, diretamente, para as indústrias recicladoras, localizadas, respectivamente, em Valinhos e em Guarulhos. Os plásticos e os metais são vendidos para os grandes sucateiros que revendem para as indústrias.

A partir desse faturamento mensal, a CORESO utiliza-se de até um terço de seus proventos para os gastos fixos, como contas de água, luz, telefone, manutenção dos caminhões, dos equipamentos e dos galpões. O restante é dividido entre os cooperados, em conformidade com a coleta de cada um. A CORESO conta com 54 cooperados, gerando uma renda mensal em torno de R\$ 450,00 a R\$ 500,00 para cada cooperado.

Os catadores participam de uma assembléia a cada três meses, onde são debatidas as medidas necessárias de segurança no trabalho, metas, principais problemas envolvendo a Cooperativa.

6.6 O Papel da Associação Reciclando para a Vida de Álvares Machado-SP

Em outubro e novembro de 2006 realizamos uma pesquisa, juntamente com quatro alunos do Curso de Gestão de Negócios da UNOESTE na Associação Reciclando para a Vida em Álvares Machado-SP.

Álvares Machado é uma cidade de pequeno porte, localizada no Oeste Paulista, a 15 km de Presidente Prudente; possui população de 20.096 habitantes, de acordo com o censo IBGE (2000). Na área urbana são coletados resíduos sólidos domiciliares, comerciais, de construção civil, público e de serviços de saúde. A cidade produz cerca de 18 toneladas diárias de resíduos, segundo dados da Prefeitura Municipal.

Em outubro de 2003, havia cerca de 15 pessoas no lixão da cidade. Antes de existir Associação, os resíduos coletados eram previamente separados em fardos e, semanalmente, vendidos a um atravessador. Os catadores não obtinham qualquer tipo de ajuda da Prefeitura Municipal de Álvares Machado. O grupo utilizava-se de bicicletas e uma carroça para chegar ao aterro, aonde faziam a catação de resíduos utilizáveis e recicláveis, em condições de trabalho subumana.

Com a ação da Prefeitura, um trabalho de conscientização da população nas escolas e nos setores da comunidade foi realizado, a prefeitura municipal cedeu um caminhão e um motorista para a coleta e um barracão para a triagem dos resíduos sólidos. Os catadores foram cadastrados em novembro de 2003, quando foi implantada a coleta seletiva. O projeto inseriu todos os catadores que trabalhavam no aterro, que constituíram a Associação Reciclando para a Vida.

A Associação conta com o apoio do Poder Público Municipal, cedendo um caminhão, fornecendo o combustível e um motorista; atravessa por alguns problemas na organização interna do trabalho, mas pretende-se formular alternativas para a melhoria da mesma e da qualidade de vida desses trabalhadores, envolvidos na coleta seletiva. É necessário que todos colaborem para que essas famílias possam continuar mantendo total desempenho nesse trabalho.

Em novembro de 2006, foram entrevistados doze associados, sendo quatro do sexo feminino e oito do sexo masculino, através de pesquisa de campo, onde participaram, também quatro alunos do Curso de Gestão de Negócios da UNOESTE⁹.

Percebemos que mesmo realizando um trabalho, muitas vezes indigno de um cidadão, o trabalho possibilitou, para a maioria deles, um poder aquisitivo promissor, conforme relato de alguns que disseram ter comprado eletrodomésticos e construíram mais cômodos em suas residências. Inferimos, então, que o trabalho que estão realizando na Associação vem possibilitando uma vida melhor do que aquele que realizavam.

Ressaltaram a oferta de trabalho e o auxílio que a Prefeitura lhes oferece, bem como o fornecimento de um caminhão, combustível, motorista e o local para a seleção de material. Apontaram que o rateio do faturamento do material reciclado mostra-se suficiente

⁹ Através dos relatos dos doze entrevistados foi verificado que todos se sentem motivados com o trabalho que estão realizando na Associação Reciclando para a Vida de Álvares Machado. Sensação essa que não sentiam quando trabalhavam no lixão, pois haviam internalizado o sentimento de vergonha, face à precarização que o serviço anterior proporcionava. Com exceção de um associado, os demais são remanescentes do lixão da cidade.

para a manutenção do lar. Foi enfatizado pelos associados que o fator segurança na Associação foi preponderante para se adentrar à Associação.

Existe, também, entre esses associados, uma certa disputa de poder, onde alguns pretendem impor seus desejos aos outros e há, também os que protestam por imaginarem que colegas não trabalham tanto quanto eles.

Esses associados, dia-a-dia, lutam dentro e fora da associação, por seus direitos de trabalhador, de pessoa e de cidadão. Lutam, mais ainda, para fazerem com que essa associação sobreviva e dê certo, e que sobrevivam a esse mercado de trabalho onde as leis, infelizmente, são um tanto quanto mal elaboradas. Muitos desses cooperados nos surpreendem pela força e determinação com que lutam, para alcançar sua realização.

Baseados em visitas e informações de representantes dos projetos, aqui citados, elaboramos um quadro comparativo, (Quadro 6), entre as cooperativas visitadas, os projetos de reciclagem de resíduos sólidos com a COOPERLIX no que se refere a seus objetivos, seu papel na cidade e sua situação sócio-econômica.

Quadro 6: Comparativo entre os programas de reciclagem de resíduos sólidos e as ações da COOPERLIX.

Cidades	População da cidade	População atendida	Produção diária de resíduos	Percentual reciclado	Possui aterro sanitário	Possui cooperativa	Pessoas envolvidas na coleta Seletiva	Entidades apoiadoras
Diadema	350 mil	15%	360 t	0,3%	sim	não	46	não
Embu	220 mil	70%	210 t	2,1%	sim	sim	61	não
S. André	651 mil	100%	580 t	3,5%	sim	sim	141	não
Sorocaba	485 mil	40%	455 t	1,9%	sim	sim	54	sim
Santos	450 mil	100%	696 t	2,3%	sim	não	68	sim
A.Machado	20 mil	100%	20 t	3,5%	não	sim	12	sim
P.Prudente	210 mil	60%	200 t	2,5%	não	sim	33	sim

Fonte: Pesquisa de Campo, Abril de 2006.

Inserimos, também, neste capítulo dados referentes ao estudo efetuado por Magera (2003) que pesquisou cinco cooperativas de reciclagem no interior paulista, na região de Sorocaba-SP, e confeccionou o seguinte quadro ilustrativo que trata as diferenças entre várias formas de sociedade (Quadro 7). Enfatizou as características de uma sociedade cooperativa, de uma sociedade mercantil e das cooperativas estudadas por ele.

Quadro 7: Comparação entre sociedades cooperativista e mercantil X cooperativas de resíduos

Sociedade cooperativa	Sociedade mercantil	Cooperativas estudadas
O principal é o homem	O principal é o capital	O principal é tirar o cidadão das ruas e dar a ele um trabalho (renda), mesmo que seja precarizado.
Cada cooperado conta um voto	Cada ação ou quota conta um voto	Os cooperados possuem pouca ou nenhuma participação nas decisões de ordem administrativa e econômica.
O controle é democrático	O controle é proporcional ao capital	O controle é exercido por uma instituição (social, ONGs, de consultorias, capitalistas).
É sociedade de pessoas, que funciona democraticamente	É sociedade de capital que funciona hierarquicamente	Sociedade mista: funciona hierarquicamente/democraticamente
Os resultados retornam aos sócios proporcionalmente à operações	Os dividendos retornam aos sócios proporcionalmente ao capital investido	Os resultados retornam aos sócios proporcionalmente à sua produção.
Valoriza o trabalhador e suas condições de trabalho e vida.	Controla o trabalhador como empregado subordinado	Em virtude das condições sociais de sua existência, as cooperativas não valorizam o trabalhador, outros sim, condicionam-no a um trabalho precarizado.

Fonte: Magera, 2003.

As cooperativas pesquisadas por Magera, foram: Cooperativa dos Catadores Autônomos de Papel, Aparas e Materiais Reaproveitáveis – COOPAMARE - situada na cidade de São Paulo, onde se iniciou como uma associação de catadores de lixo, no ano de 1985. Outra cooperativa estudada, está situada em Belo Horizonte-MG, a Associação dos Catadores de Papel, Papelão e Material Reaproveitável – ASMARE – fundada em 1990, com apoio da Igreja Católica. Uma terceira cooperativa estudada, foi a COOPERA-EMBU, em Embu-SP. Também foram pesquisadas as Cooperativa de Catadores de São Bernardo-SP e Cooperativa de lixo da cidade de Capão Bonito-SP, a ACAMAR. Notamos que o principal objetivo dessas cooperativas estudadas é tirar os catadores da rua e os cooperados, através desses atos assistidos, resgatarem a cidadania e a identidade social, tornando-os trabalhadores dignos e honrados, perante a sociedade, além da possibilidade de renda sustentável.

No Quadro 8, procuramos mostrar os principais pontos de divergências entre as cooperativas, acrescentando os resultados de observações feitas na COOPERLIX.

Quadro 8: Diferenças entre as cooperativas pesquisadas por Magera e a COOPERLIX

Sociedade cooperativa	Sociedade mercantil	Cooperativas estudadas por Magera	Cooperlix
O principal é o homem	O principal é o capital	O principal é tirar o cidadão das ruas e dar a ele um trabalho (renda), mesmo que seja precarizado	O principal é tirar o cidadão do lixão e dar a ele um trabalho.
Cada cooperado conta um voto	Cada ação ou quota conta um voto	Os cooperados possuem pouca ou nenhuma participação nas decisões de ordem administrativa e econômica.	Os cooperados possuem autonomia nas decisões internas de ordem administrativa, porém com assessoria de parceiros
O controle é democrático	O controle é proporcional ao capital	O controle é exercido por uma instituição (social, ONGs, de consultorias, capitalistas).	Tem assessoria de profissionais nas áreas contábeis e logística (Unoeste e Unesp)
É sociedade de pessoas, que funciona democraticamente	É sociedade de capital que funciona hierarquicamente	Sociedade mista: funciona hierarquicamente/ democraticamente	Sociedade mista: Funciona democraticamente. Há hierarquia, com voto de todos.
Os resultados retornam aos sócios proporcionalmente à operações	Os dividendos retornam aos sócios proporcionalmente ao capital investido	Os resultados retornam aos sócios proporcionalmente à sua produção.	Os resultados retornam aos sócios proporcionalmente à sua produção.
Valoriza o trabalhador e suas condições de trabalho e vida.	Controla o trabalhador como empregado subordinado	Em virtude das condições sociais de sua existência, as cooperativas não valorizam o trabalhador, condicionando-os a um trabalho precarizado.	Há valorização de seus cooperados, proporcionando resgate da auto-estima e da cidadania.

Fonte: Trabalho de Campo, novembro de 2006, baseado em (MAGERA, 2003,p.71)

Notamos que a COOPERLIX difere em alguns pontos em relação às cooperativas pesquisadas por Magera (2003), como: tem assessoria constante de parceiros em relação à sua gestão e na organização do trabalho. Os cooperados recebem orientação e treinamento, no que tange à auto-estima e motivação no trabalho.

Além de proporcionar a geração de renda e tirar o catador do lixão, a diferença marcante da COOPERLIX, em relação a outras cooperativas pesquisadas por Magera (2003), é o resgate da cidadania aos integrantes da COOPERLIX. Isso é feito através de procedimentos dos apoiadores. Periodicamente, os cooperados recebem treinamentos que abordam as temáticas, auto-estima e motivação no trabalho.

Quadro 9: Comparação na forma de gestão entre a Cooperlix e outras cooperativas.

Trabalhador Cooperado	Trabalhador Mercantil	Cooperativas Estudadas	Cooperlix
Não há grau de subordinação entre os trabalhadores	O trabalhador é subordinado a um patrão	Há grau de subordinação em 75%	Não há grau de subordinação, somente cumprimento de deveres
Participa das decisões e regras de funcionamento	Não participa das decisões	Participa em parte das decisões.	Participa das decisões com votação em aberto
Recebe antecipação de resultados segundo a produção	Recebe salário de acordo com seu contrato de trabalho.	Recebe antecipação de resultados segundo a produção.	Recebe dividendos no final de cada mês, proporcional aos dias trabalhados.
É considerado contribuinte individual pelo INSS	Seu contrato é individual ou coletivo através da Consolidação das Leis do Trabalho (CLT)	Em 75%, não há contribuição ao INSS.	Todos os cooperados contribuem ao INSS.
Pode constituir os Fundos Cooperativos para satisfazer os patamares mínimos de descanso anual, poupança, seguros, etc.	Os empregados recebem férias, 13 ^o . salário, 1/3 de férias, FGTS e outros benefícios proporcionais ao salário.	Não possuem os Fundos Cooperativos: as sobras são divididas aos cooperados.	Não possui os fundos de Cooperativos. as sobras são divididas aos cooperados.

Fonte: Trabalho de campo, novembro de 2006, baseado em Magera, 2003.

No Quadro 9, comparamos as diferenças entre o trabalhador cooperado estudado em outras cooperativas (MAGERA, 2003), o trabalhador empregado em uma organização que visa o capital e o trabalhador encontrado na COOPERLIX, procurando mostrar que tanto os trabalhadores, lotados nas cooperativas estudadas em outras pesquisas, quanto os cooperados da COOPERLIX não estão enquadrados totalmente nas doutrinas cooperativistas que seguem os princípios rochdaleanos.

Notamos que os cooperados da COOPERLIX contribuem com o INSS, diferentemente de outras cooperativas pesquisadas por Magera (2003). Um outro diferencial é que seus integrantes participam das decisões mais importantes sobre a Cooperativa. Um fator de semelhança é o fato de que os integrantes da COOPERLIX, como as demais pesquisadas por Magera, recebem proporcionalmente aos dias trabalhados.

Dessa maneira, percebemos na COOPERLIX que seus cooperados, através destes atos assistidos, estão resgatando a cidadania e a identidade social, tornando-os trabalhadores dignos e honrados perante a sociedade, além da possibilidade de renda sustentável.

Observamos, nessas cooperativas e projetos de reciclagem de resíduos sólidos, que há algumas semelhanças com as ações econômicas e sociais da COOPERLIX. Todas

possuem apoio da Prefeitura Municipal ou de alguma entidade. Dependem de um local cedido pelo poder público ou locado de alguma ONG, como no caso de Sorocaba. Percebe-se que a reciclagem de resíduos sólidos no Brasil é algo novo, todas as cooperativas não chegam a ter mais de 10 anos de atividade. Assim como a COOPERLIX, elas também tiveram e ainda têm dificuldades de se implantarem na comunidade. Alguns desses municípios ainda não conseguiram atender 100% de seu território urbano. A COOPERLIX, com apenas quatro anos, já atende 73% dos bairros de Presidente Prudente.

Entretanto, o que se observa é que a COOPERLIX nasceu de iniciativa de parceiros (UNESP, Secretarias Municipais, SIEMACO e UNOESTE), dando ensejo a teses, dissertações e monografias. Firma-se como cooperativa pelo fato de ter sua origem no modelo cooperativista-capitalista, pois depende do capital e da comercialização de seus produtos para sua sobrevivência.

Como todas as cooperativas estudadas, o conflito maior dá-se pelo fato de serem geridas com modelo cooperativista e atuarem no mercado com modelo capitalista, na medida em que concorrem com empresas privadas na fixação de preços de seus produtos e comercialização dos mesmos.

Esses cooperados apresentam o perfil de pouca escolaridade, sem experiência em gestão de negócios, sem experiência de cargo de chefia ou de gerência e, em virtude disso, os problemas de relacionamento interpessoal são agravantes. Na COOPERLIX, em decorrência de acompanhamento sistemático da figura de um gestor cedido pela Prefeitura para intermediar na negociação dos produtos reciclados, o aparecimento de conflitos mais graves como os decorrentes de alcoolismo, de drogas, de atritos corporais amenizaram-se consideravelmente.

Apesar da eficácia desse tipo de trabalho, despendido por esse gestor, a implantação de uma idéia coletiva do trabalho cooperativista foi antes internalizado pelos cooperados através do apoio das entidades, universidades e sindicatos que atuaram como uma rede de informações e de acompanhamento na implantação, manutenção e no norte que a COOPERLIX deveria tomar.

Uma característica da COOPERLIX, que a faz diferenciar-se das outras cooperativas pesquisadas, é o fato de se notar a presença da força de trabalho feminino, não somente no seu quadro associativo, mas também em relação a sua diretoria por compor-se, basicamente, por membros do sexo feminino.

Todas as cooperativas que estudamos são compostas de integrantes que, um dia, já foram empregados e que em função do desemprego a oportunidade mais viável, no entender dos cooperados, foi a de se associarem como cooperados.

Constatamos, também, um aumento da dependência das cooperativas em relação ao poder público ao mesmo tempo em que a informalidade progride; inexistindo, no momento, mecanismos eficientes para enfrentá-lo. Além disso, percebe-se que os maiores desafios da coleta seletiva solidária, nas cidades estudadas, são de caráter organizacional, destacando-se o problema da comunicação da iniciativa à sociedade e a necessidade da construção de uma cultura voltada para o associativismo por parte dos integrantes das cooperativas.

A lógica de mercado mostra que o maior valor agregado do material reciclável associado à crise econômica exige a promoção de políticas públicas voltadas para toda cadeia de resíduos e não apenas para os programas de gestão compartilhada como alternativa para a coleta seletiva de resíduos sólidos.

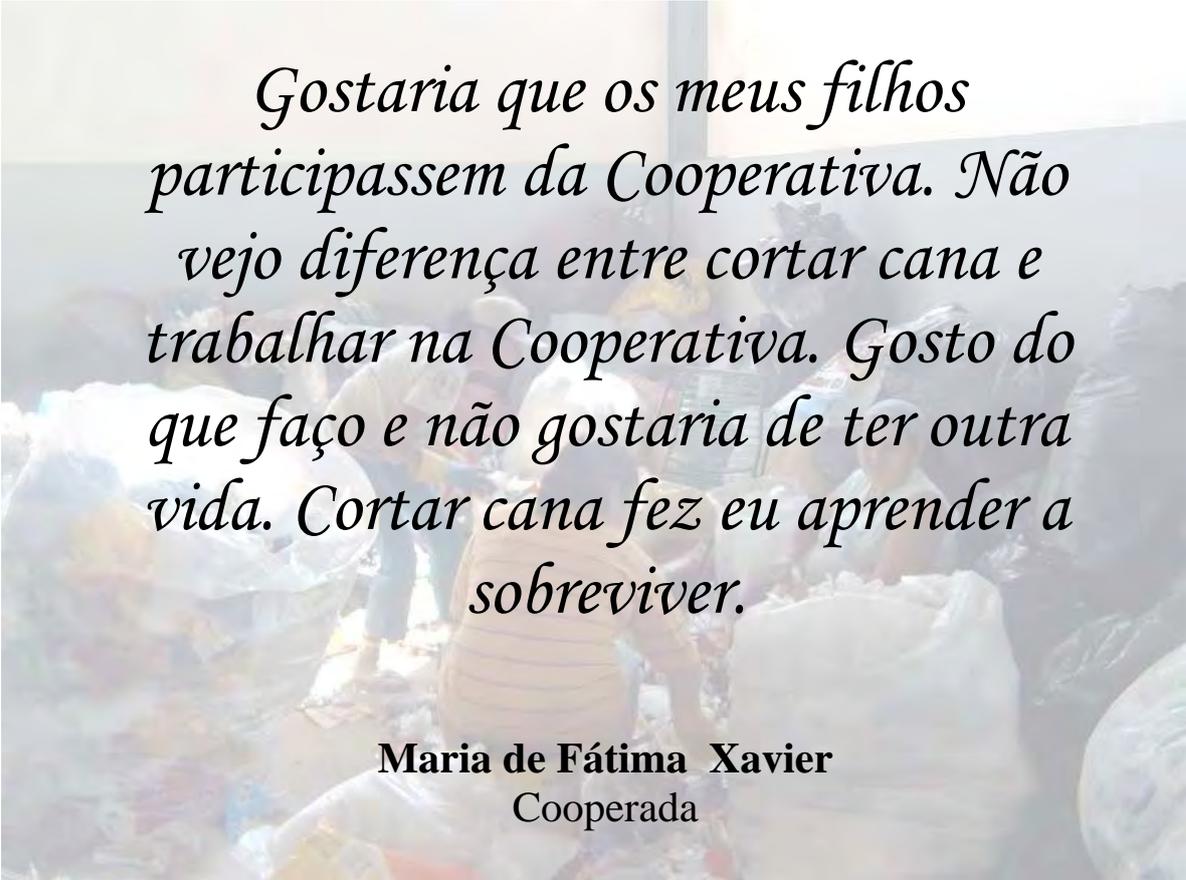
Uma condição para a compreensão desta pesquisa com outras entidades ligadas à reciclagem de resíduos sólidos, é o entendimento de que qualquer cooperativa, assim como todo empreendimento associativo humano, de caráter político, social, artístico, pessoal ou econômico, é um processo organizativo (SPINK, 2000). Ou seja, é um fenômeno psicossocial caracterizado pela existência dinâmica de um agrupamento humano, cuja ação coletiva está orientada à realização de determinado conjunto de interesses. E mais, essa ação coletiva produz não somente os objetivos (interesses) do coletivo, mas também a história e a materialidade do empreendimento e de seus atores sociais.

Essa concepção psicossocial do fenômeno organizacional apresenta as realizações humanas (sociais, econômica, políticas, afetivas) não como coisas prontas ou findas, mas como processos em curso, resultantes da ação humana. Nesse sentido, Sene (2003) fala sobre a ação: “Agir, no sentido mais geral do termo, significa tomar iniciativa, iniciar (...), imprimir movimento à alguma coisa”, (p.190).

A situação, em que se desenrola o processo social cotidiano da cooperativa, é conformada pelas características do grupo social que vive a situação e pelas circunstâncias do ambiente em que a situação ocorre, apontada por LEWIN (1999) quando afirma que “os grupos são todos sociológicos; pode-se definir operacionalmente a unidade desses, como todos sociológicos (...) pela interdependência de suas partes” (p.89).

Concluimos então, que o cooperativismo é praticado nessas cooperativas, de forma a lutar contra o desemprego, sendo uma união de pessoas que, na maioria, são analfabetos ou poucos instruídos, tendo no imaginário o modelo de submissão de quando eram empregados e não de autogestores; devido a isso, as crises internas ocorrem com mais frequência. Contudo, existem pessoas voluntárias instruídas, através de ONGs, Universidades, algumas prefeituras, igrejas, sindicatos e clubes de serviços, que lutam a favor desses cooperados/associados, tornando possível o desenvolvimento e sucesso das cooperativas e associações no Brasil.

No próximo capítulo, apresentamos alguns referencias teóricos sobre o trabalho, sua organização, o modelo capitalista e o fator desemprego.



Gostaria que os meus filhos participassem da Cooperativa. Não vejo diferença entre cortar cana e trabalhar na Cooperativa. Gosto do que faço e não gostaria de ter outra vida. Cortar cana fez eu aprender a sobreviver.

Maria de Fátima Xavier
Cooperada

7 A VALORIZAÇÃO DO TRABALHO NA COOPERLIX ATRAVÉS DO COOPERATIVISMO

Neste capítulo, dissertamos sobre o trabalho, a sua forma, a sua dinâmica, o processo histórico e como ele atua na economia mundial, a ponto de provocar desemprego, acumulando riquezas, em detrimento do sacrifício da classe trabalhadora.

Para tanto, recorremos a autores que enfatizam esse assunto, tais como Rossi (2005), Codo (1995), Fromm (1977), Matos (1994), Antunes (2003), Thomaz Jr (2000, 2003,2004), Tomé (2003), Romero (2005), Mézáros (2002,2003), entre outros, e o próprio Marx (1972, 1982,1996), com suas concepções a respeito dessa temática.

Na economia industrial capitalista dos últimos dois séculos, o trabalho passou a ser definido em função da produção social, devendo ultrapassar o nível de subsistência e produzindo um excedente suscetível de transformar-se em riqueza. “Enquanto criador de riquezas, subordina-se, portanto, a determinadas formas sociais que determinam sua execução e organização e que são produto de relações sociais” (Oliveira,1987, p.244).

Ao definir trabalho, Marx (1972, p.153) pressupõe uma atividade exclusivamente humana, conforme é apontado:

O processo de trabalho, como o apresentamos em seus elementos simples e abstratos, é a atividade orientada a um fim para produzir valores-de-uso, apropriação natural para satisfazer necessidades humanas, condição universal do metabolismo entre o homem e a natureza, condição natural eterna da vida humana e, portanto, independente de qualquer forma dessa vida, sendo antes, igualmente, comum a todas as suas formas sociais.

Na visão taylorista, o trabalho é visto na concepção de tempos e movimentos, onde predominam a atenção para o método do trabalho, para os movimentos necessários à execução de uma tarefa e para o tempo médio dispensado para a execução.

Refutando todo o processo criativo preexistente entre o homem e a natureza para a concretização do trabalho, maximiza a produção de mais-valia, perseguindo os objetivos do capital.

Segundo Romero (2005), o trabalho é o intermediário entre o homem e aquilo que será transformado em objeto, portanto, ao se abordar o tema cooperativismo há a necessidade de se relacionar com o trabalho.

O processo de trabalho não se transformou essencialmente; a diferença é que no capitalismo, ele deixa de ser meio para a realização do trabalho para se tornar meio de direção e exploração do trabalho alheio. E além de se trabalhar para o capitalista, trabalha-se sob as ordens do capitalista. (ROMERO, 2005, p. 81).

Diante disso, a importância dada ao trabalho, na vida dos seres humanos, deve ser vista através de um olhar de construção histórico-social. Até o século XVII, o trabalho é concebido como dever de caráter moral e religioso, constituindo-se em antídoto entre trabalho e repressão. O ideário positivista sustentava que o trabalho era fonte de prosperidade, riqueza e progresso, essencial à promoção de felicidade e a regeneração social, possibilitando mobilidade e ascensão social.

Historicamente, as relações de trabalho foram concebidas dessa forma, levando os trabalhadores a valorizarem e se engajarem plenamente no trabalho, por assim terem garantias plenas de sua inserção na sociedade, as conseqüências decorrentes do corte dessas relações recaem certamente, sobre a sua identidade, além de deixá-los desfiliaados (POCHMANN, 2002).

O capital domina a ordem produtiva e as configurações sociais, institucionais e até mesmo política; assim, o capital submete todas as práticas sociais, inclusive o trabalho ao seu modo de produzir, reproduzir e perpetuar-se; as conseqüências são o aumento das desigualdades sócio-econômicas entre as pessoas e as diferentes áreas do espaço, a subtração do trabalho e, principalmente, a precarização e o descentramento do mesmo.

Para Antunes (2003), o trabalho é central na construção do entendimento social; assim, aborda o descentramento da categoria trabalho como perda de centralidade do ato laborativo no mundo atual e questiona que o sentido dado ao trabalho pelo sistema capitalista é completamente oposto do sentido que a humanidade confere a ele.

Mészáros (2003) critica o sistema neoliberal adotado por muitos países como o grande causador do desemprego e aponta:

A derrubada do estado capitalista e das personificações capitalistas privadas do capital não pode criar por si outra coisa que não seja um sistema fatidicamente *instável* que, cedo ou tarde, deve volver-se à ordem capitalista, se não consegue ir mais além do capital (p.102).

Porém, no capitalismo, a relação de trabalho caracteriza-se pela desigualdade, pois algumas pessoas são vistas como mercadoria, estabelecendo-se, então, uma relação de dominação, onde a dimensão do econômico substitui a dimensão do humano. Podemos, então, inferir que o trabalho é muito mais do que um meio de renda, sendo o alicerce que lhe permite construir sonhos, valorizar-se e construir o seu eu, dando sentido à vida da pessoa que trabalha.

Para Fromm (1977, p.118) “com a introdução do trabalho assalariado, clara consequência da Revolução Industrial, o capitalismo libertou o indivíduo da arregimentação do sistema corporativo”. De acordo com o autor, no entanto, a mudança psicológica mais importante ocorrida no homem, nesse momento, foi a adoção de uma nova atitude face ao esforço e ao trabalho como meta de si mesmo. O que houve de novo na sociedade moderna é que os homens passaram a ser impelidos para o trabalho não tanto por pressão externa, mas por uma compulsão interna que os fazia trabalhar arduamente.

Dado o caráter assumido pelo trabalho após a Revolução Industrial, ele se tornou gradativamente mais rotineiro e irreflexivo, à medida que o trabalhador, via de regra, passou a executar tarefas parcelares, limitou-se à execução e foi impedido de visualizar o trabalho ou o produto em seu conjunto.

Em decorrência do conjunto de acontecimentos que se convencionou chamar Revolução Industrial, como vimos, alteraram-se o conceito, a natureza e principalmente as formas de organização do trabalho. A partir de então, ocorreram profundas transformações, culminando com o trabalho, nos dias atuais, configurado como atividade desenvolvida predominantemente de forma institucionalizada, mediante pagamento de salários e voltada à produtividade e obtenção de lucros, sob os auspícios da economia de mercado.

Alterado em sua natureza e em suas formas de organização, o trabalho, em grande parte, deixou de ser uma atividade de realização individual e um esforço que satisfaz, na medida em que é moldado, aperfeiçoado e completado pelo artífice, para transformar-se em mercadoria no mercado universal criado pelo capitalismo vigente. Passou a ser, assim, um processo intensivo de desgaste físico-moral, que levou os trabalhadores à perda da sua independência e à necessidade de produzir fora de casa, sob

rigorosa supervisão, já que não mais possuíam a matéria-prima e os instrumentos de trabalho.

Uma das mudanças mais características ocorridas nos últimos dois séculos refere-se à gradativa transformação do trabalho em emprego, que se reporta ao trabalho pago em dinheiro. Em sua forma atual, o trabalho tornou-se profundamente degradado enquanto valor, ocorrendo a eliminação da criatividade, para grande parte dos indivíduos. Ocorreu uma alteração radical do caráter do trabalho, que o tornou um processo singularmente desinteressante e sem significado, que obriga os homens a uma disciplina enervante e embrutecedora, voltada apenas para o aumento da produtividade. Em consequência, perdeu-se sua compreensão como uma relação social básica na definição do modo humano de existência.

A maioria dos estudos que analisam as profundas transformações pelas quais passa o mundo do trabalho, atualmente, enfatizam a necessidade de revisão das condições, contextos e atividades de trabalho. Segundo Matos (1994, p.32),

Desde que o taylorismo foi superado como teoria que se procura significados mais subjetivos para o trabalho, além das recompensas materiais; as relações grupais descobertas por Mayo e os fatores motivacionais de Maslow e Herzberg, entre outros, indicam que os significados subjetivos do trabalho podem ser até mesmo mais importantes que os objetivos.

Codo et al (1995, p.211) destacam, porém, que não apenas o “modo como o trabalho é executado (a atividade), mas também o que resulta deste trabalho (o produto) são importantes na construção da identidade humana” e ambos os fatores dizem respeito à questão do seu significado e da satisfação obtida por seu intermédio. Segundo eles, nossa construção como indivíduos e como elementos sociais, através do trabalho, mostra-se particularmente clara na moderna sociedade industrial e liberal.

Podemos considerar que o significado subjetivo, atribuído ao trabalho, funciona para o trabalhador como uma estrutura cognitiva que tem forte impacto sobre percepções, atribuições, sentimento moral, e valor social e que influenciará o próprio comportamento desses indivíduos, posteriormente no trabalho, além de possibilitar, de modo mais efetivo, a formação de atitudes coletivas frente às atividades laborais.

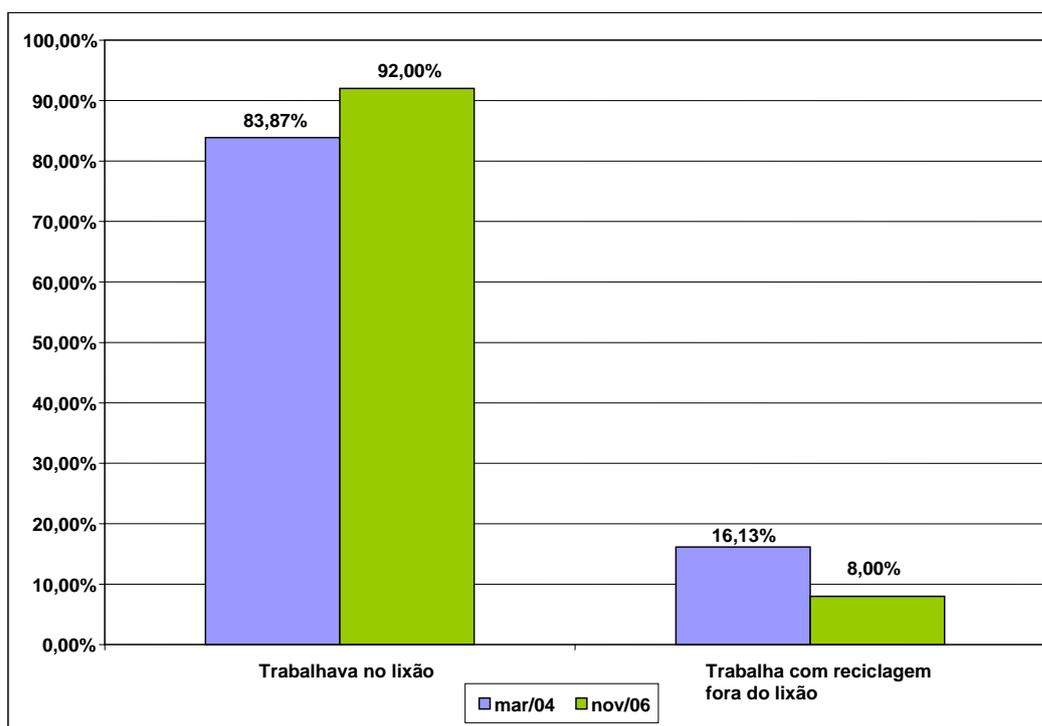
As perspectivas para o mundo do trabalho em que vivemos, hoje, se configuram em dois ângulos. Por um lado, vislumbra-se a possibilidade de uma real diminuição do tempo de trabalho, em função do avanço tecnológico que assumiria

grande parte, principalmente das tarefas operacionais, proporcionando mais tempo livre a todos. Por outro, postula-se uma profunda modificação na concepção de trabalho, que, uma vez concretizada, será capaz de gerar mudanças nas suas formas características, nos modos de organização e na finalidade, resgatando os aspectos prazeroso e humano que o trabalho um dia comportou.

Neste sentido, esse capítulo visa contemplar, com base nos dados do trabalho de campo realizado em 2004 e 2006, aspectos sobre o significado do trabalho na concepção de vários autores e os relacionar com o trabalho e o perfil dos integrantes da COOPERLIX, conforme mostram os gráficos deste capítulo.

As pesquisas que realizamos, em março de 2004 e novembro de 2006, apontaram a atividade profissional de cada cooperado antes de ingressarem na COOPERLIX (Gráfico 13).

Gráfico 13: Atividade profissional anterior à Cooperlix



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Em relação aos cooperados que trabalhavam no lixão, as pesquisas revelaram que mais da metade dos cooperados, hoje integrantes da COOPERLIX, atuaram como catadores de lixo por mais de 04 anos. Isto leva a acreditar que não restaram outras

alternativas de trabalho digno para esses cidadãos que não viram outra alternativa como fonte de renda a não ser catar lixo. Na pesquisa de 2004, ficou demonstrado que 20 pessoas estavam na atividade de catadores de lixo há mais de três anos. Já na pesquisa de 2006, esse número diminuiu para 13 pessoas, considerando que em março de 2004, quando da realização da pesquisa a COOPERLIX havia 31 cooperados e em março de 2006 ela contava com 26 cooperados.

A pesquisa mostrou que, durante todo o tempo em que os cooperados estavam trabalhando no lixão de Presidente Prudente, tentaram várias vezes, conseguir outro emprego, mas o mercado de trabalho regional não conseguiu absorvê-los, levando a crer que o desemprego ocasiona situações que fazem com que a pessoa recorra ao lixão para sobrevivência.

7.1 Os impactos do desemprego no Brasil

A era informacional, em detrimento da era industrial, está provocando transformação do trabalho e de sua gestão. A crescente automação da indústria deve continuar a reduzir os postos de trabalho, principalmente em dois segmentos, nos países em desenvolvimento: a indústria têxtil e a de componentes eletrônicos (RICKEN, 2001).

A ofensiva neoliberal implementada a partir do fim da década de 70 denominada revolução conservadora (CHESNAIS, 1997), combinada a adoção de processos flexíveis de trabalho vinculado ao toyotismo japonês determinou uma nova configuração de trabalho de caráter flexível. Este novo quadro do mundo do trabalho combina trabalho temporário, subcontratado, domiciliar, infantil, por peça, contratação formal, criando uma hierarquia de relações trabalhistas entre as diversas categorias profissionais relacionadas às qualidades de ofício, além de implementar uma nova situação de desemprego estrutural. (JÚLIO, 2003, p. 117).

O desemprego, portanto, nas duas últimas décadas aumentou significativamente no Brasil; assim, foi motivado pelos novos processos de reestruturação (downsizing) das grandes organizações capitalistas, em virtude do excesso de privatizações sem critérios definidos, do aumento de falências e das aquisições de empresas nacionais, por grandes redes internacionais, que têm levado

vários grupos de trabalhadores a se organizarem para assumir o controle da organização de seu próprio trabalho, de seu sistema produtivo e da logística de mercado. Esses processos proporcionaram um crescente desemprego e como resposta a esse fruto nefasto do capitalismo surgem as cooperativas de serviço e de produção em regime de autogestão.

Singer (2000) aponta que o crescente desemprego e a insuficiência das políticas de geração de emprego têm levado um grande número de trabalhadores a buscar formas alternativas de trabalho e renda, seja na economia informal, seja em cooperativas de diferentes tipos.

Tomé (2003) aponta, também, que o número de trabalhadores informais cresceu, e muito, nos últimos anos, dessa forma confirma o que Júlio (2003) mencionou quanto à nova face do trabalho no capitalismo contemporâneo. Ainda Tomé (2003) coloca que o desemprego e a precarização do trabalho em larga escala são os dois principais pontos para o aumento da camelotagem. Todavia, os catadores de materiais recicláveis ainda estão, penosamente, muito abaixo das condições de trabalho e de sobrevivência dos camelôs.

A questão do desemprego tem trazido à tona, questões éticas significativas a serem questionadas e analisadas, uma vez que o medo de estar nessa condição vem transformando as relações no trabalho, dando a noção de que o trabalho é muito mais que um meio de renda, mas também, alicerce que permite construir sonhos, dando sentido à vida da pessoa que trabalha (SENNETT, 2003).

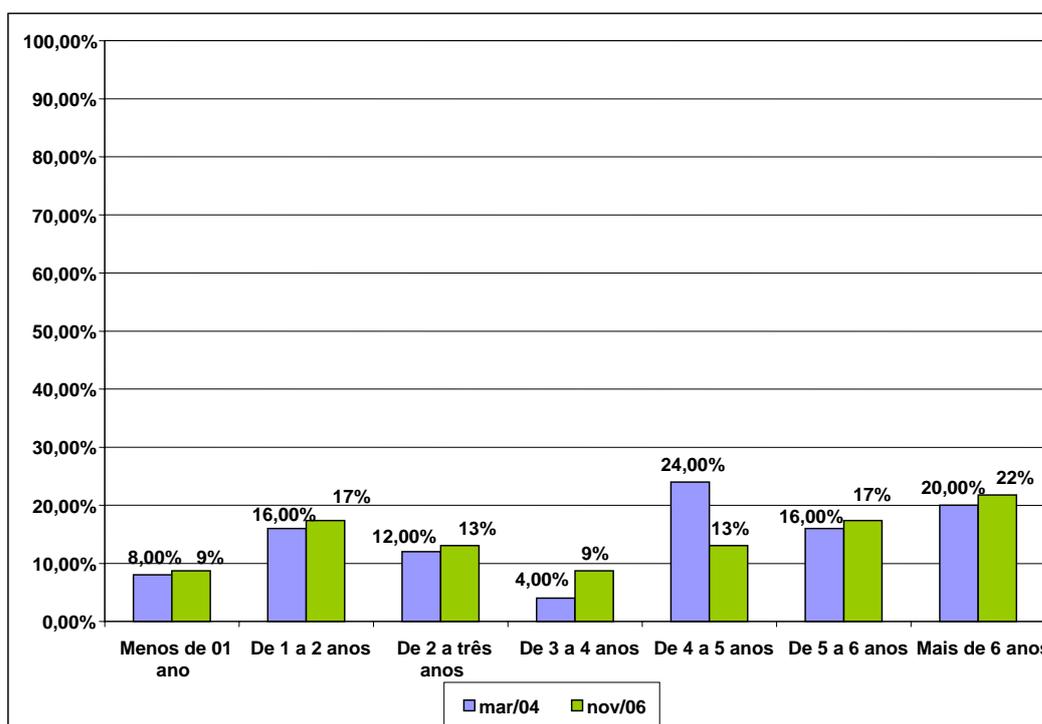
Cabe ressaltar que o problema do desemprego não é e nem deve ser considerado como de exclusividade daqueles que estão à deriva ou excluídos, constituindo-se num problema político-social e econômico de responsabilidade de todos que compõem a nossa sociedade. Isso aponta para a necessidade do comprometimento e esforço de todas as pessoas na luta por uma sociedade mais justa e saudável para todos, incluindo as futuras gerações.

Na definição de funções, em relação às atividades desempenhadas pelos cooperados, nota-se que uns realizam trabalho interno na COOPERLIX enquanto que outros preferem atuar na coleta seletiva com os caminhões. A entrevista de 2004 mostrou que 18 integrantes faziam a coleta nas ruas de Presidente Prudente, enquanto que na pesquisa de 2006 esse número caiu para 12. Nota-se uma redução de 50% do número de efetivos de trabalhadores na coleta nas ruas, sem, contudo, comprometer a quantidade de resíduos recolhidos e separados. Leva a crer que, com a diminuição de

faltas ao trabalho, o comprometimento com as atividades e principalmente com a internalização do espírito cooperativo, houve uma melhor racionalização do trabalho.

O Gráfico 14, mostra que na pesquisa realizada em março de 2004 mais da metade dos cooperados labutaram no lixão de Presidente Prudente por mais de cinco anos, aproximadamente 60%. Na pesquisa de novembro de 2006, esse percentual pouco diminuiu ficando em torno de 50%.

Gráfico 14: Tempo de trabalho no lixão



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

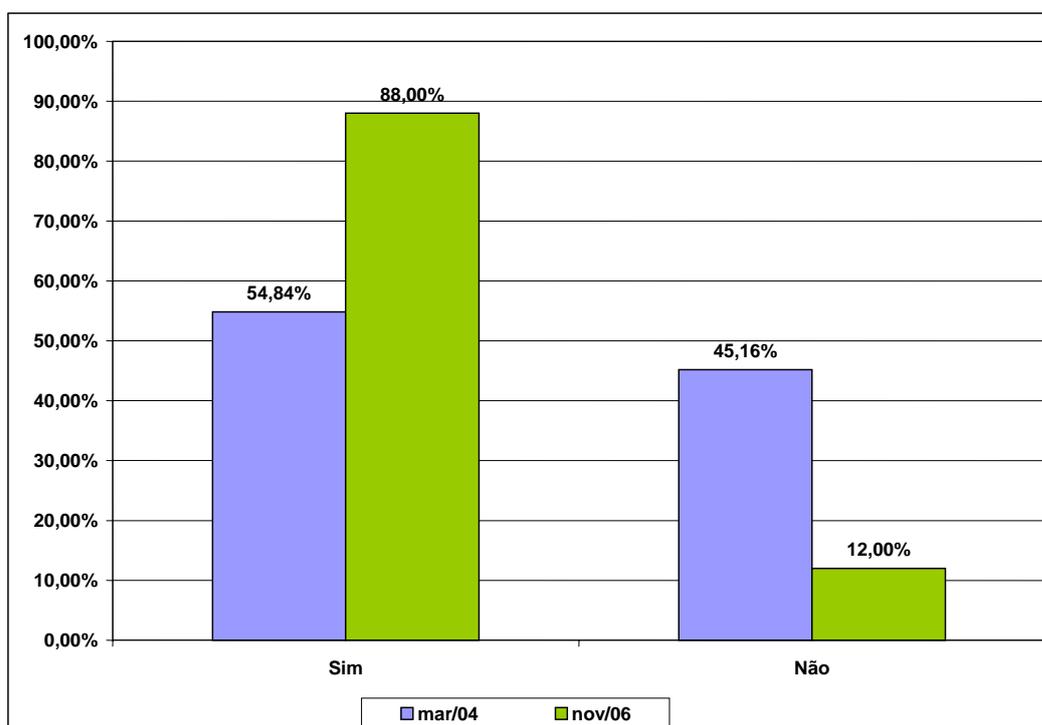
A pesquisa revelou que o trabalho de separação de resíduos, na esteira, é realizado por mulheres, pois não requer o manuseio com grande peso. Entretanto, notamos que a coleta nas ruas, também é realizada por mulheres. O trabalho de limpeza interna da cooperativa, como banheiros, refeitório e as próprias dependências da COOPERLIX é realizada por mulheres. A cozinha, também, fica por conta das mulheres.

Por ocasião da pesquisa em 2004, 14 pessoas disseram que as funções não estavam bem definidas quanto às atribuições de cada um. Já na pesquisa de 2006, apenas 03 disseram que há dúvidas quanto ao que se realiza na Cooperativa.

Pressupomos que já está se cristalizando no imaginário de cada cooperado a noção da organização do trabalho em equipe e a hierarquização de comando, que mesmo sendo uma cooperativa de trabalho, o seu modo de atuação obedece a critérios organizacionais de empresas capitalistas.

No entender dos cooperados há definição clara do que se deve fazer e como fazer o trabalho cotidiano da COOPERLIX, Gráfico 15.

Gráfico 15: Comprometimento quanto às atribuições de seus cargos



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

No início da COOPERLIX, alguns cooperados, por não acreditarem no futuro da Cooperativa e também pela ausência de conhecimento sobre o trabalho cooperativista, possuíam outra atividade remunerada fora da Cooperativa para complementação de renda familiar. Com o passar dos tempos, o sentimento de pertencer à COOPERLIX, foi dando noção de responsabilidade e de envolvimento com as causas da Cooperativa, levando-os a se firmarem como cooperados, e com isso, uma dedicação maior por parte de seus serviços.

Pelo modo cooperativo de trabalho e pelo fato de ser cooperado, está desencadeando mudanças consideráveis em seus integrantes em relação à sua conduta diária, às suas condições de trabalho, à comunidade com a qual convivem e a sociedade em geral, havendo uma diminuição do trabalho extra-cooperativa em mais de 50%.

Na visão dos entrevistados, a COOPERLIX necessita de mais um veículo automotivo para coleta na zona urbana de Presidente Prudente. Como foi citado, a cidade é atendida em 73% com a coleta seletiva e com a aquisição de um outro caminhão isso contemplaria a coleta total de resíduos sólidos em Presidente Prudente.

Esse foi um dos fatores apontados pelos entrevistados, tanto em 2004 quanto em 2006, que apontaram a aquisição de mais um caminhão como fator para que a Cooperativa se mantenha firme em seus objetivos e que possa atender plenamente a coleta seletiva em Presidente Prudente.

Com referência a esse item, que é o aumento da coleta seletiva, o mesmo foi apontado em segundo lugar pelos cooperados como um dos motivos de progresso para a COOPERLIX. Percebe-se que o aumento da coleta seletiva está diretamente relacionado com a implementação de mais um veículo na coleta seletiva.

O trabalho cooperativo entre os integrantes da COOPERLIX, somado aos atos assistidos pelos apoiadores vem, através de redes sociais, valorizar os elos informais e formais das relações. O trabalho em rede é uma forma de organização humana presente nos ambientes de trabalho nos mais diferentes níveis de estrutura institucional moderna (MARTELETO, 2001).

As conversas mantidas com os cooperados mostraram que por poderem trabalhar usando as camisetas da cooperativa gerava mudanças notórias nas suas condições de trabalho. O uniforme, semelhante ao dos empregados das empresas de limpeza convencionais, proporciona ao cooperado um *status* de trabalhador que, geralmente, lhe é negado quando circula pela cidade vestindo roupas humildes.

Nesse sentido é elucidativo o comentário de um cooperado, Timóteo, segundo o qual desde que leva a farda da cooperativa “*a polícia não se mete comigo, nem as pessoas que antes me tratavam como vadio*”. Outro cooperado, Lucas, novo sócio da Cooperativa, referiu-se do seguinte modo à mudança que implicou deixar de trabalhar catando lixo no lixão, e entrar na cooperativa: “*quando eu trabalhava por conta própria as coisas corriam mais ou menos, mas realmente não tinha as mesmas garantias que a gente tem aqui [na cooperativa]*”. Outra cooperada, Sarah, diz que “*a*

gente é reconhecida pela sociedade, usamos camiseta da Cooperativa, estamos bem assessorados, temos caminhões pra coletar, não precisamos empurrar carrinho Há milhares de pequenas coisas que a gente não tem quando trabalhava no lixão”.

No que se refere ao trabalho comunitário com a sociedade, a participação, principalmente de membros de sua diretoria, nos seus diversos órgãos, como Faculdades, Igrejas, outras Cooperativas, Colégios, etc. transmitindo conhecimento sobre a coleta seletiva, a integração com a sociedade, faz da COOPERLIX uma cooperativa que está conquistando um espaço significativo nas discussões sobre o destino do lixo em Presidente Prudente.

Assim, a flexibilização de processos ou a adoção de formas de acumulação flexível em contato com as condições, até então vigentes, mesclam-se e produzem diferentes formatações ou arranjos, com implicações de elevada monta para a inserção do trabalho em *novas* atividades. Ou então, resta-lhe adaptar-se a *novos* procedimentos e rotinas, mediante a absorção de *novas* habilitações, repercutindo diretamente na delimitação das qualificações profissionais, inclusive com a extinção de diversas e a inserção de outras poucas (THOMAZ JR., 2004).

No que se refere às condições de trabalho, o fato de formarem parte da Cooperativa produz um efeito positivo decisivo. E por razões distintas. Por um lado, a COOPERLIX torna possível o acesso às fontes de aprovisionamento (isto é, a residências, edifícios e indústrias que lhe permitem contato, diretamente com a população produtora de resíduos). Isso implica que o cooperado pode trabalhar, diretamente, na fonte e deixar de fazer percursos esgotantes através da cidade ou de recuperar materiais nas lixeiras.

Em suas variadas formas, Cooperativas e Associações visam proporcionar mudanças nas condições da natureza do trabalho sobre o trabalhador, conforme aponta Ricciardi (2000). O autor complementa ainda, que “todo ser humano define-se a si mesmo em termos de seu trabalho, destaca-se aí a sua relevância na construção de sua identidade”.

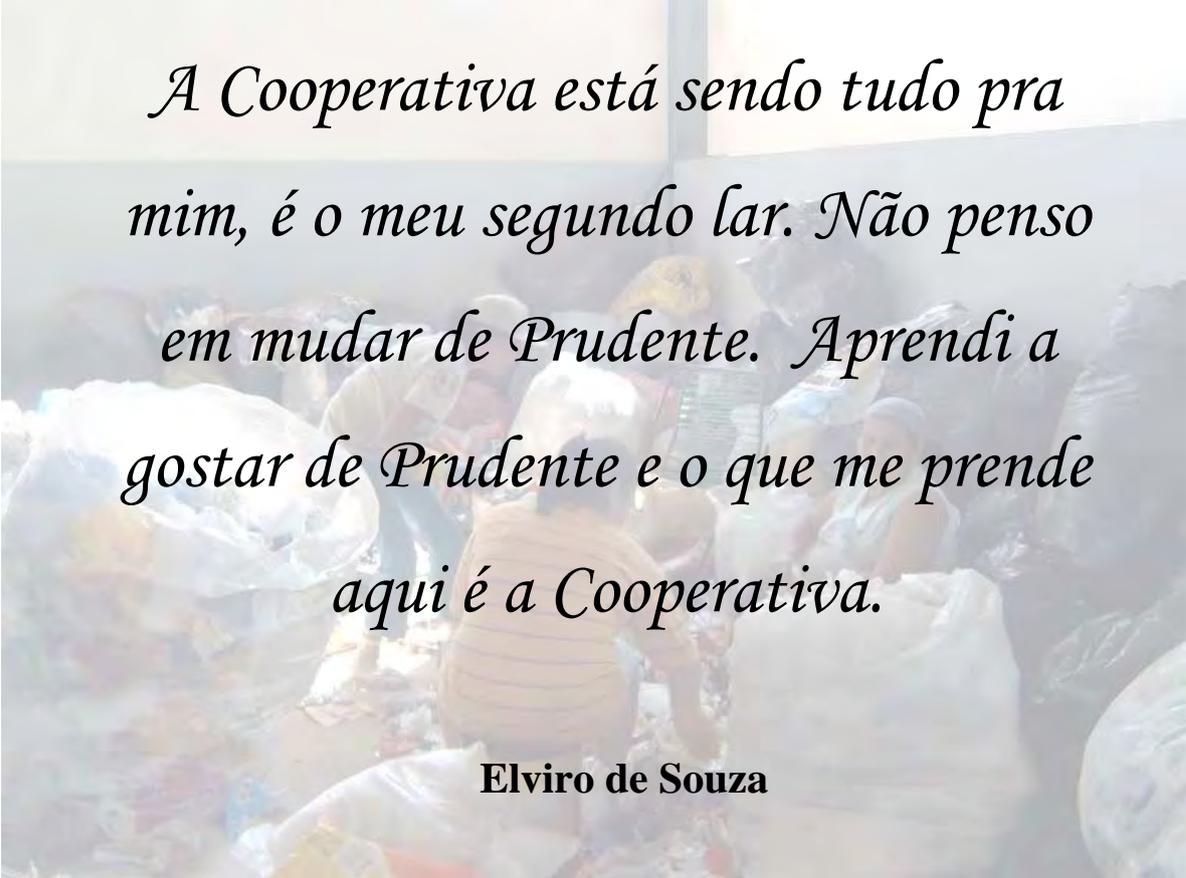
Isso vem confirma a hipótese desta tese, que a COOPERLIX é uma cooperativa, conservando seus princípios e objetivos pautados no cooperativismo rochedaleano, com a particularidade de seus cooperados, antes excluídos pelo capital, se sentirem inclusos, tanto social, como economicamente, fruto, também, do trabalho de apoio das redes de apoiadores.

Dessa forma, um número cada vez maior de pessoas é substituída por essas inovações tecnológicas e também, pela instituição de estratégias empresariais que criam e sustentam tal condição, tais como enxugamento das empresas (*downsizing*), flexibilização do trabalho, terceirização e formação de megablocos empresariais, que retiram deles e da própria sociedade, as possibilidades de reversão desse quadro, atendendo de certa forma ao sistema de sóciometabolismo do capital, conforme aponta Mészáros (2002).

Na maioria dos casos, isso se deu às expensas de procedimentos que impulsionaram a super exploração do trabalho, face a ganhos de produtividade elevados, sem redução de jornada e impactado pelas *novas* formas de gestão do processo de trabalho, como, por exemplo, a terceirização, os Círculos de Controle de Qualidade (CCQ), a flexibilização do processo de trabalho, etc. (THOMAZ JR., 2000).

Isso denuncia o imperialismo empresarial em que vivemos, no momento, e que estamos à mercê de seus interesses e controle em função de um neoliberalismo, que não é só a economia, o mercado, é também, o dia-a-dia, o cotidiano e a existência de novas formas de dominação. Um dos lugares, onde essa dominação é exercida e atinge de forma privilegiada o funcionamento psíquico é, precisamente, na relação com o trabalho (DEJOURS, 2002).

No próximo capítulo abordamos as ações sociais e solidárias dos parceiros e apoiadores em relação aos integrantes da COOPERLIX.



A Cooperativa está sendo tudo pra mim, é o meu segundo lar. Não penso em mudar de Prudente. Aprendi a gostar de Prudente e o que me prende aqui é a Cooperativa.

Elviro de Souza

8. O PAPEL DOS PARCEIROS E APOIADORES NA COOPERLIX ATRAVÉS DAS REDES SOCIAIS

Por tratarmos a questão das redes sociais, no que se refere, especificamente, sobre os papéis dos parceiros e apoiadores em relação ao apoio dado à COOPERLIX, pesquisamos autores como Leite (2003) que trabalha com o crescimento do desemprego, da precarização do trabalho e dos vínculos empregatícios, das desigualdades e da exclusão social. Sawaia (2002) aborda as artimanhas da exclusão social, enfocando uma análise psicossocial e ética da desigualdade social. Também trabalhamos com Marques (2003) e o mesmo corrobora com subsídios sobre redes sociais e instituições na cidade de São Paulo. O mesmo autor também contribui com material teórico sobre Estado e Redes Sociais em relação às políticas urbanas no Rio de Janeiro.

Num plano macro, dia após dia, percebemos a presença significativa, cada dia mais, de trabalhadores associados através de cooperativas e associações. Isso exigiu a construção de um novo escopo teórico que diferenciasse os empreendimentos com o tal tipo de trabalho daqueles caracterizados pelo tradicional trabalho autônomo, de um lado, e o trabalho empregatício, de outro.

As redes sociais, em geral, podem designar um tipo de ação coletiva orientada para a mudança, quando um grupo de cooperados é dirigido de modo não hierárquico. A análise de redes sociais trabalha com alguns conceitos e, entre esses, citamos uma definição simples de Emirbayer; Goodwin (1994, p.149) que definem a rede social como "conjunto de relações ou ligações sociais entre um conjunto de pessoas.

Mesmo não sendo recentes, as redes sociais são mais caracterizadas nos países em desenvolvimento, onde podem sofrer mais de perto, os efeitos nefastos do desemprego.

Andrade e Rosseti (2004, p. 78) apontam que "as redes sociais se mostram mais claramente, com frequência, como uma possibilidade de ajuda com que as pessoas carentes podem contar, além de serem o único suporte para ajudar a aliviar as cargas da vida diária". Quando se aborda o tema redes sociais, nos remete à questão de que em algum momento das análises sociológicas, o papel de grupo chega a ser ineficiente para a resolução de problemas, isto é: o grupo por si só não apresenta forças suficientes para

resolver seus problemas cotidianos ou propor alternativas para sua resolução, surgindo as redes como alternativa de apoio.

No caso a rede representada pelos parceiros, com as suas diferentes experiências e formação, veio contribuir, no sentido de dar suporte, de passar noção de compromisso, de agregar responsabilidades, de fomentar a união, sendo relações de vínculo e, sobretudo, de interação. Portanto, a afirmação dos autores vem corroborar com Emirbayer e Goodwin, (1994) que afirmam que as redes impulsionam os movimentos, alteram as preferências, restringem e moldam a racionalidade e ajudam na construção de identidades.

De acordo com os autores, podemos afirmar que o ser humano tem necessidades e desejos de estar vinculado, e isto ocorre, através de redes de amizades pautadas na confiança mútua e na interação.

Portanto, entendemos que rede social é uma das formas de representação dos relacionamentos afetivos ou profissionais dos seres humanos entre si ou entre seus agrupamentos de interesses mútuos.

Numa estrutura em rede, leva-nos a crer que a mesma corresponde, também, ao que seu próprio nome indica: seus integrantes se ligam horizontalmente a todos os demais, diretamente ou através dos que os cercam. O conjunto resultante é como uma malha de múltiplos fios, que pode se espalhar indefinidamente para todos os lados, sem que nenhum dos seus nós possa ser considerado principal ou central, nem representante dos demais. Não há um “chefe”, o que há é uma vontade coletiva de realizar determinado objetivo. (PARREIRAS, 2006).

Segundo Capra, (2001, p.66) “redes sociais são redes de comunicação que envolvem a linguagem simbólica, os limites culturais e as relações de poder”, pressupondo, que a rede social é, muitas vezes, responsável pelo compartilhamento de idéias entre os pares que possuem interesses e objetivos em comum.

Parreiras et al (2006) apontam três tipos de redes:

a- Rede Social Primária – É formada por todas as relações que as pessoas estabelecem durante a vida cotidiana, que pode ser composta por familiares, vizinhos, amigos, colegas de trabalho, organizações, etc. Esse tipo de rede começa na infância e contribui para a formação da identidade do indivíduo.

b- Rede Social Secundária – É formada por profissionais e funcionários de instituições públicas ou privadas, por organizações não-governamentais, organizações sociais., e fornecem atenção, orientação e informação.

c- Rede Social Intermediária – É formada por pessoas que recebem capacitação especializada, tendo como função a prevenção e apoio. Podem vir do setor da saúde, da igreja e da própria comunidade. Acreditamos que o tipo de rede social, instalada na COOPERLIX através dos parceiros pode ser caracterizada como uma Rede Social Intermediária, visto que um dos objetivos dos parceiros e apoiadores é contribuir para a manutenção, capacitação, desenvolvimento e solidariedade junto aos integrantes da COOPERLIX.

Nas redes sociais, há valorização dos elos informais e das relações, em detrimento das estruturas hierárquicas (MARTELETO, 2001). Isso significa que o trabalho em rede é uma forma de organização humana presente na vida cotidiana do trabalho cooperativo. Desse modo, a rede social passa a representar um conjunto de participantes autônomos unindo idéias, sonhos e recursos em torno de valores e interesses compartilhados.

Segundo Elkaim (1999, p.75), “o conceito de rede nos permite integrar em nossa prática os elementos econômicos, sociais, culturais que são fundamentais dentro de uma série de situações”. Essa definição abre caminho para a construção de redes de vários níveis. Podemos transpor esse conceito para a área do cooperativismo, priorizando o vínculo com os cooperados, na medida em que agrega os saberes e as práticas numa ação coletiva em que cada elemento contribui com o seu conhecimento e sua experiência.

Mazzali (1995, p. 207), aponta que: “a organização em rede expressa uma situação onde os participantes, embora livres para entrar e sair, desenvolvem relações que tornam seus interesses comuns, refletindo a sua capacidade de auto-organização”. Em essência, as redes sociais são o resultado de um esforço de coordenação de “interfaces” de um conjunto de pessoas, em cuja base estão importantes investimentos sociais, associados, de um lado à cooperação dos apoiadores e do outro à absorção por parte dos cooperados no que tange à aprendizagem de novos conhecimentos e atitudes.

Portanto, presumimos que redes sociais são sistemas organizacionais capazes de reunir indivíduos e instituições, de forma democrática e participativa, em torno de objetivos e/ou temáticas comuns que se estabelecem por relações horizontais e em dinâmicas que supõem o trabalho colaborativo e participativo.

8.1 As redes sociais dos parceiros

Na COOPERLIX, notamos que as redes sociais estabelecidas através dos parceiros que aderiram ao Projeto de Políticas Públicas “Educação Ambiental e Gerenciamento Integrado dos Resíduos Sólidos em Presidente Prudente-SP, visou, a princípio, a organização de coleta seletiva em escolas, empresas, aquisição de tambores para coleta de materiais recicláveis, palestras para a comunidade estudantil, além da assistência aos cooperados em relação à organização do trabalho da coleta, da administração dos conflitos e de profissionalização da Cooperativa.

Na fase II, desse Projeto, novos apoiadores se disponibilizaram a colaborar com a COOPERLIX, entre eles os Rotarys Clubs de Presidente Prudente, a Diocese de Presidente Prudente, Faculdades da Unoeste, etc.

Sobre isso, Leal et al (2003), apontam que:

A equipe de instituições parceiras viu a disseminação das idéias e, propostas propugnadas o âmbito da primeira fase do projeto serem assimiladas e encampadas por setores organizados e pela população desempregada e excluída da sociedade, representando um sinal inequívoco dos desdobramentos do projeto e, ao mesmo tempo, como grande contradição, ver ameaçada a continuidade da experiência de cooperativismo construída com tanta dificuldade e persistência, pois o lixo passou a ser considerado como algo de valor e, portanto, uma alternativa de trabalho e de renda para muitos.

Isso levou os parceiros e apoiadores a formularem um novo Projeto e apresentá-lo a FAPESP, a fim de conseguir recursos financeiros para a aquisição de equipamentos, realização de campanhas educativas, ampliação da coleta seletiva e capacitação dos cooperados. Essas propostas foram sendo cumpridas durante toda vigência da Fase II, do referido Projeto, conforme tratamos em outros capítulos dessa tese.

Dentre esses parceiros destacamos as Universidades UNESP, através dos cursos de Geografia, Engenharia Ambiental e Pós-Graduação em Geografia; UNOESTE, com os Faculdades de Administração, Empresa Facic Junior, Faculdade de Odontologia, Faculdade de Comunicação Social e Faculdade de Turismo ; Poder Público Municipal, através das Secretarias de Ação Social, Meio-Ambiente, PRUDENCO, Secretaria de Educação. Os apoiadores, Sindicatos (SIEMACO, FENASCON), Rotarys Clubs, (Rotarys Oeste, Alvorada, Sul, Sudoeste, Nascente e Leste), Diocese de Presidente Prudente, Caixa Econômica Federal (Agências de

Presidente Prudente), entidades essas, que estão diretamente ligadas com atos assistenciais à COOPERLIX. Posteriormente, no mês de outubro o Banco do Brasil aderiu a rede de apoio à COOPERLIX.

Cada uma dessas instituições interagiu com a COOPERLIX, em diferentes momentos e com diversidade de ações que fluíram no sentido de que se estabelecessem uma rede de apoio, em forma de vínculo familiar, de amizade, de interação, de comércio, de interesses múltiplos, mas principalmente de solidariedade e ajuda.

A UNESP participou desde o início aglutinando parceiros e apoiadores através de várias ações para sensibilizar e envolver os catadores do lixão no intuito de organização de COOPERLIX. Esteve como idealizadora desse processo, realizando trabalho de coordenação e execução de ações, sempre articulada com os demais parceiros.

Portanto, objetivou juntamente com outros parceiros a criação de uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos. Através de alguns de seus professores e alunos dos cursos de Geografia, Engenharia Ambiental e Pós-Graduação em Geografia, teve um importante serviço com a elaboração do Projeto Educação Ambiental e Gerenciamento Integrado dos Resíduos Sólidos em Presidente Prudente-SP, nascendo daí, a COOPERLIX.

Contribuiu de forma efetiva no planejamento e execução de campanhas educativas junto às escolas e à população, bem como junto aos catadores e cooperados. Buscou oportunidades para capacitação dos cooperados através de diversas atividades, palestras, eventos, cursos, viagens e contato com autoridades. Henares, (2006, p.107).

Associando com a UNESP, alguns professores da UNOESTE se solidarizaram com a iniciativa e também aderiram através das Faculdades de Administração, Odontologia, Comunicação Social e Empresa Facic Jr.

O curso de Comunicação Social veio a colaborar com a elaboração de cartazes, panfletos e cartilhas, visando conscientizar a população em relação a aderir à separação de resíduos sólidos que possam ser reaproveitados ou reciclados.

A Empresa Facic Jr, composta por alunos dos Cursos de Administração e Ciências Contábeis da UNOESTE, colaborou dando suporte técnico necessário aos membros da COOPERLIX, no que se referem às ações básicas de controle diário de produção, planilhas de custos e atividades afins de ordem administrativa.

O Curso de Administração acompanhou o processo de formação da COOPERLIX, desenvolvendo ações para a efetiva participação dos cooperados,

promovendo a conscientização com vistas a consolidação da coleta seletiva em Presidente Prudente, Henares (2006, p. 107).

A COOPERLIX, como uma organização cooperativista necessitaria de um estatuto e nesse sentido a Faculdade de Administração, elaborou um estatuto, constando de normas e procedimentos regimentais que pudessem nortear as diretrizes a serem contempladas pela Cooperativa. Também, foram realizados treinamentos sobre cooperativismo, administração de conflitos, marketing pessoal e liderança. A Faculdade de Administração desenvolveu, juntamente com a Unesp, diagnóstico da situação sócio-econômica, educacional e de saúde dos cooperados através da aplicação de questionários.

A Faculdade de Odontologia, através de alunos estagiários fez um trabalho profilático com os cooperados, inclusive com procedimentos dentários básicos.

8.2 A ação do Poder Público Municipal à Cooperlix

Quanto ao papel legal da Prefeitura Municipal e sua contribuição para uma nova realidade solidária, a legislação garante a interferência da mesma na organização social e econômica voltada para a gestão dos resíduos sólidos; assim, as condições atuais pedem indiscriminadamente que todos os órgãos públicos possam avançar nas questões ambientais devido ao fato de que nos últimos anos ocorreu, em todo o mundo, o aumento do consumo de uma forma geral, somado à criação de novas embalagens e o aumento constante dos descartáveis, proporcionando um aumento significativo dos resíduos sólidos.

Logo, as conseqüências para o meio-ambiente e para a sociedade são as piores possíveis, pelo fato de o aumento do volume dos resíduos contribuir para a degradação ambiental, ao mesmo tempo, que prejudicam economicamente os órgãos públicos.

A degradação ambiental causada por resíduos sólidos, afeta primeira e diretamente os municípios, exigindo a constante presença do legislador e dos órgãos oficiais competentes na fiscalização constante do poder público municipal e sua intervenção – se positiva ou omissa – referente aos problemas sócio-ambientais. Tomamos como exemplo a cidade de Presidente Prudente, cuja Prefeitura Municipal integra a rede de apoio que compõe a organização da COOPERLIX.

Para Mukai (1988) o urbano precisa de cuidados especiais quanto ao meio-ambiente, visto que é no mesmo que ocorrem, diretamente, as conseqüências da aceleração contínua da industrialização e do consumismo, bem como é no urbano que se encontra a concentração da pobreza. Portanto urge, para as cidades brasileiras, estratégias adequadas para pôr fim aos problemas sócio-ambientais, ou seja, cabe ao poder público municipal ter consciência jurídica de seu comportamento diante de tal matéria e adequadamente cumprir sua competência em matéria ambiental. Quanto aos municípios brasileiros, a Constituição Federal de 1988 garantiu autonomia e competência exclusivas, conforme aponta Fiorillo (2003, p. 63):

Isso possibilita uma tutela mais efetiva da sadia qualidade de vida, portanto é no Município que nascemos, trabalhamos, nos relacionamos, ou seja, é nele que efetivamente vivemos. Na verdade, é o Município que passa a reunir efetivas condições de atender, de modo imediato, às necessidades locais, em especial em um país como o Brasil, de proporções continentais e cultura diversificada.

Ainda em conformidade com o jurista, entendemos que o município com todas as suas competências também é responsável direto – por meio de sua organização político-administrativa – pela tutela da saúde e da qualidade de vida de seus habitantes.

Daí, a importância da administração pública de efetuar políticas públicas adequadas que contribuam, significativamente, para a subtração dos problemas sócio-ambientais e que melhorem a qualidade de vida dos seus cidadãos, como é o caso da COOPERLIX.

Esse raciocínio jurídico leva-nos, invariavelmente, até a administração pública e seu papel funcional organizativo para colaborar na fomentação prática de uma qualidade de vida muito mais saudável para todos. Portanto, o caminho disponível para que efetivamente a administração pública desempenhe seu papel legal está no Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos e o apoio sistemático e gradual às organizações socioeconômicas que objetivam sair do estado de miserabilidade e galgar uma melhor situação social; desta forma, a Cooperlix é uma organização com tais características.

Desde o início da fundação da COOPERLIX, várias Secretarias Municipais se envolveram com a causa de retirar catadores do lixão e na formação da Cooperativa. Uma dessas Secretarias foi a Secretaria de Assistência Social, que mobilizou uma equipe de profissionais para formular e implementar uma proposta de trabalho intitulada “Projeto Recomeço”, que articulou junto ao projeto de Políticas Públicas, uma série de

iniciativas visando a superação de uma situação de exclusão social para uma outra situação, a da inclusão social (Leal et al, 2003).

De forma semelhante, a Secretaria Municipal do Meio Ambiente montou uma equipe dedicada a fomentar trabalhos educativos nas escolas e instituições visando ampliar a coleta seletiva, com o intuito de mais material separado ser destinado à COOPERLIX.

A Secretaria Municipal de Educação se fez presente em todas as reuniões com os parceiros, sendo representada por um profissional, o que colaborou no sentido de conscientizar diretores e professores da Rede Municipal de Ensino, com o intuito de separar os resíduos sólidos produzidos nessas escolas.

A PRUDENCO, através de fontes financeiras da Prefeitura Municipal construiu a sede da COOPERLIX, a entregou à Cooperativa em forma de comodato; também, disponibiliza um caminhão com motorista, de segunda a sexta-feira para realização da coleta seletiva. Às quartas-feiras, disponibiliza um segundo caminhão para fazer a coleta em bairros mais populosos.

O SIEMACO e o FENASCON, estão presentes com orientação, e acompanhamento no que se refere a coleta seletiva e também contribuíram com verbas que foram destinadas à compra de equipamentos de proteção individual e também na compra de um caminhão, juntamente com a Diocese de Presidente Prudente.

8.3 Papel dos Apoiadores em Relação à Cooperlix

Nada disso teria sido dessa maneira se não contássemos com suporte financeiro da FAPESP, pois se pôde adquirir vários equipamentos que deram condição para que a COOPERLIX pudesse operar na coleta seletiva e criar condições de absorver pessoas que viviam no lixão.

Posteriormente, no ano de 2004, a Diocese destinou parte da arrecadação da Campanha da Fraternidade, que juntamente com o SIEMACO e o FENASCON, adquiriram um caminhão para a coleta seletiva, o qual foi doado a COOPERLIX.

Em 2006, a Caixa Econômica Federal, através de suas agências de Presidente Prudente, adotou a COOPERLIX como uma entidade em seus projetos de responsabilidade social, destinando durante um ano uma verba mensal de mil reais. A destinação desse montante, emperrou em alguns empecilhos para a efetivação da verba, em virtude de irregularidades na documentação legal da COOPERLIX.

No início de 2007, os Rotarys Clubs de Presidente, doaram um caminhão, que veio se somar aos outros dois que estão em operação na COOPERLIX, visando ampliar a coleta seletiva e, também, dar condições para que pessoas que vivem da catação de resíduos no lixão, se tornassem cooperados. Ainda nesse ano, a Diocese de Presidente doou R\$ 5.000,00, em moeda, corrente para a compra de uma esteira, o que veio amenizar a carga diária de trabalho dos cooperados que trabalham com o carregamento de fardos prensados.

Nesses quatro anos de existência da COOPERLIX, muitas empresas participaram, tanto na separação dos resíduos, como também colaboraram em campanhas organizadas por estudantes, na doação de agasalhos, cestas básicas, ovos de Páscoa, cestas de Natal, etc.

Como resultado do Projeto de Políticas Públicas que fez com que essa rede de apoio solidário de instalasse, pressupomos que a COOPERLIX nasceu fazendo com que várias pessoas que dependiam do lixão para sobreviverem, acreditassem nos ideais desses apoiadores, para que se tornassem cooperados.

Acreditamos que o papel dos parceiros foi fundamental nesse momento de instalação da COOPERLIX, pois muitas dúvidas surgiram no imaginário das pessoas que labutavam no lixão de Presidente Prudente. Com discussões, reuniões, visitas técnicas e treinamento, gradativamente isso foi de alterando, e como resultado vemos que mais de 60% dos que iniciaram a COOPERLIX, permanecem como cooperados.

Pressupomos que a permanência dos cooperados como integrantes efetivos da COOPERLIX, deve-se ao fato de não terem oportunidade de trabalho no mercado formal e também pelo modo de obterem rendimento através do trabalho cooperativo, ou seja, da economia solidária.

A economia solidária, quando manifestada pelas redes sociais, através dos atos assistidos pelos parceiros e apoiadores propiciaram à COOPERLIX, um modelo de produção e distribuição alternativo ao capitalismo, uma forma de participar do mercado capitalista, enfrentando-o através do trabalho cooperativo de produção. Ainda que em formação recente percebamos na COOPERLIX, o engajamento dos cooperados na labuta e intenção de ver esse grupo de pessoas se tornarem uma cooperativa organizada e autônoma em seus atos.

O desenvolvimento pela via da economia solidária deve tornar as relações de força no mercado mais favorável a empreendimentos que não visem, sobretudo, o lucro. Nessa perspectiva, quando a hegemonia de mercado estiver nas mãos dos

empreendimentos familiares, individuais autogestionários, haverá um outro sentido para o desenvolvimento e para o progresso tecnológico, que não serão mais produtos da competição intercapitalista e passarão a visar as necessidades prioritárias da maioria (SINGER, 2002).

Os empreendimentos solidários seriam detentores de uma posição mais responsável, quanto à defesa do meio ambiente e à saúde do consumidor, assumindo, em suas estratégias de ação, uma orientação que estimule a cooperação em detrimento da competição (GONÇALVES, 2006).

Norteados pelos princípios e valores da cooperação, pessoas e firmas tenderiam a orientar o processo de desenvolvimento para uma relação econômica solidária, contrapondo-se ao desenvolvimento capitalista orientado pela lógica do grande capital. Para Singer (2002, p.11):

...a economia solidária propõe outra organização da produção, à base da propriedade social dos meios de produção. Isso não quer dizer a estatização desta propriedade, mas a sua repartição entre todos os que participam da produção social. O desenvolvimento solidário não propõe a abolição dos mercados, que devem continuar a funcionar, mas sim a sujeição dos mesmos a normas e controles, para que ninguém seja excluído da economia contra a sua vontade.

Mesmo mantendo-se como economia de mercado em que seus agentes participam livremente, cooperando e competindo entre si, a economia solidária propõe a abolição do capitalismo e da sociedade de classes.

Para tanto, seria necessário que a sociedade, de maneira geral, estabelecesse condições e tomasse medidas que evitassem que no jogo de forças, que coloca-se dentro do mercado, houvesse a criação de ganhadores e perdedores. Posto que, sem desfazer as desigualdades criadas pelo jogo de mercado, que enriquece os ganhadores e empobrece os perdedores, a economia solidária não evitaria o restabelecimento da sociedade de classes e o capitalismo, que poderiam vir a ser eliminados pelos mecanismos de cooperação e solidariedade (SINGER, 2002).

Tendo como referencial básico das atividades econômicas os seres humanos, ao invés da acumulação e reprodução ampliada do capital, a economia solidária tem, então, procurado fundamentar as práticas, os princípios e os valores dos empreendimentos assim caracterizados, despertando e estimulando a participação de

diferentes segmentos sociais que acreditam e realizam esforços nessa direção. De acordo com Zanin (2005, p.2):

A formação da ANTEAG (Associação de Trabalhadores em Empresas Autogestionárias e Participação Acionária) bem como o surgimento das Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares (ITCPs) junto às Universidades e posteriormente a formação da rede universitária de ITCPs são exemplos de agentes que surgem na década de 90 para fomentar a economia solidária no Brasil.

Das organizações acima citadas, as Incubadoras Tecnológicas de Cooperativas Populares¹⁰, que objetivam promover a inclusão social e o desenvolvimento humano de populações excluídas, socializando o conhecimento produzido na Universidade de forma a garantir a autogestão de empreendimentos coletivos e solidários, é o que diretamente tem apoiado as experiências organizativas de trabalhadores desempregados, informais e precarizados, incluindo-se neste rol as cooperativas de trabalhadores catadores, em um processo definido como incubação.

A incubação é um processo bastante flexível, de maneira que vai sendo aprimorado e desenvolvido de acordo com as necessidades do grupo interessado em formar empreendimentos autogestionários e solidários (ZANIN et al, 2005).

De acordo com os pesquisadores da UFSCar, existem algumas etapas ou estratégias em planos de desenvolvimento para consolidação das cooperativas. Essas etapas são passos importantes que levam em conta o estágio de desenvolvimento do empreendimento, como demonstra o esquema ilustrativo das etapas/estratégias do processo de incubação da INCOOP, apresentado na Figura 5.

¹⁰ Destacamos aqui a criação do pólo incubador de cooperativas populares, elaborado a partir de um projeto de extensão universitária, na Universidade Federal de São Carlos em 1999, que originou a Incubadora Regional de Cooperativas Populares, INCOOP/UFSCar. (ZANIN et al, 2005).

Figura 5 – Esquema Ilustrativo das Etapas do Processo de Incubação



Fonte: Zanin et al, 2005.

Da identificação do grupo à sua consolidação, os passos podem variar de acordo com a situação do grupo incubado, podendo haver saltos de etapas que já foram resolvidas, por exemplo, não há necessidade de trabalhar a consolidação do grupo já constituído. No entanto, de acordo com essa metodologia, é sempre importante verificar e trabalhar de acordo com as especificidades de cada grupo.

A economia solidária, contudo, passa pela sua caracterização como um sistema econômico ¹¹ que “casa o princípio da unidade entre posse e uso dos meios de produção (da produção simples de mercadorias) com o princípio da socialização desses meios (do capitalismo)”, (SINGER, 2000, p.13).

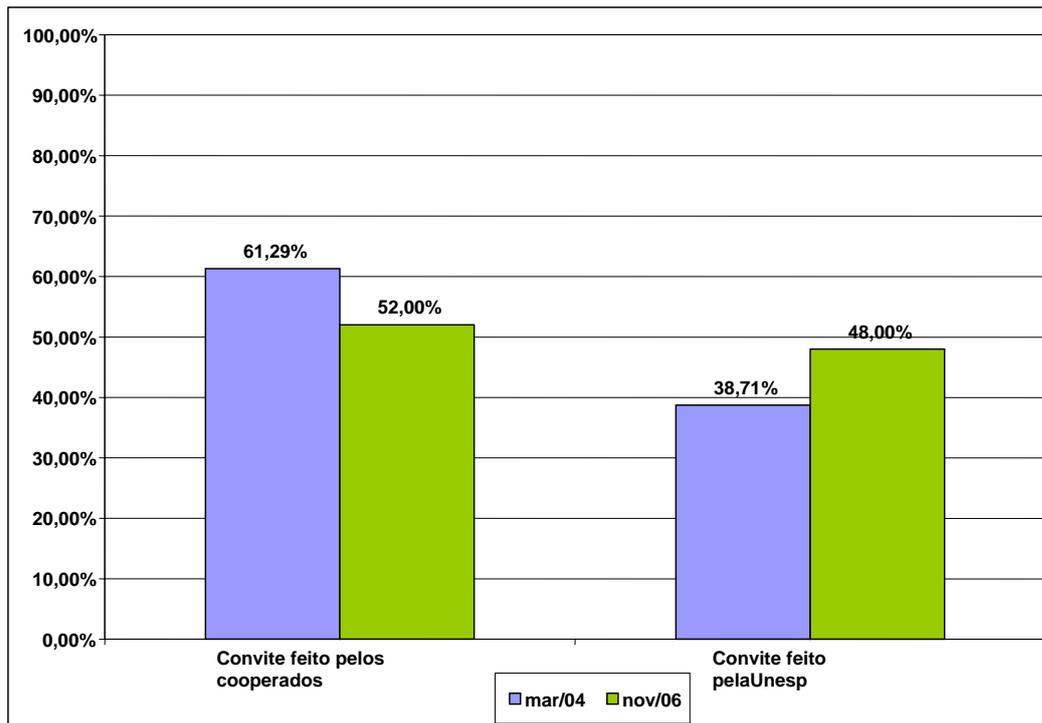
Portanto, entendemos que a economia solidária é representada por um conjunto de iniciativas inspiradas em valores humanos que acolhe o cooperado como sujeito no processo da vida e na atividade econômica, em vez de acumulação de

² Um sistema econômico é basicamente caracterizado pela análise de dois fatores que se influenciam mutuamente: o modo de produção das mercadorias (objetos e serviços) e o modo de distribuição destas. Segundo Marx (1980), o capitalismo, enquanto modo de produção, é despótico (os trabalhadores são empregados pelo patrão) e, enquanto modo de distribuição é anárquico (existe pouca ou nenhuma regulação da sociedade sobre o mercado).

capital. Isso requer mudanças importantes no mundo do trabalho, incentivando a equidade, a democracia, a cooperação, a solidariedade e a qualidade das relações no trabalho.

O gráfico 16, mostra o que motivou essas pessoas, que viviam da catação de resíduos no lixão de Presidente Prudente, a se tornassem integrantes da COOPERLIX.

Gráfico 16: Motivo que o levou a ser cooperado



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

O tópico experiência prévia, quanto à sua atuação no mercado de trabalho, a pesquisa realizada em 2004 apontou que 26 cooperados trabalhavam no lixão de Presidente Prudente, enquanto cinco cooperados trabalhavam com reciclagem de lixo que, de alguma forma, estavam envolvidos com a reciclagem de resíduos sólidos. A pesquisa realizada em 2006 apontou que 23 trabalhadores originaram-se do lixão, enquanto dois estavam envolvidos com o trabalho de reciclagem de resíduos sólidos.

Nesse sentido, pressupomos que a COOPERLIX pode ser classificada como uma cooperativa fechada, pois admite somente pessoas ligadas à reciclagem de resíduos sólidos de Presidente Prudente, a adesão do cooperado acontece através da necessidade

da cooperativa, que conta com um cadastro das pessoas interessadas, e através do mesmo, faz-se uma entrevista onde se avalia o perfil desse candidato. O que se torna muito similar a uma empresa privada, mas o diferencial é que todos os cooperados são pessoas que trabalhavam no lixão ou recolhiam sucatas nas ruas da cidade.

A atuação dos parceiros e apoiadores ia se concretizando em forma de ação solidária para os cooperados, os mesmos iam despertando desejos e necessidades. Desejos em termos de poderem sonhar com uma cooperativa organizada e auto-gestionária e necessidade no sentido de buscarem ferramentas para otimizar o trabalho por eles desenvolvido.

Na medida em que iam se organizando, os cooperados sentiam o desejo e o incentivo de buscarem novas experiências que os parceiros e apoiadores não tinham competência em transmitir aos cooperados. Isso os levou buscar novas experiências administrativas similares a de seu cotidiano, através de participação no Comitê Regional de Catadores de Resíduos.

Cristaliza-se a idéia que a COOPERLIX não nasceria espontaneamente, somente com a organização voluntária de seus cooperados. Nesse sentido, o papel dos parceiros e apoiadores foi fundamental na sua implantação e no modo de organização de trabalho da mesma.

Pelo fato de na condição de catador no lixão dificultar a construção saudável de uma identidade entre os catadores, em virtude da desorganização e competição acirrada entre os que labutavam no lixão, sua inserção no Comitê Regional de Catadores possibilitou formas de debater os problemas, a troca de experiências e buscar soluções que pudessem apontar caminhos mais coerentes para as diferentes questões que são intrínsecas do cotidiano das cooperativas de catadores.

Nesse sentido, Gonçalves (2006, p.98) aponta que:

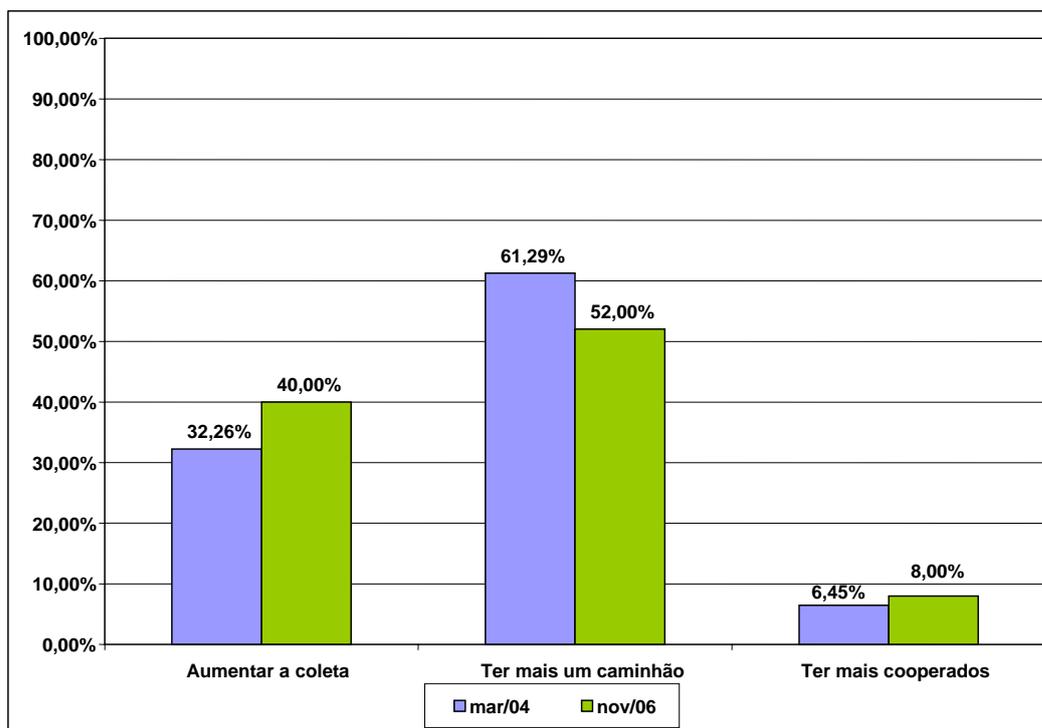
As pequenas mudanças a que estamos assistindo na configuração territorial do trabalho dos catadores são um aspecto importante a ser ressaltado, pois trazem em si não só uma transformação na estrutura da organização do trabalho de catação e triagem de resíduos recicláveis. Alteração que não só se materializa nos barracões de triagem, nos caminhões utilizados na coleta seletiva, nas músicas que anunciam o serviço, mas também sinalizam para o potencial transformador de um grupo de trabalhadores que até então estava esquecido a alguns quilômetros de distância dos centros urbanos, dentro dos lixões municipais.

Isso nos leva a crer que o engajamento dos cooperados no Comitê dos Catadores, proporciona a eles uma nova conscientização do movimento social entre as cooperativas, almejando novas formas de relacionamento entre os pares, ampliando a visão política e econômica de seu trabalho. Pressupomos que essa interlocução entre as cooperativas seja um elemento propulsor para moldar ou criar uma nova identidade para os catadores, provocando novos desejos, novas necessidades e principalmente novas expectativas em função do vislumbrar de novas oportunidades que o mercado possa oferecer.

Tendo como base esses pressupostos, a pesquisa de novembro de 2007, apontou, através do Gráfico 17, as principais expectativas em relação à COOPERLIX.

Baseando-se nessas proposições, os cooperados apontaram algumas necessidades a serem contempladas em relação à COOPERLIX, conforme revelam os dados apontados no Gráfico 17.

Gráfico 17: Expectativas em relação à Cooperlix.



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Tanto na pesquisa realizada em 2004 quanto na realizada em 2006, os resultados obtidos apontaram a opinião dos entrevistados, enfatizando que a COOPERLIX não sobreviveria sem os atos assistidos pelos apoiadores. Atualmente, tanto a PRUDENCO, quanto a UNESP e a UNOESTE continuam dando assistência à sua forma de gestão, com acompanhamento diário através de um funcionário cedido pela PRUDENCO, para as questões administrativas do trabalho, como suporte nas questões de alimentação de dados de produção, de vendas e de preços de seus produtos.

Esse resultado vem corroborar com a tese desta pesquisa que a COOPERLIX, mesmo sendo uma cooperativa na sua organização, aplicando os princípios cooperativistas, em sua forma de gestão se assemelha com uma empresa mercantil na atuação de mercado. Portanto, necessita de acompanhamento em sua organização do trabalho e, em especial, na forma de gestão periódica quando se refere aos relacionamentos entre cooperados, fornecedores e compradores.

A cultura cooperativista ¹² vem se implantando, na medida em que seus membros obtêm a noção de responsabilidade compartilhada, com a qual se envolveram no trabalho em equipe e nas decisões corporativas, respectivamente. Na pesquisa de 2004, 20 cooperados apontaram para decisões que eram regidas sob a responsabilidade da diretoria, enquanto que naquela realizada em 2006, somente 11 de seus cooperados atentaram para tal fato

Notamos, ainda, que um número expressivo de pessoas, atenta ao fato de que as decisões ainda são centralizadoras, portanto, é um fator que precisa ser elaborado em reuniões com os cooperados, através de treinamentos focados para a questão do poder e da cultura organizacional. Todavia, percebem que a presidente da Cooperativa já não usa dos mesmos poderes apontados na pesquisa realizada em 2004, pois, atualmente, nenhum cooperado ressaltou que as decisões são determinadas somente pela presidente, enquanto que em 2004, seis entrevistados demonstravam conhecimento de que era do presidente da COOPERLIX o poder de decisões em nome do grupo.

Semelhante constatação pode ser denotada na relação social existente entre os integrantes da COOPERLIX. Como o conceito de redes sociais foi um dos pilares desta pesquisa, a idéia de perceber a estrutura social existente no universo do trabalho

¹² Segundo Singer (2000), cultura cooperativista é caracterizada por valores como: a solidariedade, a voluntariedade, o trabalho e respeito à vida.

da COOPERLIX, através das relações e não apenas dos atributos individuais, tornou-se parte integrante de nossos objetivos.

8.4 Depoimento de parceiros e apoiadores

Nesse sentido, empregamos algumas falas de parceiros e apoiadores com intuito de dar sentido à formalização das redes sociais, em torno da COOPERLIX.

Conforme aponta o Vice-Presidente do Rotary Oeste de Presidente Prudente, o engajamento dos Rotarys, na doação do caminhão à Cooperativa, vem ao encontro com um dos pilares do Club que é a solidariedade. Aponta que: *“depois que vi o trabalho que essas pessoas realizam nas ruas da cidade, principalmente no meu bairro, senti o desejo de me envolver com essa instituição, e conclamamos os outros Rotarys a se engendram nessa campanha”*. Continua o rotaryano afirmando que: *“o trabalho que essas pessoas fazem é louvável e está ajudando a nos conscientizarmos que é preciso fazer alguma coisa para o destino do lixo, visto que nem aterro sanitário Prudente, ainda não tem (...), é um trabalho digno e que está gerando condições de sobrevivência, mesmo catando o que de resto nós produzimos”*.

Um representante da PRUDENCO se diz sensibilizado com o trabalho desses cooperados, quando enaltece que: *“a partir do momento em que conheci a Cooperativa, tive um outro referencial do que ela representa e arregacei as mangas, pois sou estudante universitário, na campanha junto aos alunos e, com isso, só esse ano arrecadamos mais de 70 ovos de páscoa com os alunos universitários”*.

Continua o funcionário da PRUDENCO, dizendo: *“acho que esse pessoal está colaborando com o Município, pois com a coleta, é menos lixo que vai pro lixão, além de eles ganharem mais do que se estivessem no lixão em condições sub-humanas”*.

Um aluno do Curso de Administração da Unoeste, que encabeçou uma campanha de arrecadação de brinquedos, por ocasião do dia das crianças, diz: *mobilizamos vários alunos, fomos de classe em classe, fomos em algumas lojas do comércio de Prudente e conseguimos arrecadar mais de 600 brinquedos, que tivemos que doar pra outras entidades da cidade. (...) foi uma gratificação muito grande ver as pessoas envolvidas nessa causa e a satisfação com que ficaram os cooperados. Nesse ano, vamos fazer outra campanha se Deus quiser”*.

Entrevistamos, também, o Bispo Diocesano de Presidente Prudente, no dia 16 de fevereiro de 2007 o qual comentou, sobre a cooperativa e sobre o cooperativismo. Transcrevemos, abaixo o relato da entrevista, quando na oportunidade, o Exmo. Sr. Bispo, ressaltou a sua experiência com cooperativismo, tanto na Espanha quanto no Brasil.

“Na época da colheita, na Espanha, nós levávamos uns 15 estudantes de filosofia nos acampamentos e nós ajudávamos na colheita, tudo voluntariamente e tive a oportunidade, de ver de perto a estrutura comunitária e cooperativista”. Continua o seu depoimento dizendo: “a comunidade nos mantinha e nós trabalhávamos de manhã à noite e era um clima tão agradável, amistoso, comunitário”. Sobre os acampamentos na região de Prudente, resalta: “aqui na região de Prudente, vi um acampamento sem estrutura, sem elementos pra plantar, sem financiamento, brigas, um desastre”.

Sobre o cooperativismo, no Brasil, aponta que: *“o governo deveria fazer agrovilas, onde tem a escola, a igreja, um pronto socorro, um posto policial, a comunidade reunida de manhã sai pro trabalho....A pessoa assentada deve ter convivência comunitária num lugar e ir, durante o dia, ao trabalho”.*

Sobre a COOPERLIX e a coleta, ele enfatiza que: *“hoje temos 43 paróquias envolvidas na campanha da coleta. Essa consciência está impregnada entre os padres, temos 55 padres, mas é preciso que isso seja também na comunidade, unindo as pessoas pra fazerem as coisas e tirar a fama que esse pessoal é vagabundo”.*

A respeito do futuro da Cooperativa, resalta que: *“a Cooperativa está fazendo um trabalho que é da Prefeitura fazer. O Estado, também, tem que estar consciente sobre essa causa. Temos que tratar essas pessoas com carinho”. Finaliza dizendo: “esse pessoal (cooperados) faz um serviço que nós não somos capazes de fazer. O que nós comemos é dinheiro do povo. Por isso, temos que reverter para eles, pois eles estão fazendo um trabalho que é preciso fazer por nós”.*

Percebemos, pelo discurso do Bispo Diocesano, que seu engajamento em relação ao apoio à COOPERLIX, deve-se ao fato de ele já possuir experiência em atividades cooperativistas, de estar engajado em uma espécie de redes, dentro da própria Igreja Católica (43 paróquias em rede de informação, de doutrina, de segmento, de valores e de solidariedade) e por notar a importância que a COOPERLIX desempenha, quando oferece oportunidade de incluir pessoas que subsistiam do lixo para serem cooperados.

O trabalho pessoal em redes não é novo, mas apenas nas últimas décadas, as pessoas passaram a percebê-lo como uma ferramenta organizacional, muito comum no trabalho cooperativo, como forma de minimizar a precarização no mundo do trabalho em decorrência do capitalismo. Lipnack; Stamps, (1992, p.19) corroboram esta afirmação quando apontam que:

O que é novo no trabalho em redes sociais é a sua promessa como uma forma global de organização com raízes na participação individual. uma forma que reconhece a independência enquanto apóia a interdependência. o trabalho, em redes sociais, pode conduzir a uma perspectiva global baseada na experiência pessoal.

As redes sociais formadas pelos apoiadores e parceiros e materializadas sob forma de apoio das várias entidades envolvidas no Projeto de Políticas Públicas, surgem como forma de encurtamento da distância entre as operações cotidianas realizadas pelas cooperativas por meio de apoiadores institucionais ou mesmo individuais. Assim, na presente pesquisa, buscamos evidenciar a postura de atuação das redes sociais que atuam na COOPERLIX.

Dessa forma, as relações sociais também contribuem para dar sentido à vida, favorecendo a organização da identidade através dos olhos e ações dos outros.

Pressupomos, portanto, que o ser humano tem necessidade de pertencer a um grupo, de enredar-se através da cooperação, visando aumentar suas forças. Para tanto, ele precisa estar coordenado, necessitando de espaço de convivência para construção de tecidos sociais na busca do bem coletivo.

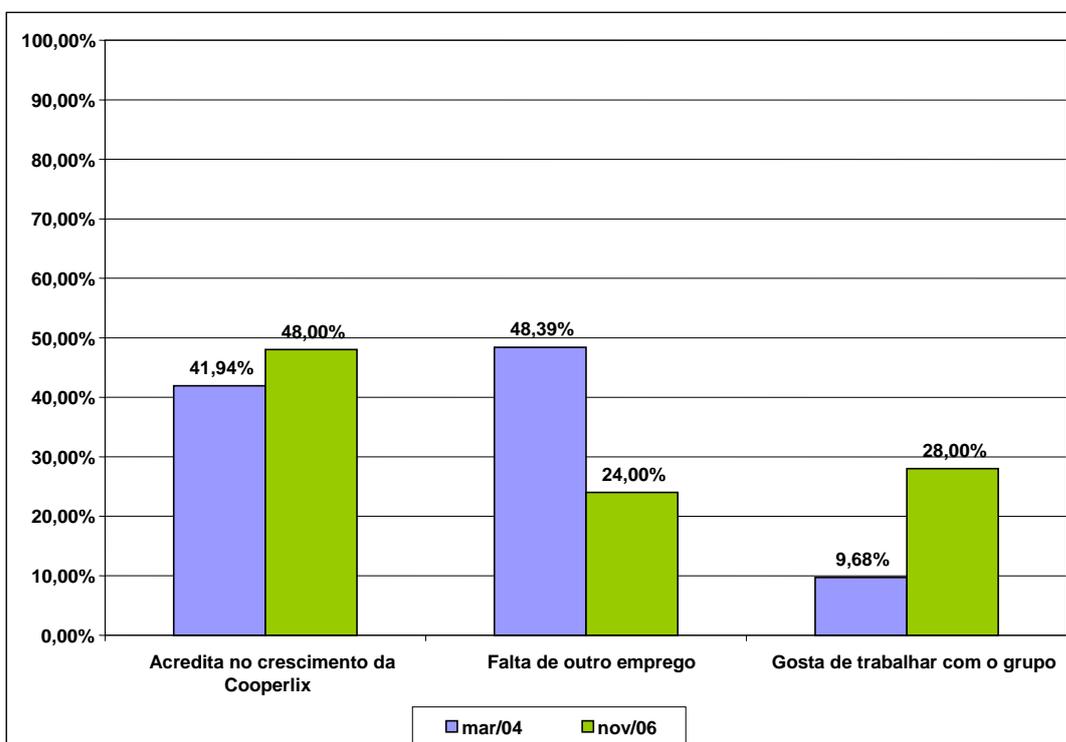
O apoio social, que as redes proporcionam à COOPERLIX, remete ao dispositivo de ajuda mútua, potencializado quando uma rede social é forte e integrada. Quando nos referimos ao apoio social, fornecido pelas redes, ressaltamos os aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações, o auxílio em momentos de crise e a presença integradora do trabalho cooperativo. Um envolvimento comunitário, por exemplo, pode ser significativo fator psicossocial no aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas.

Quando do ingresso dos cooperados à COOPERLIX muitos disseram que se arrependeram de ter ingressado à Cooperativa. Na pesquisa de março de 2004, um número expressivo de pessoas disseram que se arrependeram (08) e 23 disseram que não se arrependeram. Já na pesquisa realizada em novembro de 2006, apenas uma pessoa disse que se arrependeu de ter se associado à Cooperativa. Esse cooperado é um

dos mais novos integrantes do quadro de cooperados. Isso nos leva a crer que esse cooperado ainda está em fase de adaptação ao trabalho cooperativo, a trabalhar sem o comando patrão-empregado e a gerir o seu próprio rendimento, apesar do trabalho ser cooperativo.

O Gráfico 18, mostra os motivos que fazem com que os cooperados permaneçam na COOPERLIX.

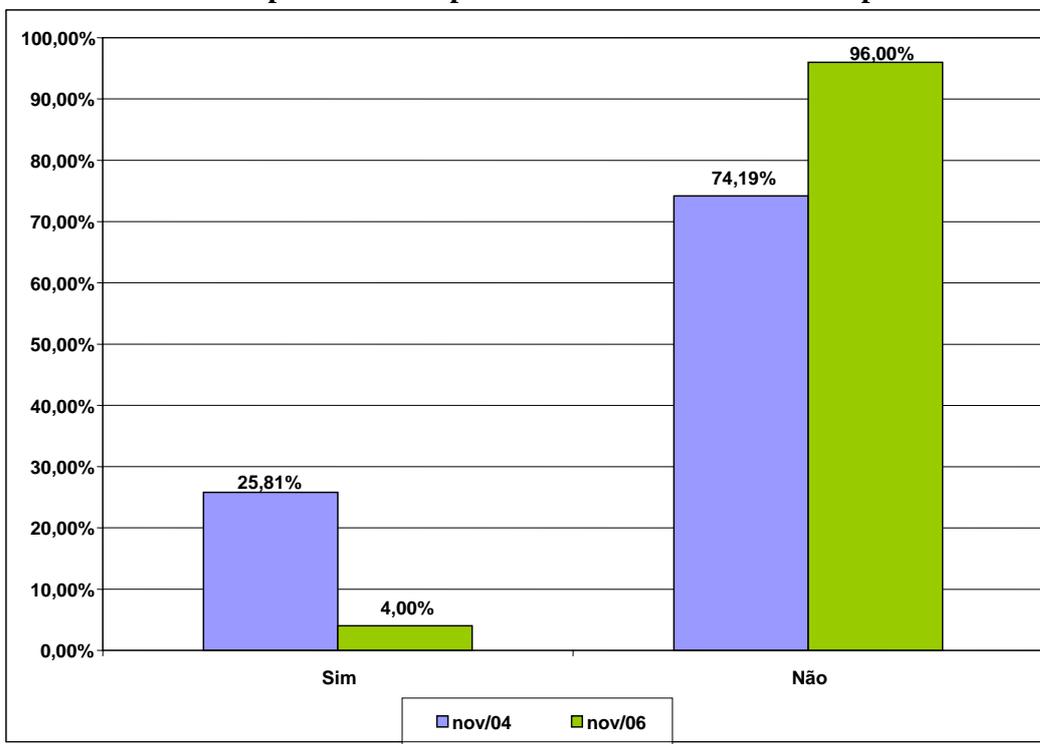
Gráfico 18: Motivos de permanência dos cooperados na Cooperlix.



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Pressupomos, com isso, que à medida em que os integrantes da COOPERLIX evidenciam o papel de cooperado, mais identificação vão adquirindo com a Cooperativa, através do compartilhamento de responsabilidades, de tomada de decisões. Pressupomos, também, que a convivência diária, permite uma compreensão mais acentuada da dinâmica de trabalho, e a experiência de viver os conflitos, próprios de uma cooperativa de catadores de resíduos sólidos, acrescentando ao cooperado noção de pertença. Isso nos remete ao Gráfico 19 que aponta sobre o sentimento de pertencer à Cooperativa.

Gráfico 19: Se o Cooperado se arrependeu de ter se associado à Cooperlix



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

O papel dos apoiadores, principalmente as Universidades UNESP, UNOESTE e Prefeitura, através das Secretarias Municipais de Educação, Ação Social e Meio Ambiente, PRUDENCO E SIEMACO, foram avaliados sob o olhar dos cooperados.

Parte desse apoio vem através de um funcionário da PRUDENCO, como foi citado anteriormente, que se mantém presente em tempo integral desde setembro de 2005. Ele aponta que, no início tomou conhecimento de vários problemas que poderiam ser resolvidos em tempo relativamente breve. Como possui experiência em coleta de lixo urbano, pois o mesmo trabalhou como motorista, sua primeira atitude foi dirigir um caminhão na coleta.

Em entrevista realizada em fevereiro de 2007, com esse funcionário, o mesmo revelou que: *“conhecia todos os bairros da cidade e a dinâmica da coleta do lixo. Trabalhei em torno de 40 dias como motorista e nesse período pude perceber o que estava acontecendo de errado na coleta”*. Continua em seu depoimento dizendo:

“notei que o caminhão repetia as mesmas ruas e não iam às outras, com isso reduzimos de cinco para três ajudantes na coleta e a coleta não diminuiu, pelo contrário aumentou a quantidade de bairros”.

Com a visão administrativa desse funcionário da PRUDENCO, somado à assistência por parte da diretoria dessa autarquia, em pouco mais de dois meses, a coleta seletiva passou a atender em torno de 60% dos bairros que anteriormente era de 45%.

Quanto aos problemas atuais, percebidos por esse funcionário, ele aponta que: *“falta de verba para a manutenção dos caminhões, conflitos existentes em função de disputa de poder, falta mais união entre eles. Muitos não têm interesses, não percebem que o negócio é deles”.* Mas, em sua opinião, anteviu uma escapatória para esse problema quando ressalta que: *muita coisa mudou de quando eu vim pra cá, por exemplo, o material reciclado já não é mais vendido para uma pessoa só, hoje temos seis ou sete compradores. “Acredito que com um pouco mais de treinamento, a atual presidente conseguirá dar conta do recado, mas ainda acho que a COOPERLIX não caminha sozinha sem ajuda da Prefeitura, PRUDENCO, e das Universidades”*, finaliza ele.

8.5 O papel dos parceiros e dos apoiadores sob a ótica dos cooperados

Tanto na pesquisa de março de 2004 quanto na que foi realizada em novembro de 2006, os cooperados manifestaram sua percepção sobre o trabalho assistencial que os parceiros e apoiadores estão dispensando aos membros da COOPERLIX.

Elencamos duas categorias para facilitar as respostas dos cooperados: regular e bom. Na categoria regular, tanto a Prefeitura, leia-se Secretarias Municipais, foram avaliados em março de 2006 com um percentual bem superior acima da avaliação ocorrida em março de 2004.

Por outro lado, a UNESP e a UNOESTE receberam um percentual bem menor em 2006, no que se refere à categoria regular, em relação a março de 2004. Esse fato resulta das ações que as duas universidades proporcionam à COOPERLIX, encontrando-se sempre presentes, através de assessoria de trabalhos relacionados à forma e gestão do trabalho diário exercido pela cooperativa.

A presença constante de alunos, professores, enfim profissionais envolvidos em pesquisa e na assistência à gestão da COOPERLIX, por parte da UNOESTE e da

UNESP, faz-se presente no imaginário dos cooperados o sentimento profundo de amizade e companheirismo, proporcionando maior que em relação a esses parceiros.

Na categoria bom, todos os parceiros obtiveram o mesmo percentual, tanto em março de 2004 quanto em março de 2006, o que demonstra que a maioria encontra-se satisfeita com a atuação da UNOESTE, UNESP e PRUDENCO, o mesmo não ocorrendo em relação ao trabalho que a Prefeitura Municipal (Secretarias Municipais) está dispensando à COOPERLIX, Gráfico 19. Na percepção dos cooperados o Poder Público Municipal deveria colaborar com a doação ou empréstimo de mais um caminhão para que a coleta seletiva fosse feita em toda a área urbana da cidade de Presidente Prudente.

Complementando essas informações, entrevistamos os ex-presidentes da COOPERLIX e a atual presidente, conforme relatos abaixo transcritos.

No dia 21 de março de 2007, entrevistamos o primeiro presidente da COOPERLIX, Sr. Osvaldo. Ele ressaltou o início da Cooperativa: *“nós estávamos no lixão na época, e um grupo me incentivou a ser presidente. O pessoal já me conhecia lá no lixão. Esse pessoal veio pra Cooperativa e quis que eu fosse presidente. A gente começou a trabalhar como cooperativa mas, na realidade ela não existia. A gente trabalhava ao ar livre, depois que veio o pessoal da UNESP e convidou a gente a fundar a cooperativa. Aí o pessoal se reuniu e quis que eu fosse presidente”*.

Quando resalta os problemas, enfatiza que: *“no início era muita “brigaiada”, o pessoal brigava muito, havia muito caso de bebedeira, tanto dentro como fora da Cooperativa, eles discutiam muito. O pessoal vivia na minha casa fora do horário, pra pedir dinheiro”*.

Percebemos, na fala do Sr. Osvaldo, que o início da COOPERLIX foi marcado por problemas que, atualmente, estão sendo administrados com mais eficácia, talvez pela falta de experiência administrativa, e também pelo fato de carregarem no imaginário a “cultura” da individualidade, de que “quem pode mais, ganha mais”, pois é assim que se evidencia a rotina de quem trabalha no lixão. Esses problemas tornaram-se corriqueiros no dia-a-dia da Cooperativa.

No dia 29 de março de 2007, entrevistamos o segundo presidente que a COOPERLIX teve, Sr. Ademar, o qual ainda participa do quadro associativo da Cooperativa, que nos relatou a percepção que tem da fase atual e quanto à mesma de seu tempo como presidente.

Relata que o maior problema que evidenciou, como presidente, foi a dissidência de associados, quando lhes foi comunicado que deveriam contribuir com a Previdência Social, obedecendo à uma exigência legal do cooperativismo no Brasil. E comenta: *“quando começou a cobrar o INSS, uma grande parte saiu e eu pelo fato de ser presidente, mas ter a função de motorista, portanto, vivia muito ausente da Cooperativa, muitas coisas que aconteciam eu não ficava sabendo, nem chegava ao meu conhecimento”*.

Sobre o futuro da COOPERLIX, aponta: *“acho que se a COOPERLIX não continuar tendo apoio da UNESP, da UNOESTE, do Prof. Cezar e da Prefeitura, ela não sobrevive. Acho que os cooperados vêem o Robson (funcionário emprestado da PRUDENCO), como uma espécie de patrão, mas ressalto que depois que o Robson veio pra cá a coleta melhorou 100%”*.

A presidente atual, da COOPERLIX, Sra. Eva, foi entrevistada no dia 30 de março de 2007, quando na ocasião fez os seguintes comentários: *“estou como presidente desde setembro de 2006, antes eu pertencia a outra chapa e fui tesoureira. Eles (cooperados) acham que pelo fato de eu estar desde a fundação, e sempre pertencia à diretoria, eu tenho condições de ajudar a resolver os problemas”*.

Sobre os problemas atuais, pontua que: *“aqui dentro é mais difícil lidar com cooperada do que com os cooperados. É uma minoria, na verdade, mas as mulheres discutem mais, acho que é porque elas têm mais liberdade de se comunicarem comigo pelo fato de eu ser mulher”*. Continua afirmando: *“pelo fato de eu ser mulher não acredito que isso me tira a autoridade. Eles me respeitam muito, um ou dois cooperados saem da linha de vez em quando, mas isso é normal”*.

Quanto ao passado da Cooperativa, ela ressalta que: *“os primeiros presidentes tiveram mais dificuldades que eu, pois faltava experiência e os cooperados, iam entrando e saindo. Agora faz muito tempo que o quadro dos associados está estável. Pelo fato de eu ter pertencido às outras diretorias, sofremos muito mais no passado do que agora”*.

Sobre o futuro da COOPERLIX, a presidente conclui, que: *“às vezes eu penso em desistir mas aí, eu penso no apoio que todos dão, as conquistas que tivemos, aí eu mudo de opinião....acho que em todo lugar a gente tem vontade de “chutar o balde”*.

Analisando esses depoimentos, entendemos que a COOPERLIX, como toda empresa ou organização, tem seus problemas peculiares, mas a maneira de como são

administrados ressalta a diferença, na sua empreitada. Outro fator, que notamos, é que com o passar do tempo, e com o apoio dos parceiros, a noção de se tornar um cooperado está cada vez mais enraizada na mente dos cooperados.

Apontamos, neste sentido, que pelo fato dessas Universidades participarem ativamente da vida da COOPERLIX, e levando-se em consideração que a Cooperativa nasceu da idealização provinda da UNESP, permanece junto aos cooperados o sentimento de gratidão, de uma relativa dependência em sua gestão e de um sonho compartilhado, referente aos ideais da Cooperativa.

Notamos que a COOPERLIX tornou-se um veículo para a transformação gradual de hábitos, que antes impediam o progresso dos cooperados como indivíduos, família e comunidade. Embora freqüentes, os problemas internos, em virtude da persistência de alguns de seus cooperados, a benevolência dos integrantes de sua diretoria e a ação efetiva e concreta dos parceiros, o fato de nenhum de seus membros viverem na rua e de um número considerável dos mesmos ter retornado ao aprendizado, de maneira formal ou informal, reflete o quando essa nova experiência dos integrantes da Cooperativa tornou-se agente transformador na qualidade de vida de todos os seus cooperados.

Como o conceito de redes sociais é um dos pilares desta pesquisa, a idéia é perceber a estrutura social existente no universo do trabalho da COOPERLIX, através das relações e não apenas dos atributos individuais.

Uma das maneiras pelas quais podemos compreender as influências positivas da rede social no trabalho, é a constatação de que a convivência entre as pessoas favorece comportamento saudável propiciando motivação, citando-se Sluzki (1995) para o que chama de comportamentos corretivos, nos quais um chama a atenção do outro para mudanças visíveis de comportamento.

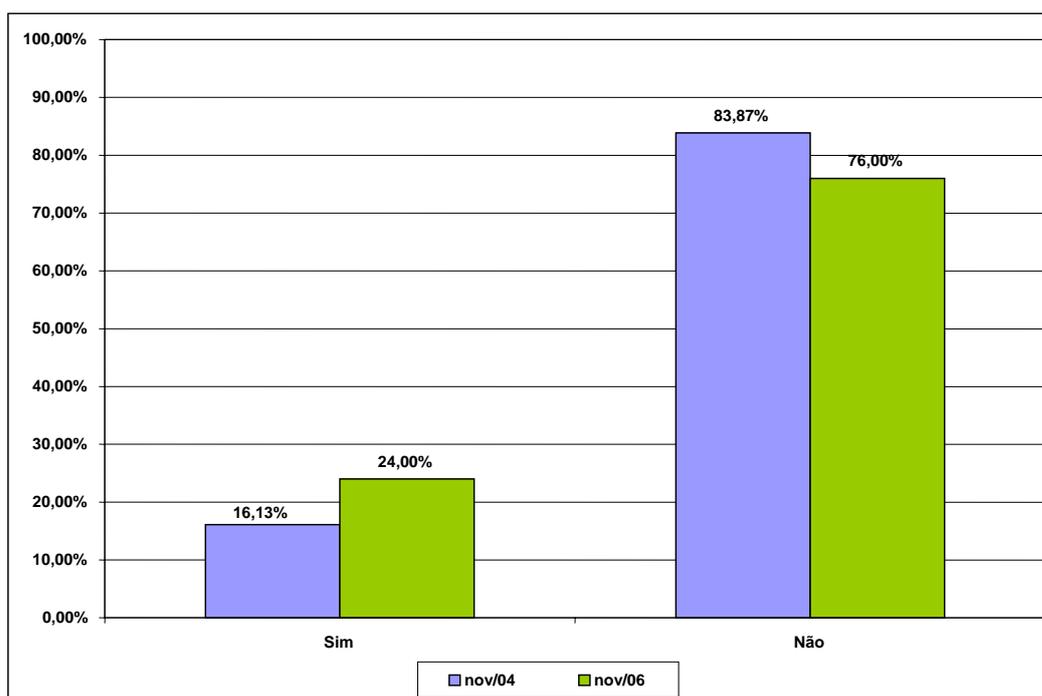
Assim, as relações sociais também contribuem para dar sentido à vida, favorecendo a organização da identidade através dos olhos e ações de outros. O apoio social que as redes proporcionam, remete ao dispositivo de ajuda mútua, potencializado por uma rede social forte e integrada.

Quando nos referimos ao apoio social fornecido pelas redes, ressaltamos os aspectos positivos das relações sociais, como o compartilhar informações; o auxílio, em momentos de crise e a presença integradora do trabalho cooperativo. Envolvimento comunitário, por exemplo, pode ser significativo fator psicossocial no aumento da confiança pessoal, da satisfação com a vida e da capacidade de enfrentar problemas.

Esta caracterização redirecionou movimentos de diversas ordens ao oferecer um novo paradigma para a compreensão dos antigos movimentos. Desses, o associativismo é o mais antigo e socialmente relevante, sendo definido pela livre associação e iniciativa civil para a defesa mútua dos mais diversos interesses.

Os dados do Gráfico 20 apontaram o grau de confiança que os cooperados depositam em relação aos atos assistidos pelos apoiadores e parceiros.

Gráfico 20: Se a Cooperlix sobrevive sem os apoiadores e parceiros



Fonte: Trabalho de Campo, março de 2004 e novembro de 2006.

Conforme aponta Santos, (2002, p. 33): “desde suas origens, no século XIX, o pensamento associativista e a prática cooperativista desenvolveram-se como alternativas tanto ao individualismo liberal quanto ao socialismo centralizado”. Isso porque se opõe tanto às empresas capitalistas, limitadas ou anônimas, que são sociedades de capitais (não diretamente de pessoas) e restringem a livre iniciativa aos proprietários de capital quanto às empresas estatais ou sob concessão do Estado, que necessitam de poder político estatal para acontecer. Tanto uma situação como outra nos leva a afirmar que ambos os sistemas provocam o desemprego, favorecendo a falta de oportunidade do trabalho formal.

Pressupomos que o sentimento de cooperativismo está se cristalizando para os integrantes da Cooperativa, na medida em que vão se envolvendo com o cotidiano e com a forma de organização do trabalho cooperativo.

Para tanto, foi elaborado um quadro onde se apresenta a estrutura organizacional, com o intuito de fornecer a cada cooperado a noção de distribuição de tarefas e as suas respectivas áreas, evitando possíveis atritos que envolvam o trabalho diário, (Quadro 10).

Quadro 10: Atual estrutura organizacional da Cooperlix - 2007.

ÁREA	ATRIBUIÇÕES
ADMINISTRATIVA Responsável: Eva	<ul style="list-style-type: none"> - Controlar receitas e despesas - Calcular a renda - Realizar cobranças e pagamentos - Preparar atas e comunicados - Controlar as faltas - Atender as exigências legais
COZINHA E LIMPEZA NO REFEITÓRIO E BANHEIROS Responsável: Lúcia	<ul style="list-style-type: none"> - Preparar as refeições - Limpeza do refeitório - Limpeza dos banheiros e sanitários
COLETA SELETIVA Responsáveis: Robson, Eva e Ademar	<ul style="list-style-type: none"> - Planejar e acompanhar a coleta - Pesquisar os materiais coletados - Avaliar a segregação na origem - Inventariar os domicílios - Zelar pela segurança no trabalho - Informar os domicílios
DESCARGA Responsável: Henrique	<ul style="list-style-type: none"> - Descarregar o material coletado. - Direcionar o material para a esteira
TRIAGEM Responsáveis: Fláudio e Luis Tadeu	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisar material classificado e rejeito - Zelar pelos equipamentos - Zelar pela organização do espaço - Cuidar da segurança no trabalho - Monitorar a qualidade da triagem
COMERCIALIZAÇÃO Responsável: Robson, Eva e Ademar	<ul style="list-style-type: none"> - Pesquisar novos compradores (cadastro) - Negociar preços - Identificar novas oportunidades de negócio - Avaliar o comprador - Identificar fornecedores cativos
COORDENAÇÃO Responsáveis: Eva, Henrique, Maria de Fátima, Maria Aparecida e Jacira	<ul style="list-style-type: none"> - Integrar as atividades das áreas - Tomar decisões sobre o interesse comum - Resolver problemas de relacionamento - Dividir a renda

Fonte: Pesquisa de Campo, novembro de 2006.

A cultura cooperativista está sendo implantada na medida em que seus membros vão tendo a noção de responsabilidade compartilhada, em que vão se envolvendo com o trabalho em equipe e nas decisões corporativas.

Os cooperados, entrevistados no mês de março de 2004, enfatizaram que o fato de trabalharem na Cooperativa representa um ganho mensal menor, mas que é compensado pela segurança da Previdência Social, além de um local mais saudável para se trabalhar, com banheiros, cozinha e refeitório. Entretanto, o que se percebe é que a retirada mensal de cada cooperado está em torno de R\$ 463,62, valor este que dificilmente é superado pelos que trabalham no lixão. Todavia, os que entraram posteriormente já se associaram com a noção de que poderiam ganhar mais do que aquilo que o lixão estava oferecendo.

Portanto, para que a COOPERLIX se mantenha no mercado com competitividade e concorrendo diretamente com outras empresas que executam a coleta seletiva nos bairros de Presidente Prudente, o seu gerenciamento envolve as seguintes atividades: organização do trabalho, estabelecimento de objetivos e metas, formulação de planos de trabalho e acompanhamento das ações previstas.

Por mais simples que seja uma cooperativa, a mesma requer certo nível de organização. As definições de funções e a divisão de responsabilidades são importantes para o desenvolvimento e controle das atividades da COOPERLIX, e deve levar em conta as condições reais de sua dinâmica de trabalho, em especial a aptidão dos catadores para exercer determinadas atividades com responsabilidade.



A Cooperativa pra mim é um lugar que eu me sinto bem e gosto de trabalhar com o pessoal daqui.

Maria Natalina de Souza

Cooperada

9. CONCLUSÕES

Quando nos dispusemos a caminhar em busca de um entendimento sobre o trabalho cooperativo desenvolvido pelos integrantes da COOPERLIX, traçamos um plano em que os atores seriam os ex-catadores de resíduos sólidos do lixão de Presidente Prudente, pessoas essas que estavam à margem de um trabalho desorganizado, indigno e sub-humano.

A princípio vimos esse território (lixão) cheio de injustiças, de misérias, de infortúnios, mas também pudemos perceber que existiam oportunidades e alternativas para mudar esse quadro. Vislumbramos, como os que saíram do lixão, o trabalho cooperativo como uma condição para a inclusão social e geração de renda para esses cidadãos.

Discutimos a prioridade da pesquisa com base nos objetivos circunscritos. Traçamos um plano de ação e fomos a campo, que no decorrer de todo o tempo ele se insere, pois como pesquisa-ação, toda observação, todas as informações e fatos novos contribuem para a clivagem dos resultados.

Isso nos motivou a realizar esse trabalho, sobretudo, pela proximidade que mantivemos com os cooperados. Essa proximidade é devida ao trabalho que realizamos, tanto como pesquisador ou na condição de membro atuante em treinamentos e assessorias. Tal fator foi fundamental para criar diversas dúvidas e questionamentos que incentivaram a realização desta pesquisa. Foi a convivência com os cooperados que, por diversas vezes, nos ajudou a iluminar o que se apresentava na COOPERLIX.

Essa dinâmica do trabalho diário, também foi “reciclando” o nosso olhar sensível às mudanças de comportamento e aos sonhos de cada cooperado, vislumbrando a possibilidade de perceber a realidade de suas vidas, concomitantemente, também, ia modificando a nossa percepção em relação às suas labutas diárias.

Não foram somente os resíduos que iam tomando novas formas, nós também, fomos mudando a nossa maneira de pensar e repensar sobre a questão dos mesmos, da forma cooperativa de trabalho, da inserção desses cidadãos na qualidade de gestores de seus próprios negócios.

O sonho que ia despertando em cada um dos cooperados, ia, também, despertando em nós, a possibilidade de acreditar que mesmo com um trabalho, ao olhar

de muitos, como indigno, está proporcionando a dezenas de pessoas uma condição de subsistência.

Pela formação de psicólogo, logo de início vimos a possibilidade de intercalar a pessoa que pulsa, que trabalha e que sonha com um território que pode proporcionar meios de concretizar esses objetivos.

No final dessa etapa, entendemos que a possibilidade de unir os objetivos da psicologia social com a geografia é tão recíproco como usar a linguagem da geografia para atender os anseios da satisfação humana, oferecendo a possibilidade de adaptação em circunstâncias novas e desconhecidas. Foi nesse cenário que isso pôde ser concretizado, ver o homem em seu meio ambiente, não só como território de possibilidades de atuação, mas um lócus que favorece a concretização de sonhos e desejos.

Também devemos a esta condição o cuidado ao julgar o que ocorria na Cooperativa, por evidenciarmos “na pele” que os cooperados não fazem exatamente aquilo que querem, mas o melhor que conseguem criar com as circunstâncias que encontram em seu caminho. Entretanto, não deixam de sonhar.

Durante mais de quatro anos vivenciando o cotidiano pertinente dos cooperados da COOPERLIX, local desta pesquisa, e no papel de parceiro e pesquisador, percebemos que a ação da COOPERLIX no gerenciamento e coleta de resíduos sólidos está colaborando com o Poder Público (Prefeitura Municipal) na responsabilidade de dar fim a acumulação de resíduos sólidos produzidos pelas famílias prudentinas.

Pelo fato de seus integrantes terem vindo do lixão, lugar de conflitos, de drogas, de alta precarização de trabalho, contribuiu para que valores nada sociais se impregnassem no imaginário desses, dificultando a ética, a moral e o relacionamento com os pares.

Nesse sentido, entendemos que, construir um novo paradigma de gestão do reaproveitamento dos resíduos, implica que o Poder Público assumira seu papel - na verdade suas obrigações - respondendo pela gestão dos resíduos.

Esse panorama analítico mostra o quanto a COOPERLIX apresenta um potencial de crescimento em relação à quantidade de produtos recicláveis que poderia coletar e o número de novos cooperados que poderiam fazer parte desta Cooperativa, atuando tanto como geradora de um desenvolvimento sustentável, quanto na geração de serviços.

Todavia, a insegurança e a pressão causadas pela instabilidade social e econômica, reforçada pela falta de liderança e experiência administrativa foi compensada pela ação dos parceiros e apoiadores em forma de ação social solidária.

Com a ajuda efetiva da ação solidária dos parceiros e apoiadores e o sentimento de pertencer a uma comunidade de trabalho, proporcionou aos cooperados a motivação capaz de fazer com que possam elevar sua auto-estima e recuperar, de alguma maneira, o sentimento de continuar sonhando com dignidade.

Observamos que os cooperados lutam a cada dia, dentro e fora da Cooperativa, pelo direito ao trabalho, pela viabilidade da COOPERLIX, por mudanças, sobretudo, fazem da luta pela Cooperativa a luta pela sobrevivência. E muitos surpreendem pela força e pela determinação com que lutam e conseguem realizar, ainda que em parte, os objetivos da Cooperativa que representam.

Se não o fazem mais é porque os limites são muito fortes, as leis não ajudam, o mercado é difícil de ser conquistado, os tributos são altos. Mas o principal limite, entretanto, é a falta de conhecimento sobre o cooperativismo, que cria uma grande confusão, mesmo entre aqueles que pretendem ajudar. Por outro lado, é esse mesmo desconhecimento que tem proporcionado a realização de uma gama de pesquisas, como a que é, aqui, apresentada.

Ao notarmos como os cooperados estavam ora esperançosos, ora desiludidos com a cooperativa e com o grupo, foi possível perceber que é necessário alternar entre esperança e desesperança para suportar o cotidiano de trabalho e de luta, na cooperativa.

Entendemos, portanto, que tornar-se cooperado significa que tais pessoas internalizaram, simbolicamente, os componentes do grupo social, a dinâmica e suas regras de funcionamento, sendo agora capazes de lidar com o cotidiano da cooperativa, ou seja, são capazes de produzi-la, reproduzi-la e transformá-la.

Pressupomos que existe alguma similaridade entre a dinâmica social da cooperativa e as características psicossociais da condição de cooperado, já que ambos, “cooperativa” e “cooperado”, são resultados da mesma situação social em acontecimento, da qual os trabalhadores encontram-se submetidos.

E, por estarem ocupados com o presente e o futuro da COOPERLIX, os cooperados se sentem responsáveis pelo sucesso dela, controlam-na de uma forma peculiar, mantendo controle sobre o próprio trabalho, sobre o trabalho dos demais cooperados e, acima de tudo, sobre o que ocorre no dia-a-dia da COOPERLIX.

Como cooperados têm total responsabilidade por seu trabalho, perante o conjunto da Cooperativa. Entretanto, eles também mantêm um controle visual, uma atenção e uma vigilância sobre o que acontece com o cooperado na máquina ao lado, sobre o que ocorre na administração, etc. Em suma, mantêm controle sobre tudo o que acontece e exigem explicações e esclarecimentos sempre que julgam necessários. Essa atenção e controle mantêm, muitas vezes, um clima social tenso, no cotidiano de trabalho.

Baseado nesses pressupostos é que, atualmente, cada cooperado desempenha determinada função dentro e fora da COOPERLIX, ficando estabelecido entre eles, o trabalho menos árduo às mulheres, como a separação dos materiais e o trabalho de prensagem mais vinculado aos homens. Entretanto, na coleta seletiva, tanto mulheres como homens desempenham esse papel, aparentemente com a mesma eficiência.

Através de uma pesquisa exploratória baseada em observação participante e entrevistas semi-estruturadas, realizadas no mês de novembro de 2006, percebemos que parte das adversidades do trabalho dos cooperados é devida à dificuldade de sua organização em cooperativa pois, em sua maioria, todos já tiveram relacionamento padrão-empregado e está enraizado em seus imaginários os “ranços” do capital econômico hierarquizado e centralizador.

Isso resultou em falta de confiança entre eles, impedindo que outras questões ligadas à administração e logística da Cooperativa não sejam resolvidas, como: a melhora de sua gestão, permitindo a ação de apoiadores nas questões mais delicadas como a manutenção dos serviços essenciais despendidos pela COOPERLIX, à solução e gerenciamento dos resíduos sólidos produzidos pelos habitantes de Presidente Prudente.

Ao se pensar nessa atividade, deve-se levar em conta a relação dos catadores com esse tipo de trabalho e como essa dinâmica afeta a maneira dos indivíduos se organizarem em busca de melhores condições sociais e econômicas, conseqüentemente, melhor qualidade ambiental para a sociedade.

Pressupomos, pois, que os trabalhadores aprendem a ser cooperados enquanto praticam o dia-a-dia da COOPERLIX. Nesse cotidiano os trabalhadores aprendem como a Cooperativa funciona, na prática, aprendem a negociar com seus pares para alcançarem seus objetivos, aprendem os limites de negociação em função das condições gerais da COOPERLIX e do ambiente econômico, social e institucional em

que ela está inserida. Ou seja, os trabalhadores se tornam cooperados durante a vivência diária na Cooperativa.

Entretanto, eles somente se tornam cooperados quando conseguem atuar efetivamente como membros participantes dessa coletividade, ou seja, quando conseguem operar com os demais em função dos interesses gerais dos cooperados e de seus próprios interesses.

Nesta tese buscou-se estudar como os integrantes da COOPERLIX, em um só tempo, sócios, e trabalhadores, estão construindo a autogestão da Cooperativa, negociando interesses e entendimentos no cotidiano da mesma e, finalmente, como entendem a cooperativa, o trabalho e o desenvolvimento da autogestão. Compreender como acontece a vida cotidiana dos cooperados e a sua trajetória de luta, quer profissional quer pessoal, foi fundamental para compreender como as ciências sociais podem atuar, fornecendo dados, em prol desses trabalhadores.

È importante ressaltar que, certamente, muitos dos aspectos identificados poderão ser observados em outras cooperativas, mas nesta também serão observados outros e diferentes aspectos. Ao conhecer o forte histórico de luta individual e coletiva deste grupo, foi possível perceber que a experiência desta luta coletiva funcionou como um “alicerce simbólico” desses cooperados, seja para enfrentar as dificuldades cotidianas, seja para explicar de onde tiraram e tiram a força coletiva necessária para as próximas etapas dessa história. E com isso podemos afirmar que essa ação despendida pelos apoiadores e parceiros foi única em se tratando de trabalho solidário apoiado pelas redes sociais.

Nesse sentido, acreditamos que a COOPERLIX, se mantém como cooperativa de trabalho, mas na condição de assistida, pois oferece um trabalho de utilidade pública, na medida em que possibilitou a um grupo de pessoas, ainda que em um todo, trabalhar de forma digna, amenizando aspectos psicológicos ligados ao desemprego ou à forma humilhante de trabalho, como a resignação, auto-estima negativa, vergonha, apatia, desesperança, sensação de futilidade e perda de objetivo.

Ressaltamos que a criação de redes sociais, com sua atuação direcionada ao apoio do trabalho solidário, com participação efetiva de seus membros caminhando para objetivos em comum, haverá mudança social aos participantes do trabalho cooperativo, como o que aconteceu no seio da COOPERLIX.

Acreditamos, ainda, que na condição de cooperados, os mesmos não se sentem objetos e sim sujeitos de suas próprias vidas na medida em que vão construindo

uma identidade a partir do trabalho solidário e cooperativo com apoio dos parceiros e apoiadores.

Em relação ao mercado de trabalho ou, mais precisamente, às clivagens produzidas por conta da ausência de um sistema público de emprego e educação adequados e, às vistas de uma escalada irrefreável do desemprego, e do subemprego, sem proteção social alguma, em nome da modernização tecnológica e da competitividade, faz emergir em cena, a necessidade do trabalho cooperativo, visando a requalificação do trabalho e da criação de postos solidários de trabalho que absorvam esses contingentes.

Portanto, existe um caminho novo para o cooperativismo, desde que assistido e apoiado pelas redes sociais, levando-o para mudanças sociais de seus cooperados.

Ou seja, o direcionamento para as ações e o desenvolvimento desses empreendimentos quem aponta, é o mercado. Assim, os trabalhadores catadores disputam com os autônomos, buscando melhorar a produtividade e rendimentos, mas tendem sempre a perder esse jogo, já que as regras favorecem sempre os mesmos participantes. Neste aspecto, a questão que se apresenta é a que refere à orientação política e ideológica das cooperativas de catadores e de seus trabalhadores. Poderiam, esses trabalhadores, mesmo participando do mercado capitalista, pautar-se em outros fundamentos ideológicos, em outros objetivos, em outras formas de relacionamento entre os trabalhadores que não estimulassem a concorrência individual ou entre os grupos de catadores e, essas novas práticas poderiam vir a colocar em questão o próprio sistema do capital?

Todavia, há muitos outros elementos que estão envolvidos na construção e manutenção de uma cooperativa, visto que a mesma está encontra-se na lógica do sistema capitalista, daí o enfrentamento entre os ideários cooperativos e o mundo do trabalho capitalista serem inevitáveis.

A COOPERLIX na medida em que adere ao seu quadro de associados pessoas que viviam do lixo, está promovendo o acesso gradual dos mesmos, ao mercado de trabalho, uma ocupação no setor formal da economia. Assim, os cooperados sócios, estão inseridos como cidadãos contribuintes da Previdência Social, enfim, ascenderam pela perspectiva de usufruírem de bens e serviços que asseguram o seu bem-estar, apesar dos rendimentos, ainda insatisfatórios.

Pelo modo cooperativo de trabalho, ser cooperado, na COOPERLIX, desencadeia mudanças consideráveis em seus integrantes em relação à sua conduta diária, às suas condições de trabalho, à comunidade com a qual convivem e à sociedade em geral, e isso deve-se, em parte, ao trabalho realizado pelos parceiros.

De igual forma, o trabalho coletivo na COOPERLIX tende a gerar laços de solidariedade, que antes não eram evidentes, pois o trabalho de catar o lixo era individual e tornava-se óbvio que, aquele que obtivesse a maior coleta consequentemente obteria uma remuneração mais compatível pelo trabalho, ou seja, pela coleta obtida.

O trabalho cooperativo produz, ainda que não satisfatoriamente, efeitos positivos e confiança mútua, repercutindo não somente na convivência entre eles, mas também, favorecendo a comunicação e o relacionamento interpessoal com a sociedade e parceiros fortalecendo a identidade de cidadãos dignos em forma de reciclagem constante da auto-estima e da oportunidade de continuarem sonhando com um futuro melhor

Portanto, afirmamos que a COOPERLIX pela organização de trabalho cooperativo que ela apresenta, é uma cooperativa, conservando seus princípios e objetivos pautados no cooperativismo rochedaleano, com a particularidade de seus cooperados, antes excluídos pelo capital, se sentirem incluídos, tanto social, como economicamente, fruto, também, do trabalho de apoio das redes de apoiadores.

Concluimos, portanto, que o cooperativismo solidário, pautado nas redes sociais, é uma alternativa viável para os excluídos socialmente.

A group of people, including children and adults, are seen sorting through large, full bags of waste in what appears to be a recycling or waste management facility. The scene is busy and focused on manual labor.

*A Cooperativa pra mim é um meio de
eu ganhar a vida e ter renda.*

Dina Ferreira
Cooperada

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ABREU, Maria de Fátima. **Do Lixo à cidadania, estratégias para a ação**. Brasília: UNICEF do Brasil, 2004.
- ALVES, Marco Antonio. **Cooperativismo –Arte e Ciência**. São Paulo: PEUZ, 2003.
- ANDRADE, Adriana; ROSSETI, José Paschoal. **Governança Corporativa**. São Paulo: Atlas, 2004.
- ANTUNES, Ricardo. **Adeus ao trabalho?** Ensaio sobre as metamorfoses e a centralidade do mundo do trabalho. São Paulo: Cortez/Unicamp, 2002.
- ANTUNES, Ricardo. **Os sentidos do trabalho**: ensaio sobre a afirmação e a negação do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2003.
- ARANA, Alba Regina. **Os avicultores integrados no Brasil**: estratégias e adaptações - o caso Coperguaçu Descalvado-SP. FLLC/USP, 226p. (Tese de Doutorado), USP, São Paulo-SP. 2002.
- BALTAR, P.E. A; DEDECCA, C.S.; HENRIQUE, W. Mercado de trabalho no Brasil. In. OLIVEIRA, C.E.B.; MATTOSO, J.E.K. (org). **Crise e trabalho no Brasil**. São Paulo: Scritta, p. 87-108. 1997.
- BAPTISTA, R.S. **Reciclagem, Ação Social e Política de gerenciamento do Lixo em São Paulo**. São Paulo: ENPAD 2004.
- BENSEN, Gina Rizpah. **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil – Inovação com inclusão social**. São Paulo: Annablume, 2006.
- BERCOVICH, A. MADEIRA, F.; TORRES, H. **Descontinuidades demográficas**. In: Seade, 20 anos no ano 2000. São Paulo, p.p.2-12.
- BERGAMINI, C. **Psicodinâmica da Vida Organizacional – Motivação e Liderança**. São Paulo: Atlas, 1996.
- BOSCHI, Glauco B. **Cooperativa de trabalho urbano e a terceirização da atividade fim**. 200. Dissertação (mestrado), PUC-SP, Faculdade de Direito, 2000.
- BRITO, E. **Programa de Cooperativas de Catadores** (Balanço Sintético – n. 12, 1993/2000). Prefeitura COMLURB. Diretoria de Serviços Oeste, fev.2001, p.76-87.
- CACCIAMALI, M.C. Mudanças estruturais e o ajustamento do mercado de trabalho no Brasil na década de oitenta. **Estudos Econômicos**, São Paulo, n. 22, p. 133-150. 1992.

- CAIADO, A.S.C. **Dinâmica socioespacial e a rede urbana paulista**. São Paulo: Perspectiva, 1995.
- CALDERONI, Sebatei. **Os bilhões Perdidos no Lixo**. São Paulo: Humanistas, 1997.
- CANO, W.; PACHECO C.A. Trajetórias econômicas e demográficas para a década de 90, In: Seade, **São Paulo no limiar do século XXI**, São Paulo, vol I, pp.217-298, 1992.
- CANTOIA, Silvia Fernanda. **Educação Ambiental e Coleta Seletiva em Presidente Prudente-SP: Avaliando seus resultados no Conjunto Habitacional Ana Jacinta**. 174 p. Dissertação de Mestrado (Unesp-Presidente Prudente-SP). 2007.
- CAPRA Fritjot, **Teia da Vida**. São Paulo: Cultrix, 2001.
- CASTEL, Robert. **Da Inteligência à exclusão, a defiliação: precariedade do trabalho e vulnerabilidade relacional**. São Paulo: Hucitec, 1994.
- CASTEL, Robert. Qué significa estar protegido? In: DABAS, E; JAJMANOVICH, D (orgs). **Redes, el language de los vínculos**. Argentina: Ed. Piados. 1995.
- CASTELLS, Manuel. **A sociedade em rede**. São Paulo: Paz e Terra, 2005.
- CATTANI, Antonio David. **Trabalho & autonomia**. Petrópolis: Vozes, 1996.
- CETESB, São Paulo (Estado). **Inventário Estadual de resíduos sólidos domiciliares: relatório de 2004**. São Paulo: CETESB, 2004.
- CODO V. **O que é alienação**. São Paulo: Brasiliense, 1995.
- CHESNAIS, F. **A mundialização do capital**. São Paulo: Xamã, 1996.
- COCCO, Giuseppe. **Trabalho e cidadania**. São Paulo: Cortez Editora, 2000.
- COMPROMISSO EMPRESARIAL PARA A RECICLAGEM -CEMPRE. **Brasil ocupa boa posição no cenário mundial de reciclagem**. Informativo Número 75 - Maio / Junho 2004. acesso em 8/06/2006. Disponível em: <http://www.cempre.org.br>.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Redes, Fluxos e Territórios: Uma Introdução**. In: Anais do 3º. Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Rio de Janeiro, UFRJ/AGB/IBGE, 1993.
- CORRÊA, Roberto Lobato. **Corporação e espaço – Uma nota**. Trajetórias Geográficas. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1997.
- CRUZIO, Helnon de Oliveira. **Como organizar e administrar uma cooperativa**. São Paulo: FGV, 2002.
- DEJOURS, Christopher. **Psicodinâmica do Trabalho**. São Paulo: Atlas, 2002.
- DIAS, L.C. Os sentidos da rede: notas para discussão. In: **Redes, sociedades e territórios**. (org) Leila Christina Dias e Rogério Leandro da Silveira. Santa Cruz do Sul-RS, Edunisc, 2005.
- DUBOST, J. **Intervention psycho-sociologique**. Paris: PUF, 1987.

- EIGUER, Albert. **O Parentesco fantasmático**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1999.
- EIGUER, Alberto. **Um divã para a família**. Porto Alegre: Artes Médicas, 1989.
- EMIRBAYER, Musfatá, GOODWIN, Jeff. Networ analysis, culture and the problem of aagency. **American Journal of sociology**, v. 99, n. 6. 1994.
- FROMM, E. **Psicanálise da sociedade contemporânea**. Rio de Janeiro: Zahar, 1977
- FERNANDES, Jorge Ulisses Jacob. **Lixo-Limpeza Pública Urbana**. São Paulo: Del Rey, 2001.
- FERREIRA, E.A. A cooperação no MST: da luta pela terra à gestão coletiva dos meios de produção. In: SINGER, P.; SOUZA, A.R. (orgs). **A economia solidária no Brasil: autogestão como resposta ao desemprego**. São Paulo: Contexto, 2001.
- FIGUEIREDO, Nébia Maria. **Método e Metodologia na pesquisa científica**. São Paulo: Difusão Editora. 2004.
- FIORILLO, C. A P. **Curso de direito ambiental brasileiro**. São Paulo: Saraiva, 2003.
- FOLADORI, G. Limites do desenvolvimento sustentável. **Campinas: Unicamp; São Paulo: Imprensa Oficial, 2001**.
- FOLADORI, G. O capitalismo e a crise ambiental. **Revista do Instituto de Estudos Socialistas, São Paulo, n. 5, p. 117-126, Out. 2001**.
- GASTALDI, J. Petrelli. **Elementos de Economia Política**. São Paulo: Saraiva, 2005.
- GOLDTHORPE, J.H.,PAYNE Clive, C. **Social mobility and class structure in modern Britain**. Oxford: Clarendon Press, 1987.
- GONÇALVES, A. et al. **Metodologia para a organização social dos catadores**. São Paulo: Peirópolis; Pastoral da Rua, 2002. (Coleção, gestão integrada de resíduos sólidos urbanos).
- GONÇALVES, M.A. **O trabalho no lixo**. Presidente Prudente: FCT, UNESP, 2005. 307 f. Tese (Doutorado) – Faculdade de Ciências e Tecnologia, Universidade Estadual Paulista, 2006.
- GUERRA, A. Cunha. **Impactos ambientais urbanos**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.
- HABERMAS, J. **Teoria de la acción comunicativa**. Madri: Taurus, 1999.
- HENARES, Érika Lopes. **Educação Ambiental e Resíduos Sólidos: A ação da Cooperlix em Presidente Prudente.SP**. 144 p. Dissertação de Mestrado em Geografia (Unesp-Presidente Prudente) 2006.

- IBGE – www.ibge.gov.br. Presidência. **Economia Formal Urbana**, 2004. Acesso em 26.07.2006.
- IBGE – www.ibge.gov.br. Presidência. **Resíduos**, 2002. Acesso em 26.07.2006.
- IRION, João Eduardo. **Cooperativismo e Economia Social**. São Paulo: STS Editores, 1997.
- JACOB, Pedro. (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil**. São Paulo: AnnaBlume, 2006.
- JACOB, Pedro. (org). **Gestão compartilhada dos resíduos sólidos no Brasil**. São Paulo: AnnaBlume, 2006.
- JANNUZI, P.M. **Inserção ocupacional dos migrantes no mercado de trabalho metropolitano e paulista: uma análise a partir dos Censos Demográficos de 1980 e 1991**. II Encontro Nacional sobre Migração, Ouro Preto, ABEP, (mineo), 2000.
- JARDIM, Niza Silva et al. **Lixo municipal: manual de gerenciamento integrado**. São Paulo: IPT/CEMPRE, 1995. 278p.
- JÚLIO, Marcelo. Crise do capital, reestruturação produtiva e qualificação profissional. In: BATISTA, Roberto; ARAÚJO, Renan. **Desafios do trabalho: capital e luta de classes no século XXI**. Londrina: Práxis, 2003. p. 115-142.
- LAKATOS, Eva Maria. **Metodologia do Trabalho Científico**. 5.eEd. São Paulo: Atlas, 2001.
- LEAL, Antonio Cezar et al. **Projeto de Pesquisa em Políticas Públicas II Fase**. Unesp, Unoeste, Prudente e Prefeitura de Presidente Prudente, 2004.
- LEFEBVRE, H. **A reprodução das relações de produção**. Lisboa: Escorpião, 1973.
- LEGASPE, R. Luciano. **Reciclagem: a fantasia do ecocapitalismo – um estudo sobre a reciclagem promovida no centro da cidade de São Paulo observando a economia informal e os catadores**. 1996. Dissertação (mestrado em Geografia) Faculdade de Geografia. Universidade de São Paulo – USP, São Paulo, 1996.
- LEITE, Márcia de Paula. **Trabalho e Sociedade em transformação: Mudanças produtivas e atores sociais**. São Paulo: Perseu Abramo, 2003.
- LEWIN, Kurt. **Complete social scientist**. New York: Amer Psychological, 1999.
- LIPNAK, Jéssica, STAMPS, Jeffrey. **Networks, redes de conexão: pessoas conectando-se com pessoas**. São Paulo: Aquarela, 1992.

LOGAREZZI, A. M. J. Contribuições conceituais para o gerenciamento de resíduos sólidos e ações de Educação ambiental. In: LEAL, A. C. et al. **Resíduos Sólidos no Pontal do Paranapanema**. Presidente Prudente: A. T. Júnior, 2004. p. 221-249.

MADEIRA, F.R.; TORRES, H.G. **População e reestruturação produtiva**: novos elementos para projeções demográficas. São Paulo: São Paulo em Perspectiva, 2000. v. 10.

MAGERA, Márcio. **Os empresários do lixo**: um paradoxo da modernidade. Campinas: Editora Átomo, 2003.

MAZZALI, Leonel. O Processo Recente de Reorganização Agroindustrial do Complexo à Organização “em rede”. Tese de Doutorado em economia, FGV/EAESP. São Paulo, 1995.

MARQUES, Eduardo César. **Estado e Redes Sociais**: permeabilidade e coesão nas políticas urbanas no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Editora Revan, 2000.

MARQUES, Eduardo César. **Redes sócias, instituições e atores políticos no governo da cidade de São Paulo**. São Paulo: Annablume, 2003.

MARTELETO, Regina Maria. **Cultura, Espaço e Textualidade**; relações intercampos, redes sociais e novas configurações comunicacionais e informais. Rio de Janeiro: Programa de PG em Ciência da Informação, UFRJ, 2001.

MARX, Karl. **O manifesto comunista**. São Paulo: Paz Terra, 1996.

MARX, Karl. **O Capital**. São Paulo: LTC, 1982. (Edição Resumida).

MARX, Karl. **Manuscritos de 1844**. Buenos Aires: Polémica, 1972.

MATOS, A. **Alienação no serviço Público. Psicologia, Ciência e Profissão. Brasília: C.F.P, ano 14, 1,2 e3. 1994**

MATTOSO, J.E.L.; BALTAR, P.E.A. **Transformações estruturais e emprego nos anos 90**. Campinas: Cadernos do Cesit, no. 21, 1996.

MÉSZÁROS, István. **O Século XXI socialismo ou barbárie?** São Paulo: Boitempo, 2003.

MÉSZÁROS, István. **Para além do capital**. São Paulo: Boitempo, 2002.

MONTEIRO, J. H et al. **Manual de Gerenciamento Integrado de Resíduos Sólidos**. Rio de Janeiro: IBAM./Secretaria Especial de Desenvolvimento Urbano da Presidência da República, 2001.

MORIN, André. **Pesquisa-ação integral e sistêmica**. São Paulo: DP&A Editora, 2004.

MUKAI, T. **Direito e legislação urbanística no Brasil**: história, teoria e prática. São Paulo: Saraiva, 1988.

NAKANO, Yoshiaki. **Em busca do novo – O Brasil e o desenvolvimento**. São Paulo: FGV, 2004.

NETO, Arnor Lima. **Cooperativas de Trabalho – Interdição de mão-de-obra e subtração de direitos dos trabalhadores**. Juruá Editora, Curitiba. 2004.

OLIVEIRA, A. A história do Trabalho. São Paulo: Ática, 1987.

PACHECO C.A.; POCHMANN, M. **Expansão urbana e mercado de trabalho no Estado de São Paulo: um perfil econômico das principais regiões administrativas nos anos noventa**. Campinas: Mineo, 1997.

PARREIRAS, Fernando Silva; SILVA, Antonio Braz de Oliveira e; MATHEUS, Renato Fabiano. **Análise de redes sociais como metodologia de apoio para discussão interdisciplinaridade na Ciência da Informação**. Ciência da Informação. Brasília, v.35, no.1 1º.sem.2006.

PASTORE, J. Desigualdade e mobilidade social: dez anos depois, In: Bacha, E.; Klein, H. **A Transição Incompleta**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1993. p.31-59.

PAUGAM, Serge. **Desqualificação Social – ensaio sobre a nova pobreza**. São Paulo: Cortez 2003.

PEREIRA, Maria Isabel. **Cooperativas de Trabalho – O impacto no setor de serviços**. São Paulo: Pioneira, 1999.

PINHO, Diva Benevides. **O cooperativismo no Brasil – da vertente pioneira à vertente solidária**. Saraiva, São Paulo: 2004.

PINTO, W. & ALMEIDA, M. **Resoluções do Conama, 1984/2002**. São Paulo: Fórum, 2002.

POCHMANN, Marcio. Org. **Desenvolvimento, Trabalho e Solidariedade - Novos caminhos para a inclusão social**. Cortez, São Paulo, 2002.

POLIT, D.F.; HUNGLER, B.P. **Fundamentos de pesquisa**. 3. ed. Porto Alegre: Artes Médicas, 1995.

RIBEIRO, Ana Clara Torres. **Matéria e Espírito: O poder (Des)Organização dos meios de comunicação**. In: Piquete, R.; Ribeiro, A.C.T. Brasil, Território a Desigualdade, Rio de Janeiro, Zahar, 2004.

RICCIARDI, Luiz. **Cooperativa, a empresa do século XXI**. São Paulo: LTr, 2000.

RICKEN, José Roberto. **Autogestão: a função do cooperado, como organizar-se**. Curitiba: Edição Ocepar, 2001.

ROMERO, Daniel. **Marx e a técnica**: Um estudo dos manuscritos de 1861-1863. São Paulo: Expressão Popular, 2005.

ROSSI, Amélia do Carmo Sampaio. **Cooperativismo – A Luz dos princípios**. São Paulo: Juruá, 2005.

RUDIO, Franz Vitor. **Introdução ao Projeto de Pesquisa científica**. Petrópolis: vozes, 2001.

SALERMO, M.S.S. **Organização da Produção e do trabalho**: da organização capitalista tradicional às possibilidades inovadoras de gestão democrática das cooperativas de produção. São Paulo: ADS/CUT, 2002.

SANTOS, Milton. **Espaço e método**. São Paulo: Nobel, 1985.

SANTOS, Milton. **A natureza do espaço**. São Paulo: EDUSP, 2002.

SANTOS, Milton. **Metamorfoses do espaço habitado**. São Paulo: HUCITEC, 1996.

SAWAIA, Bader Burihan. **As artimanhas da exclusão**. Petrópolis: Vozes, 2002.

SCALON, Maria Celi. **Mobilidade Social no Brasil**: padrões e tendências. Rio de Janeiro: Editora Revan, 1999.

SCHLOSSER, Marli T. Szumilo. Cooperativismo: a união faz a força. **Geosul**, Florianópolis, v. 18, n. 36, , p. 99-112, jul./dez. 2003.

SEBRAE – www.sebrae.com.br. Coopercrescer/arranjosprodutivoslocais.asp. 2004, acesso em 17 fevereiro de 2007.

SENE, Eustáquio de. **Globalização e Espaço Urbano**. São Paulo: Contexto, 2003.

SENNET, Richard. **A corrosão do caráter**: Conseqüências pessoais do trabalho no novo Capitalismo. São Paulo: Record, 2003.

SINGER, Paul. **A Economia Solidária no Brasil**: A Autogestão como resposta ao desemprego. São Paulo: Contexto, 2000.

SINGER, Paul. **Introdução à economia solidária**. São Paulo: Perseu Abramo, 2002.

SLUZKI, Carlos Eduardo. **A Rede Social na prática sistêmica**. São Paulo: Casa do Psicólogo, 1995.

SPINK, Mary Jane. **Práticas discursivas e produção de sentidos no cotidiano**. São Paulo: Cortez, 2000.

THIOLLENT, Michel. **Pesquisa-Ação nas Organizações**. São Paulo: Atlas, 2004.

THOMAZ JÚNIOR, A. Reflexões introdutórias sobre a questão ambiental para o trabalho e para o movimento operário nesse final de século. **Revista Geográfica**, Bauru, n. 17, ago., 2000.

THOMAZ JÚNIOR, A. A. (des)ordem societária do trabalho (os limites para a unificação orgânica).” **II Simpósio Nacional de Geografia Agrária, 2 / Simpósio Internacional de Geografia Agrária, 1** “O campo no Século XXI, 2003, São Paulo. Anais. São Paulo, 2003.

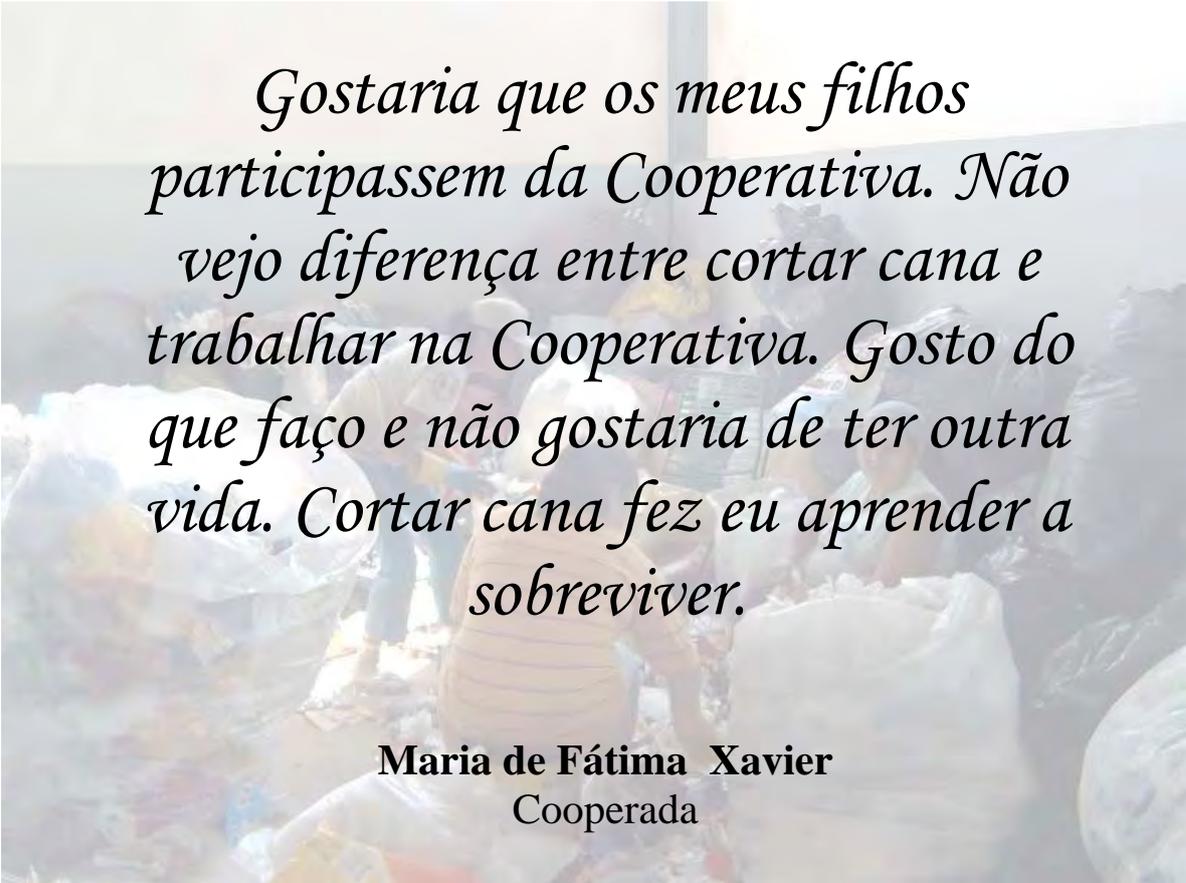
THOMAZ JÚNIOR, A. A geografia do mundo do trabalho na viragem do século XXI. **Geosul**, Florianópolis, n.37, jan. jun, 2004.

TOMÉ, Gerusa. Trabalhadores informais: o caso dos camelôs da cidade de Marília – SP. In: BATISTA, Roberto; ARAÚJO, Renan. **Desafios do trabalho: capital e luta de classes no século XXI**. Londrina: Praxis, 2003. p. 269-292.

WITHAKER, Francisco (1998). **Redes: Uma estrutura alternativa de organização**. Disponível online: http://www.rits.org.ber/redes_teste/rd_estrutalternativa.cfm. consulta em 03.04.07

ZANELLI, José Carlos. **O Psicólogo Nas Organizações de Trabalho: formação e atividades profissionais**. Florianópolis: Paralelo 17 Editora. 1996.

ZANIN, M; SHIMBO, I; AMORIN D. **A economia solidária e formas de organização de empreendimentos na cadeia da reciclagem**. São Carlos, 2005. Mimeo.



Gostaria que os meus filhos participassem da Cooperativa. Não vejo diferença entre cortar cana e trabalhar na Cooperativa. Gosto do que faço e não gostaria de ter outra vida. Cortar cana fez eu aprender a sobreviver.

Maria de Fátima Xavier
Cooperada

APÊNDICE A - Questionário

QUESTIONÁRIO

Nome _____

Idade _____

Há quanto tempo está na Cooperlix? _____

1- Você se sente mais seguro trabalhando como:

- Empregado com carteira assinada
 ou como cooperado?

2- Você acha que aqui na Cooperlix tem alguém que manda mais que os outros?

- sim
 Não
 Às vezes

3- Na sua opinião cooperativismo é:

- Trabalho participativo de todos
 Trabalho onde alguém toma as decisões
 Distribuição de rendas igual para todos
 Recebe de acordo com a produção

4- Você acha que a Cooperlix sobrevive sem a colaboração dos apoiadores?

- Sim
 Não

Por que?

5 - Dos apoiadores quem você acha que está atuando com mais freqüência?

- Unesp
 Unoeste
 Secretaria de Ação Social
 Secretaria do Meio Ambiente
 Secretaria da Educação
 Siemaco
 Prudenco

6- Você sabe para quem é vendido o material coletado pela Cooperlix?

- Sim
 Não

7- Você tem conhecimento do preço de venda do produto coletado?

- Sim
 Não
 Em parte

8- Há reuniões periódicas (mensais) para discutir assuntos sobre a cooperativa?

- Sim
- Não
- Às vezes

9- O que é discutido nestas reuniões?

- Assuntos do dia-a-dia
- Metas da cooperativa
- Problemas de relacionamento
- Faltas ao trabalho
- Preço do material coletado
- Admissão de novos membros
- Desligamento de cooperados
- Expansão da coleta seletiva

10- Você sabe o que é, ou o que significa o sistema cooperativista?

11- Como são tomadas as decisões na Cooperlix?

12- Comente sua participação na Cooperlix?

Apêndice B:

PESQUISA DE CAMPO COM INTEGRANTES DA COOPERATIVA DE PRODUTOS RECICLÁVEIS DE PRESIDENTE PRUDENTE-SP

MARÇO DE 2004 NOVEMBRO DE 2006

ENTREVISTADO: _____

A- IDENTIFICAÇÃO

1- SEXO:

- () masculino
() feminino

2- ESTADO CIVIL

- () solteiro
() casado
() viúvo
() desquitado
() outros. Qual? _____

3- FAIXA ETÁRIA:

- () 18 a 30 anos
() 31 a 40 anos
() 41 a 50 anos
() 51 a 60 anos
() mais de 61 anos

B – ESCOLARIDADE

4. Grau de escolaridade:

- () analfabeto
() ensino fundamental incompleto
() ensino fundamental completo
() ensino médio incompleto
() ensino médio completo

5- Freqüenta o programa de alfabetização da Unesp?

- () Sim
() Não

Por que? _____

6- Frequentou cursos (s) profissionalizante (s)?

- () Sim. Quais? _____
() Não.

C – FAMÍLIA E CONDIÇÕES DE MORADIA

7. Mora em:

- () Casa própria
() Alugada
() Cedida

() Com parentes

7.1 Endereço: _____

Bairro: _____

7.2 Quantos cômodos a casa possui? (anotar quantidades).

Sala	copa	cozinha	banheiro	quartos	despensa	garagem

8. PESSOAS QUE MORAM NA CASA: (____)

Nome	Parentesco	Escolaridade	Trabalha?	Idade	Profissão	Renda

D- CONDIÇÕES DE TRABALHO

9. Há quanto tempo está na Cooperativa?

() Desde a formação inicial.

()anos e.....meses

9.1 Como teve conhecimento sobre a Cooperativa?

10. Qual sua ocupação antes de entrar na Cooperativa?

() Trabalhava no lixão.

() Não trabalhava.

() Outro. Qual? _____

11. Se trabalhava no lixão:

11.1 Quantas tempo trabalhou no lixão?anos.....meses

11.2 Como eram as condições de trabalho no lixão?

11.3 Qual a diferença entre trabalhar na Cooperativa e no lixão?

12. Quais seus dias da semana e horário de trabalho na Cooperativa?

() segunda-feira a sexta-feira

() segunda-feira a sábado

() dias alternados. Quais? _____

Das _____ às _____ e

Das _____ às _____ horas.

13. Qual (is) sua(s) atividade (s) na Cooperativa?

14. Você possui algum cargo na Cooperativa?

- () sim. Qual? _____
() não.

15. Você tem alguma atividade fora da Cooperativa?

- () sim. Qual? _____
() não.

16. Nas suas atividades profissionais, você costuma usar os equipamentos de segurança (luvas, máscaras, etc)?

- () Sim. Quais? _____
() não. Por que? _____

E AVALIAÇÃO

17. Na sua opinião as funções estão bem definidas na Cooperativa?

- () Sim.
() Não. Por que? _____
-

18. Qual seu rendimento médio mensal na Cooperativa?

- () inferior a R\$ 200,00
() de R\$ 200,00 a 300,00
() de R\$ 300,00 a 400,00
() de R\$ 400,00 a 500,00
() acima de R\$ 500,00

19 – Qual o rendimento médio mensal que você consideraria ideal na Cooperativa?

R\$ _____

20. O que você considera importante fazer para obter esse rendimento na Cooperativa?

21. Você tem algum complemento na sua renda mensal?

- () sim
() não
Caso sim:
() cesta básica
() transporte
() outros. Quais? _____

22. Você enfrenta dificuldades na Cooperativa?

- () sim
() não.
Caso sim:

- () de relacionamento
- () horário de trabalho
- () do exercício da função
- () da gerência
- () outros _____

23. O que faz com que você permaneça na Cooperativa?

- () falta de outra atividade remunerada.
- () gosta de trabalhar em grupo.
- () acredita no crescimento da Cooperativa.
- () outros. _____

24. Chegou a se arrepender de estar na Cooperativa? Por que?

- () sim
- () não

Por que? _____

25. De que forma você está contribuindo com a Cooperativa?

26. O que você espera da Cooperativa?

27. Contribuições dos parceiros à Cooperativa:

Parceiros	ótima	boa	regular	ruim	péssima
Unesp					
Unoeste					
Prudenco					
Prefeitura					
Siemaco					
Fundo Social					
Diocese					

28. Na sua opinião, o que falta para que a Cooperativa tenha menor dependência dos parceiros?

- () aumentar a coleta seletiva na cidade.
- () ter mais um caminhão.
- () ter mais cooperados
- () outros _____

De que maneira? _____

F – SAÚDE

29. O Sr. (a) teve alguma tipo de problema de saúde nos últimos quinze dias?

- () Sim. Qual _____
() Não.

30. O que o Sr. (a) acha que causou sua doença?

31. Quando adoece, quem o sr. (a) procura para se tratar?

Posto saúde	hospital	benzedeiro	remédio	Auto-medicação

32. De onde consegue os medicamentos necessários?

33. O sr. (a) considera que consegue alimentar sua família:

- () bem
() mais ou menos
() insuficiente

33.1 O que você acha necessário para uma alimentação?

34. A casa onde mora é abastecida com água encanada, possui rede coletadora de esgoto e coleta de lixo?

Água encanada:

- () sim.
() não. Como é feito o abastecimento de água?

Rede coletadora de esgoto\;

- () sim.
() não. Como é feito o descarte do lixo?

35. Você faz o descarte seletivo de resíduos em casa?

- () sim.
() não. Por que? _____
